



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

ADRIANA FEITOSA BENÍCIO DA CRUZ

**ENTRE “LIKES” E SILENCIAMENTOS: A CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES LÉSBICAS NO INSTAGRAM E OS DESAFIOS DA
REPRESENTATIVIDADE**

**CUIABÁ-MT
2026**

ADRIANA FEITOSA BENÍCIO DA CRUZ

**ENTRE “LIKES” E SILENCIAMENTOS: A CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES LÉSBICAS NO INSTAGRAM E OS DESAFIOS DA
REPRESENTATIVIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem na Área de Concentração de Estudos Linguísticos.

Orientador: Dr. Dánie Marcelo de Jesus

**CUIABÁ-MT
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

C957e Cruz, Adriana Feitosa Benício da.

Entre "likes" e silenciamentos [recurso eletrônico] : a construção de identidades lésbicas no Instagram e os desafios da representatividade / Adriana Feitosa Benício da Cruz. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 142 f., pdf). -- 2026.

Orientador: Dánie Marcelo de Jesus.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Cuiabá, 2026.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Identidades Lésbicas.. 2. Visibilidade Lésbica.. 3. Representatividade.. 4. Instagram.. I. Jesus, Dánie Marcelo de, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: ENTRE “LIKES” E SILENCIAMENTOS: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES LÉSBICAS NO INSTAGRAM E OS DESAFIOS DA REPRESENTATIVIDADE

AUTORA: MESTRANDA ADRIANA FEITOSA BENÍCIO DA CRUZ

Dissertação defendida e aprovada em 26 de fevereiro de 2026.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. DOUTOR DÁNIE MARCELO DE JESUS (PRESIDENTE BANCA/ORIENTADOR)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

2. DOUTORA BRUNA ANDRADE IRINEU (MEMBRO INTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

3. DOUTOR MÁRCIO EVARISTO BELTRÃO (MEMBRO INTERNO)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT

4. DOUTORA JAQUELINE ÂNGELO DOS SANTOS DENARDIN (SUPLENTE)

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE

Cuiabá-MT, 26 de fevereiro de 2026.



Documento assinado eletronicamente por **DANIE MARCELO DE JESUS, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 09/03/2026, às 22:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Evaristo Beltrão**, **Usuário Externo**, em 10/03/2026, às 00:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruna Andrade Irineu**, **Usuário Externo**, em 18/03/2026, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8938831** e o código CRC **CA2306EF**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres sáficas, que amam, desejam, vivem e resistem.

A cada uma que ousa existir com autenticidade, mesmo diante do silenciamento, da invisibilidade ou da violência. A cada mulher que encontra na outra um espelho, um abrigo, um mundo possível. Este trabalho é por vocês, com vocês, para que sejamos cada vez mais vistas, ouvidas e lembradas não apenas nas margens, mas também no centro das narrativas. Que o amor entre mulheres siga sendo não só afeto, mas também revolução!

AGRADECIMENTOS

A realização desta pesquisa é, antes de tudo, um gesto de amor, resistência e gratidão. Este trabalho só foi possível graças às pessoas que, de diferentes maneiras, acreditaram em mim, me acompanharam e me sustentaram nos momentos de dúvida, cansaço e reinvenção.

Agradeço, com profunda admiração, ao meu orientador, professor Dr. Dánie Marcelo de Jesus, pela escuta atenta, pela sensibilidade intelectual e pela firmeza ética que me acompanharam ao longo de todo este percurso. Sua orientação ultrapassou os limites do fazer acadêmico, transformando-se em um verdadeiro exercício de humanidade, liberdade e afeto. Sua confiança em meu trabalho e suas provocações teóricas foram fundamentais para que eu pudesse encontrar voz, rigor e coragem nesta pesquisa.

Estendo minha gratidão à professora Dr^a Mariana Bolfarine, que foi minha orientadora na graduação, cuja presença foi essencial na construção da base que hoje sustenta minha trajetória acadêmica. Ainda que eu tenha seguido outros caminhos além da literatura, foi por meio de suas aulas, leituras e incentivos que aprendi a valorizar o gesto de pensar criticamente e com sensibilidade; sem seus ensinamentos sobre linguagem, leitura e escuta atenta às vozes silenciadas, muito do que construí aqui não teria sido possível. Agradeço, igualmente, à professora Dr^a Ana Paola de Souza Lima, que também fez parte da minha formação na graduação. Sua dedicação ao ensino e sua postura inspiradora reforçaram em mim a importância de uma educação comprometida com a diversidade, com o diálogo e com a transformação social.

Além disso, aproveito para agradecer a todas e todos os professores que tive a grande honra de conhecer na pós-graduação e compartilhar o espaço acadêmico, que é tão necessário e fundamental para a construção do pensamento crítico, da escuta plural e do respeito às diferenças. Cada disciplina, cada diálogo e cada orientação contribuíram, de maneira singular, para ampliar meu olhar sobre a linguagem, a pesquisa e a vida. Sou grata pelas trocas generosas, pelos debates provocadores e pela inspiração constante de ver na docência e na pesquisa não apenas um ofício, mas um compromisso ético e transformador com o mundo.

Carrego um sentimento de profunda gratidão à Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, pela oportunidade

de aprendizado e pelo espaço de reflexão, onde pude transformar inquietações pessoais em pesquisa e resistência.

Às mulheres lésbicas e sáficas que inspiraram este trabalho, dentro e fora das redes, minha gratidão mais sincera. Suas existências, gestos, palavras e silêncios foram matéria viva desta dissertação. Que este texto possa, de alguma forma, retribuir em visibilidade, reconhecimento e respeito aquilo que me ensinaram sobre coragem e amor.

Aos meus amigos e colegas de jornada acadêmica, que estiveram comigo nos debates, nas risadas e nas partilhas que aliviaram o peso dos dias, a cada um, meu carinho e respeito.

À minha família, que, mesmo sem compreender todos os caminhos que escolhi, me deu o alicerce para seguir acreditando que o conhecimento também é uma forma de cuidado. Em especial, agradeço às mulheres da minha vida, minha mãe, irmã e sobrinha, por me ensinarem a força da ternura e o poder de seguir em frente.

Por fim, agradeço a mim mesma, por não desistir, pelo gesto de coragem de seguir em frente mesmo com tantos silenciamentos e conseguir enfrentar meus medos e desafios. Por continuar acreditando que pesquisar é também um ato de resistência e que escrever sobre amor entre mulheres é um modo de existir politicamente. Este trabalho é uma celebração da palavra, do afeto e da presença, um testemunho de que somos muitas, estamos aqui e seguimos escrevendo e dialogando sobre nossas próprias histórias.

Em nome do silêncio, cada uma de nós evoca a expressão de seu próprio medo – o medo do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação. Mas acima de tudo, penso que tememos a visibilidade sem a qual não vivemos verdadeiramente (Lorde, 2019, p. 51).

RESUMO

Em um contexto social e político ainda marcado por discursos conservadores, desigualdades de gênero e pela persistência da heteronormatividade como norma cultural, a visibilidade lésbica segue enfrentando apagamentos, estigmas e exclusões históricas. As redes sociais digitais, contudo, têm se configurado como espaços de resistência, onde mulheres que amam mulheres constroem narrativas próprias de afeto, pertencimento e enfrentamento. Nesse cenário, esta pesquisa analisa a construção das identidades lésbicas no Instagram, entre os anos 2018 e 2019, investigando os comentários das postagens de três perfis com conteúdos voltados às mulheres sáficas, sendo eles: @sapataodramas, @lesbicalizando_ofc e @elasseamamof. O estudo foi realizado a partir de uma abordagem autoetnográfica e netnográfica; baseando-se nos conceitos de pesquisadores como Christine Hine (2020) e Norman Kent Denzin (2017), buscou-se compreender como esses discursos produzem visibilidade e resistência diante de mecanismos de silenciamento e regulação algorítmica, por meio dos comentários postados nos perfis durante o recorte do período analisado, visto que estava ocorrendo uma transição na política brasileira. O estudo fundamenta-se em perspectivas feministas, pós-estruturalistas e decoloniais, dialogando com autoras como Audre Lorde (1988, 2009), Gloria Anzaldúa (2000), Judith Butler (2018), Donna Haraway (1995), Adrienne Rich (2012) e Tania Navarro Swain (2001, 2004), cujas reflexões sobre corpo, identidade, performatividade, fronteira e lesbianidade orientam a análise crítica das práticas discursivas observadas. Os resultados apontam que o Instagram é um espaço paradoxal: ao mesmo tempo que possibilita a afirmação de identidades lésbicas e a criação de redes de apoio, também reproduz censuras e hierarquias algorítmicas que limitam a visibilidade lésbica. Logo, reconhece que as práticas discursivas, visuais e afetivas analisadas configuram formas de (re)existência política, nas quais lesbianas ressignificam sua presença no espaço digital e desafiam a lógica heterocentrada. Assim, esta pesquisa oportuniza reflexões para as pesquisas de gênero e sexualidade e contribui para as investigações sobre mídia, linguagem e representatividade, reafirmando a potência das narrativas lésbicas na construção de novos modos de existir, amar e resistir.

Palavras-Chave: Identidades Lésbicas. Visibilidade Lésbica. Representatividade. Instagram.

ABSTRACT

In a social and political context still marked by conservative discourses, gender inequalities, and the persistence of heteronormativity as a cultural norm, lesbian visibility continues to face erasure, stigma, and historical exclusion. Digital social networks, however, have increasingly become spaces of resistance, where women who love women construct their own narratives of affection, belonging, and confrontation. Within this scenario, this study analyzes the construction of lesbian identities on Instagram between 2018 and 2019, examining the comments on posts from three profiles dedicated to sapphic women: @sapataodramas, @lesbicalizando_ofc, and @elasseamamof. Conducted through an autoethnographic and netnographic approach, and grounded in the theoretical contributions of researchers such as Christine Hine (2020) and Norman Kent Denzin (2017), the study seeks to understand how these discourses produce visibility and resistance in the face of mechanisms of silencing and algorithmic regulation, as reflected in the comments posted on the profiles during the period analyzed, which coincided with a moment of political transition in Brazil. The research draws on feminist, poststructuralist, and decolonial perspectives, engaging with authors such as Audre Lorde (1988, 2009), Gloria Anzaldúa (2000), Judith Butler (2018), Donna Haraway (1995), Adrienne Rich (2012), and Tania Navarro Swain (2001, 2004), whose reflections on the body, identity, performativity, borderlands, and lesbianhood guide the critical analysis of the discursive practices observed. The findings indicate that Instagram constitutes a paradoxical space: while it enables the affirmation of lesbian identities and the creation of support networks, it also reproduces forms of censorship and algorithmic hierarchies that constrain lesbian visibility. Thus, the study recognizes that the discursive, visual, and affective practices analyzed constitute forms of political (re)existence through which lesbians re-signify their presence in digital spaces and challenge heterocentric logics. This research therefore offers important reflections for gender and sexuality studies and contributes to investigations on media, language, and representativity, reaffirming the power of lesbian narratives in shaping new ways of existing, loving, and resisting.

Keywords: Lesbian Identities. Lesbian Visibility. Representativity. Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Instagram @sapataodramas, conhecida página de humor sáfico no Instagram. A imagem reúne elementos discursivos e visuais que mobilizam ironia e afetividade como formas de enfrentamento à lesbofobia cotidiana.	57
Figura 2 - Instagram @lesbicalizando_ofc, página que se dedica à visibilidade e ao ativismo lésbico no Instagram. As postagens articulam uma linguagem militante e estética digital para reafirmar a identidade sáfica como existência política.	58
Figura 3 - Instagram @elasseamamof, página voltada à celebração de afetos sáficos no Instagram.	59
Figura 4 - Fluxograma de dados, processos realizados pelo algoritmo da linguagem de programação Python	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de publicações dos perfis no período de 2018 a 2019	61
Quadro 2 - Dados gerados de palavras ofensivas à comunidade sáfica.....	62
Quadro 3 - Palavras-chave por categoria	62

LISTA DE ABREVIATURAS/SIGLAS

GALF	Grupo de Ação Lésbica Feminista
LF	Grupo Lésbico-feminista
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
LGBT+	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros e outras identidades
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais e outras identidades
LGBTIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais, Assexuais e outras identidades
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não binários e outras identidades
STF	Supremo Tribunal Federal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Capítulo 1: fundamentos teóricos para compreender o contexto lésbico nas mídias digitais	25
1.1 Performatividade e gênero	27
1.2 Linguagem e identidade	31
1.3 Epistemologias sáficas	34
1.4 Mídias digitais entre contextos e discursos	40
Capítulo 2: caminhos metodológicos para mapear vivências sáficas no Instagram	48
2.1 A pesquisa autoetnográfica e netnográfica	50
2.2 Lócus da pesquisa	54
2.3 Geração de dados.....	60
Capítulo 3: análise das narrativas e a construção das identidades online	67
3.1 A identidade lésbica e os desafios enfrentados em suas vivências	70
3.1.1 Autoaceitação e resistência afetiva.....	71
3.1.2 Rejeição familiar e impactos na saúde mental	76
3.1.3 Lesbofobia e controle dos corpos nos espaços públicos	78
3.1.4 A reprodução dos discursos normativos em relacionamentos sáficos.....	80
3.2 Os discursos perpetuados em uma rede social de apoio	86
3.2.1 Novas relações e afetos: uma vida menos solitária	88
3.2.2 Apoio emocional	94
3.2.3 Sentimentos empáticos	97
3.2.4 Conselhos simbólicos	99
3.3 A representatividade mediante as narrativas de afeto entre mulheres	106
3.3.1 A intensidade emocional nos relacionamentos sáficos expressados nos discursos digitais	107
3.3.2 Autodescoberta no olhar do outro: o amor como revelação	111
3.3.3 Troca e reciprocidade: o amor como prática cotidiana.....	113
3.3.4 A idealização do amor como salvação	115
3.4 Luta contra preconceitos sociais e familiares	117
3.4.1 Negociações familiares e resistências cotidianas	119

3.4.2 A estética lesbiana: visibilidade, normatividade e performatividade de gênero	123
3.4.3 Amor e medo nas ruas: a demonstração de afeto e disputa por espaços públicos.....	126
3.4.4 Infiltração conservadora nas redes.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS	135

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu das minhas inquietações e vivências¹ enquanto mulher lésbica em uma sociedade heteronormativa e misógina. Por partir de minhas próprias experiências, opto por escrever esta dissertação na primeira pessoa. Dessa forma, considero relevante mencionar que o meu lugar de fala² é de uma mulher branca, cisgênera³, feminista, professora da rede pública de ensino, nascida na década de 90 e oriunda do interior de Mato Grosso – Brasil. Assumo que sou uma mulher com privilégios e que apesar de fazer parte da comunidade LGBTQIAPN+⁴ nunca me foram negados os espaços em virtude da minha orientação sexual. Acredito que um dos motivos seja pela forma como expresso características consideradas femininas, o que, segundo Judith Butler (2018), pode ser compreendido como uma performatividade de gênero. Diante disso, faço uma breve contextualização sobre as minhas experiências pessoais, para que o leitor compreenda o objetivo desta pesquisa e como será abordada ao longo da leitura.

Desde adolescente, descobri que alguns afetos que sentia por mulheres eram mais que uma mera admiração, e iam muito além do que era considerado amizade. A falta de representatividade e conhecimento sobre quem eu era/sou e o que estava acontecendo naquele período de descobertas me fez acreditar que todo esse sentimento era passageiro ou que estaria precisando de algum acompanhamento psiquiátrico. Viver em uma conjuntura alicerçada pelos discursos da cisheteronormatividade faz que as identidades que não seguem esse padrão sejam consideradas “doentes”⁵.

Assim, fui me privando de estar com pessoas com quem gostaria de estar, de me expor por receio de julgamentos, e cada vez mais me minimizando, deixando de ser quem eu era para me enquadrar no que era considerada a normatividade. Fui reprimindo desejos, gostos, vontades, sentimentos por medo da opinião de outras pessoas. Acredito que essa etapa de conhecer a si próprio não é algo fácil e simples, ainda mais quando é alguém que não se encaixa nos padrões sociais.

¹ De acordo com a pesquisadora Shulamit Reinharz (1992, p. 258), “muitas pesquisadoras feministas descrevem como seus projetos se originam e fazem parte de suas próprias vidas”.

² A pesquisadora Djamilia Ribeiro (2017, p. 50) respalda a importância de se pensar o lugar de fala como uma estratégia de rompimento com o silêncio instituído por quem é inferiorizado, manifestando o movimento com a hierarquia.

³ Termo utilizado para nomear pessoas que se identificam com seu gênero de nascimento.

⁴ LGBTQIAPN+ sigla que compõe as orientações sexuais e identidades de gênero, significando: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários e o “+” representa a inclusão de outras sexualidades e identificações.

⁵ Segundo Adrienne Rich (2012, p. 35), é pressuposto que as mulheres, em sua maioria, são heterossexuais de “modo inato” e assim, de certa forma, apaga-se a existência lésbica historicamente ou é classificada como doença.

Cresci em uma família de classe social baixa, que era composta por grandes mulheres: minha irmã mais velha e minha mãe, que apesar de não ter tido a oportunidade de ter escolaridade, criou as filhas com maestria. Serei sempre grata a ela por isso. Por termos uma condição financeira precária, após anos de trabalho e economias sendo feitas, em 2010 tivemos acesso ao primeiro computador e à Internet.

Com esse contato mais próximo com as mídias digitais, foi-me mostrada uma nova comunicação: a virtual, que era realizada por meio das redes sociais. Histórias e experiências parecidas com a que eu estava vivenciando foram sendo compartilhadas por mensagens. Com isso, fui percebendo que não havia nada de errado em ser quem eu era e, aos poucos, fui tendo orgulho da minha lesbianidade. Percebi que as vivências lesbianas eram coletivas e eu não estava sozinha!

Entre os anos de 2010 e 2012, quando me reconheci como mulher que se relacionava com outras mulheres, embora no início me identificasse ainda como bissexual, justamente por estar atravessada pela lógica da heterossexualidade compulsória, vivenciei um processo de construção identitária marcada por dúvidas, deslocamentos e negociações internas. Por mais que os movimentos feministas e LGBTQIAPN+ já estivessem presentes, percebia em meu cotidiano (na escola, nos espaços familiares e até mesmo em círculos de amizade) a predominância de discursos cisheteronormativos e falocêntricos, que silenciavam ou deslegitimavam existências como a minha. Muitas mulheres que vivem relacionamentos homoafetivos e sexuais com outras mulheres não têm a prática de dialogar com outras lésbicas, o que resulta na ausência de espaços de diálogo onde podemos expressar abertamente nossos desejos e vontades. Com isso, vai se criando uma trajetória solitária, gerando sentimentos de solidão, inseguranças que nos atravessam ao longo da vida e a constante carência de compartilharmos conversas e nos sentirmos representadas por meio delas.

Com a falta de representação, o silenciamento, a invisibilidade e a repercussão de falas preconceituosas e estereotipadas que eram legitimadas pela sociedade, passei a tentar me encaixar dentro de um “armário”⁶ até não conseguir mais “respirar”, sufocada por toda essa opressão. Aos poucos, me libertei de certas amarras sociais e, para isso, considero que o acesso às redes sociais foi de grande importância para a trajetória de aceitação da minha identidade. A Internet traz o grande benefício de conectar pessoas com interesses em comum e aproximar aquelas que compartilham experiências de vida

⁶ A pesquisadora Eve Kosofsky Sedgwick (2007, p. 22) complementa que o armário está continuamente presente na vida de pessoas homossexuais, até mesmo para quem já se assumiu.

semelhantes, tornando nosso caminho menos solitário e então percebemos que não estamos sozinhas.

Atualmente, entendo o quão eram, e ainda continuam sendo, problemáticos esses discursos estereotipados que cresci ouvindo. Hoje, percebo que se identificar como sapatão⁷ vai além de vivenciar a própria sexualidade, é também uma expressão de posicionamento político⁸. Outra questão que observo é a marginalização da palavra "lésbica"; muitas mulheres encontram dificuldade em expressá-la, enquanto a palavra "gay" é socialmente percebida de forma mais suave e menos carregada de estigmas. A ativista Lela Gomes (2022) comenta em seu artigo “Mulher gay não. Eu sou lésbica!” que, em 2008, a letra L passou a ser colocada na frente da sigla, para que fosse mais visibilizada. No entanto, a sigla continua sendo marginalizada, pois está enraizada no machismo. Para a ativista, é importante reafirmarmos a nossa existência e ressignificarmos a palavra “lésbica”⁹.

Sob essa ótica, esta pesquisa utilizará a palavra "lésbica" diversas vezes, a fim de reconhecer as lutas de tantas mulheres que enfrentaram os paradigmas sociais para que fossem respeitadas e visibilizadas socialmente. Mas, para evitar repetição e tornar a leitura mais fluida, será substituída por termos como sáfico(a)¹⁰, lesbiana(s), mulheres que amam outras mulheres, homossexualidade feminina, sapatão, entre outros que podem fazer referência a esse vocábulo.

Saliento que as interpretações e análises realizadas nesta pesquisa são motivadas pelo desejo de compreender os modos de representação e resistências das identidades sáficas nas redes sociais. Me posiciono criticamente diante das formas como os corpos lésbicos são expostos nas mídias, com um aporte teórico feminista, no qual tenho como base pesquisas que em sua maioria foram realizadas por mulheres sáficas. Desse modo, optei por referenciar as pesquisadoras pelo nome completo, reconhecendo e valorizando

⁷ Hoje em dia, a palavra “sapatão” é utilizada como forma de resistência, de autoafirmação e de não ter receios dos julgamentos que surgirão a partir disso. No entanto, a artista, ativista e pesquisadora Vange Leonel (2001, p. 68) complementa que o termo “foi considerado um xingamento, algo pejorativo mesmo, ao referir-se às lésbicas mais masculinizadas. Mas como acontece com muitas palavras originalmente cunhadas para ofender, ela foi transformada pelas próprias lésbicas em algo mais simpático...”.

⁸ A ativista afro-dominicana Ochy Curiel (2007, p. 5) acredita que é essencial nomear e reconhecer a identidade lésbica, pois ela constitui um conceito político que permite articulação e oferece ferramentas de intervenção fora das dinâmicas predominantemente associadas às lógicas gay, masculina, trans e travesti.

⁹ A palavra teve origem com a poetisa grega Safo, da ilha de Lesbos, na Grécia Antiga, que viveu no século 6 a.C.; suas escritas eram destinadas às mulheres. Sendo assim, a expressão “lésbica” designa “alguém de Lesbos”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/bbc/2019/04/21/safo-a-poeta-de-lesbos-cuja-visao-sobre-amor-e-sexo-atraversa-26-mil-anos.htm>. Acesso em: 26 jan. 2025.

¹⁰ Essa palavra também teve origem com a poetisa grega Safo. O termo retrata mulheres que tenham atração, exclusiva ou não, por outras mulheres. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/cultura-gay/o-que-significa-o-termo-safico-ou-safismo/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

suas identidades individuais em todas as citações e menções realizadas neste estudo acadêmico.

Considerando o contexto histórico das lutas feministas e lésbicas, bem como a atuação contínua dos movimentos sociais na Internet e a influência das mídias digitais na configuração do poder político, reafirmo, como pesquisadora feminista, a importância do ambiente virtual para adolescentes que, assim como eu, encontraram suporte, identificação e pertencimento por meio de interações e diálogos com outras meninas. É por elas que desejo um ambiente onde não precisem se deparar com postagens que tratem suas identidades como algo errado, objetificado ou doentio. Esses espaços digitais possibilitam trocas essenciais, fortalecendo laços e promovendo reconhecimento mútuo em meio às dinâmicas sociais que, muitas vezes, invisibilizam essas vivências.

Meu posicionamento não vem só do fato de fazer parte de um grupo que busca reconhecimento e igualdade, mas também da certeza de que é urgente enfrentar e transformar as estruturas sociais, culturais e midiáticas que ainda impõem regras e modos de ser às mulheres, sempre sob o controle de uma lógica masculina dominante. A escritora e feminista francesa Monique Wittig (1992, p.40) menciona um “contrato social”, que seriam as regras e convenções sociais; isso consiste em “que viver em sociedade é viver em heterossexualidade”. E quando nós mulheres homossexuais rompemos com esse contrato, não somos consideradas mulheres, como a autora afirmou em 1978, na conferência anual *Modern Language Association*, em Nova York, que “lésbicas não são mulheres” (Wittig, 1992).

Com base nesse entendimento, minha trajetória acadêmica se torna um espaço de resistência e diálogo, dedicado a valorizar a autonomia e a diversidade das experiências de mulheres que amam outras mulheres. Com o intuito de aprofundar a investigação sobre as identidades lésbicas, especialmente no contexto da comunicação virtual, realizei um levantamento do estado da arte para identificar as produções concluídas durante os anos de 2018 a 2024 e constatei uma limitada produção sobre essa temática. Trata-se de um assunto interdisciplinar que foi abordado a partir de diversas áreas do conhecimento, como Educação, Políticas Públicas em Direitos Humanos, Comunicação, Psicologia, Literatura e Interculturalidade, Ciências Humanas e Serviço Social.

Começando pela dissertação de Ju Motter (2018), na área de Direitos Humanos e Cidadania, a autora construiu um testemunho sobre o discurso de ódio experienciado por três ativistas lésbicas na internet, tendo como ênfase as redes sociais. Ele cita os debates sobre Direito, discurso de ódio e liberdade de expressão. Foram realizadas entrevistas ao

longo de seu projeto, com três mulheres para contar suas experiências nas redes sociais. O pesquisador relata que houve uma naturalização das narrativas de violências. Para que não fomentasse essa violência, buscou outros percursos para abordar as violações, que foram a linguagem, sendo utilizada como forma de resistência. Segundo ele, as entrevistadas afirmaram a necessidade de dialogar sobre o ódio e construir uma compreensão subjetiva do que acontece com elas nas redes.

O estudo de Flávia Blanco Lira (2019), relacionado ao campo da Comunicação, investigou as narrativas veiculadas pela mídia, tanto de forma digital quanto impressa, e também em produções audiovisuais, literárias e artísticas, tendo como hipótese construções de discursos que vão na contramão das lutas feministas. O resultado permitiu mostrar como as histórias foram sendo contadas e como as mídias digitais contribuíram para os apagamentos, estereótipos e invisibilização das identidades lésbicas. Diante disso, a autora concluiu que há uma necessidade de ampliar espaços de representação e de construção de narrativas próprias, capazes de romper com a lógica midiática excludente e, assim, afirmar a diversidade das experiências sáficas.

Por meio das narrativas de jovens lésbicas em redes sociais constituindo-se em seus processos de identização, a pesquisadora Camila Bonin Liebgott (2023) considerou as relações com os itinerários pessoais, ações coletivas e a luta contra a lesbofobia. Em sua pesquisa, na área da Educação, utilizou uma abordagem etnográfica tanto na análise de perfis de mulheres lésbicas no Instagram quanto nas narrativas produzidas por elas sobre suas trajetórias, experiências de lesbofobia e práticas de resistência. O recorte de sua pesquisa foram o período da pandemia Covid-19 e o isolamento social, verificando maior adesão ao ativismo nas redes sociais por parte de ativistas lésbicas. A autora percebeu os limites do ativismo no Instagram através de grandes corporações e subordinados às Inteligências Artificiais que operacionalizam algoritmos que excluem e invisibilizam sujeitos e pautas on-line. Concluiu que a luta dessas mulheres pela construção de identidades nas mídias digitais está diretamente ligada ao direito de existir e resistir frente às estruturas racistas, sexistas e LGBTfóbicas.

Outra investigação relacionada às lesbianidades é da pesquisadora Bárbara Ynayê Cordeiro de Medeiros (2023), na área da Psicologia. Ela identificou as produções a respeito da dupla maternidade homoafetiva por mulheres homossexuais no Instagram. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se de legendas de postagens encontradas nos perfis dessas mulheres, identificando discussões sobre amamentação, vivência da LGBTfobia, papéis de gênero e parentalidades ao cuidado emocional junto às crianças. Demonstrou

que as postagens de mães em casais homoafetivos funcionam como narrativas de resistência e visibilidade, além de produzirem discursos de legitimação da maternidade lésbica, ampliando debates sobre a diversidade familiar.

Essas produções estão relacionadas ao contexto midiático e às invalidações que mulheres lésbicas enfrentam nesses espaços. Por meio desse mapeamento das pesquisas realizadas e dos resultados que elas trouxeram, verifiquei lacunas, especialmente no que diz respeito à identidade lésbica, sua representatividade e seu posicionamento nas redes sociais em um contexto político que fomentava a perseguição de grupos marginalizados socialmente. Foi nesse ponto que delinee o recorte metodológico, orientando a investigação para compreender como os mecanismos midiáticos, incluindo algoritmos e práticas discursivas, participam da manutenção ou do rompimento dessas dinâmicas de invisibilização.

Apesar de essas pesquisas estarem voltadas à temática lésbica, esse assunto ainda enfrenta constante apagamento e silenciamento, tanto nas instituições acadêmicas quanto dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Esse fenômeno tem raízes profundas no machismo, no patriarcado e na misoginia, estruturas de opressão que se perpetuam ao longo da história e marginalizam mulheres, especialmente aquelas que fogem da heteronormatividade. Os discursos opressivos sobre as mulheres têm sido perpetuados ao longo das gerações, frequentemente naturalizados e até mesmo reproduzidos de modo inconsciente por outras mulheres e por membros da própria comunidade. Tais atitudes, aparentemente espontâneas, resultam de um processo cultural, no qual a heterossexualidade compulsória ocupa um papel central na manutenção dessas normas.

Conforme essa ideia, a professora historiadora e feminista Tania Navarro Swain (2004, p. 13) questiona: “Se a História não fala das relações físicas e emocionais entre as mulheres é porque não existiram? Ou porque a existência representa a desestabilização e o caos na ordem ‘natural’ e ‘divina’ da heterossexualidade dominada pelo masculino?” Estas indagações me fizeram refletir sobre a representação lesbiana e o quanto ainda é problemática sua visibilização nos meios acadêmicos e sociais. Swain (2004, p. 15) compreende a existência de uma “política de esquecimento”, que oculta o que não se refere à moralidade, às convicções, aos costumes, à conservação das tradições e aos valores dominantes em um determinado tempo.

Diante das análises dos estudos acadêmicos realizados, percebo que há uma significativa ausência de pesquisas no âmbito da Linguística Aplicada, que apresenta um grande potencial para contribuir com novas perspectivas e preencher essas ausências. A

linguista Inês Signori (2014, p. 5) afirma que os trabalhos alinhados com a Linguística Aplicada inter/transdisciplinar adotam uma abordagem metarreflexiva e crítica, assim destacando as temáticas de “representação e análise do sujeito, da subjetividade, dos processos de subjetivação, bem como do contexto e dos processos de re-contextualização e deslocamento”. Desse modo, o trabalho impulsiona uma reflexão voltada à linguagem comunicacional no meio virtual, considerando a homossexualidade feminina dentro deste contexto.

Ao compreender o impacto das redes sociais como ambientes de visibilidade e representação para mulheres lésbicas, busco analisar os comentários nas postagens de três perfis do Instagram: @sapataodramas, @lesbicalizando_ofc e @elasseamamof. A escolha foi realizada após uma investigação sobre os perfis voltados aos conteúdos sáficos que tinham mais seguidoras(es). Quanto ao recorte temporal, os comentários foram coletados durante o período de 2018 a 2019, momento significativo para a população brasileira, pois abrange a transição do governo de Michel Temer para o de Jair Bolsonaro, no qual o discurso conservador ganhou força no Brasil, influenciando diretamente as narrativas e interações nas plataformas digitais.

Ao desenvolver as ideias propostas, a pesquisa alinha-se com os fundamentos dos “saberes localizados” da filósofa Donna Haraway (1995, p. 21), que reconhece o conhecimento como algo parcial, situado e enraizado em contextos específicos, contudo, sem ignorar as conexões, trocas, diálogos e traduções entre diferentes perspectivas e localizações. Portanto, entende-se que todo conhecimento é produzido a partir de uma perspectiva específica, seja ela marcada por gênero, raça, classe, cultura ou localização geográfica.

Relacionando esse conceito com as histórias que vivi e que tantas outras também viveram ou ainda vivem, reflito sobre o ato de se reconhecer e se reafirmar, sem medo do que poderá acontecer. Até quando precisaremos validar nossa existência e reafirmar que também temos direitos em todos os espaços? A representatividade não é apenas ocupar um lugar, mas ter nossas realidades compreendidas, sermos respeitadas e não apenas toleradas ou objetificadas dentro do ambiente social e virtual. A partir dessas reflexões, tenho com objetivo nesta:

- a) Compreender como a rede social Instagram contribui para o fortalecimento de comunidades lesbianas e para a articulação de lutas por reconhecimento e direitos.
- b) Investigar e problematizar os discursos a partir dos comentários dos perfis selecionados.

- c) Analisar criticamente os comentários publicados considerando o seu contexto histórico e político.

Para nortear a pesquisa, trago alguns questionamentos:

- Como os perfis que produzem conteúdos sáficos podem contribuir para a visibilização dessas identidades e para a redução da solidão lésbica?
- Quais foram os temas mais frequentes nos comentários relacionados às postagens dos perfis analisados no período selecionado?
- Como o contexto histórico e político se refletiu nas narrativas dos comentários?

Com as perguntas apresentadas, os procedimentos metodológicos utilizados para responder às indagações e alcançar os objetivos adotados foram a abordagem qualitativa, que se desenvolveu a partir dos dados gerados e das análises por meio dos comentários das postagens dos perfis das influenciadoras no Instagram. Como metodologia aplicada, foram empregadas a autoetnografia e a etnografia virtual, que auxiliaram no desenvolvimento e na construção dos argumentos voltados ao campo virtual. Assim, nesta pesquisa, busco contribuir com a Linguística Aplicada a partir de uma perspectiva crítica, interseccional e situada, ao analisar como os discursos nas redes sociais revelam tanto as práticas de resistência quanto as formas de opressão vivenciadas por mulheres lésbicas no Brasil contemporâneo.

Na introdução deste trabalho, tive como objetivo apresentar as motivações que impulsionaram a realização da pesquisa, explicitar os objetivos, as perguntas norteadoras, apresentei um estado da arte referente aos estudos realizados em torno da temática e algumas considerações teóricas iniciais que orientam as análises desenvolvidas ao longo da dissertação. Busquei contextualizar o leitor, fazendo um recorte temporal em que situo o estudo num cenário histórico-político e social com a transição política e os desafios em torno desse momento, especificamente para os perfis selecionados na rede social Instagram.

Além desta seção introdutória, a dissertação está organizada em três capítulos e uma seção final. No Capítulo 1, apresento a fundamentação teórica, discutindo conceitos centrais, como performatividade de gênero, construção de identidades, epistemologias sáficas e o papel das mídias digitais na visibilidade e invisibilidade de mulheres lésbicas no Instagram. No Capítulo 2, descrevo os procedimentos metodológicos adotados, com ênfase nas abordagens autoetnográfica e netnográfica, detalhando o lócus da pesquisa, os critérios de seleção e os processos de geração de dados. No Capítulo 3, analiso os dados,

organizados em eixos temáticos que abordam vivências, afetos, estratégias de resistência e disputas no ambiente digital. Por fim, na seção de Considerações Finais, retomo os principais resultados, destacando as contribuições e possíveis desdobramentos da pesquisa.

Com o propósito de valorizar a escrita de autoria feminina, os capítulos serão acompanhados de epígrafes compostas por textos escritos por mulheres, que dialogarão com os conceitos que serão abordados. Desta forma, proponho dar visibilidade a tantas vozes de mulheres lésbicas que foram silenciadas, reforçando a resistência e a representatividade exercidas nesta pesquisa.

Capítulo 1: fundamentos teóricos para compreender o contexto lésbico nas mídias digitais

Meu lesbianismo é a avenida que me permitiu compreender melhor o silêncio e a opressão, e continua sendo o mais claro lembrete de que não somos seres humanos livres¹¹ (Cherrie Moraga, 1988, p. 21)¹²

Ao investigar a construção de identidades sáficas na rede social Instagram e os desafios da representatividade de mulheres lésbicas, proponho articular uma base teórica que contemple a complexidade dos atravessamentos entre linguagem, gênero, sexualidade, raça e mídia digital. Considerando a natureza interdisciplinar do objeto, escolho uma organização sistemática em quatro eixos temáticos, que possibilitam uma abordagem analítica mais coerente e dialógica entre os campos dos estudos de linguagem, das teorias feministas e dos estudos queer.

Nesta pesquisa, os conceitos de discurso, resistência e visibilidade são compreendidos de forma situada e interligada ao campo dos estudos feministas e da linguagem. Entendo discurso como práticas sociais que moldam sentidos, constroem identidades e sustentam relações de poder, não se limitando ao que é dito, mas estendendo-se à forma como o dizer produz realidades, seguindo contribuições de Michel Foucault e das análises do discurso. Já o termo resistência não é utilizado apenas como oposição direta à dominação, mas como gesto cotidiano, afetivo e simbólico de

¹¹ Original: Mi lesbianismo es la avenida que me ha permitido comprender mejor el silencio y la opresión, y sigue siendo el más claro recordatorio de que no somos seres humanos libres.

¹² Cherrie Moraga é uma escritora, dramaturga, ensaísta e ativista chicana (mexicano-americana) nascida em 25 de setembro de 1952, na Califórnia, EUA. Ela é uma das vozes mais importantes no feminismo lésbico de cor e no movimento chicano, sendo reconhecida por sua produção literária e militância que articulam questões de raça, gênero, sexualidade e classe social.

reexistência frente a normas heterocisnormativas e padrões hegemônicos. Por fim, visibilidade é tratada de forma ambivalente: ao mesmo tempo em que ser vista pode significar reconhecimento e pertencimento, também pode expor mulheres lésbicas à vigilância, violência e ao controle. Ao longo do trabalho, essas noções são mobilizadas em diferentes camadas e contextos, compondo o arcabouço teórico e ético que sustenta esta investigação.

A organização da fundamentação parte do entendimento de que a identidade não é uma essência estável, mas uma construção histórica e discursiva, perpassada por relações de poder. Assim, no primeiro eixo, "Performatividade e Gênero", discuto os modos como o gênero é performatado socialmente, com base na teoria da performatividade de Judith Butler e em autoras(es) que problematizam a heteronormatividade e o apagamento lésbico. No segundo eixo, "Linguagem e Identidade", exploro os discursos como práticas sociais constitutivas das subjetividades, ressaltando o papel da linguagem na construção de sentidos sobre si e sobre o outro.

No terceiro eixo, "Epistemologias Sáficas", busco valorizar os saberes produzidos por mulheres lésbicas a partir de suas experiências concretas, historicamente silenciadas. Aqui, conceitos como interseccionalidade e racismo algorítmico permitem evidenciar como os marcadores de diferença operam em conjunto para reforçar exclusões, inclusive em ambientes digitais. Já no quarto tópico, "Mídias Digitais e Discurso", reflito sobre as formas de (in)visibilização de sujeitos sáficos nas redes sociais, problematizando tanto os dispositivos de controle e vigilância quanto as estratégias de resistência e reexistência nesse espaço. Nesses eixos, abordarei, a todo momento, o contexto no qual a pesquisa foi delimitada, evidenciando, assim, os recortes teóricos e metodológicos que orientaram sua construção, bem como as escolhas necessárias diante das possibilidades e limites do campo investigado.

Metodologicamente, a pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa, informada por pressupostos dos estudos discursivos e da análise cultural. Epistemologicamente, parte-se de uma perspectiva situada e comprometida com as lutas sociais, reconhecendo-se que todo conhecimento é produzido a partir de posições específicas no mundo. Desse modo, considero que falar sobre identidades lésbicas implica também falar a partir de um lugar de enunciação que reconhece a importância da escuta, do corpo, da experiência e da historicidade.

1.1 Performatividade e gênero

A compreensão das identidades de gênero e sexualidade como construções sociais é fundamental para a análise de experiências lésbicas em espaços digitais e sua representação nesses ambientes virtuais. A filósofa Judith Butler (2018, p. 35) afirma que “ser” um sexo ou gênero é impossível, pois as identidades são efeitos de processos discursivos mediante um “truque performativo”. Tal performatividade implica que o gênero é produzido por meio de práticas discursivas e corporais que se repetem no tempo, criando a ilusão de uma identidade estável.

Stuart Hall (2006, p. 48) reconhece que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Essa perspectiva permite compreender que a noção de pertencimento nacional, assim como as identidades de gênero, sexuais e raciais, é moldada por processos históricos e midiáticos que estabelecem normas, exclusões e hierarquias.

Diante disso, as identidades são construções que se formam ao longo da vida, por meio de práticas sociais que reproduzimos e que, ao mesmo tempo, nos constituem. Elas influenciam diretamente nossos comportamentos, relações e modos de existir no mundo. Para Butler (2018, p. 178), o “gênero não deve ser construído como uma identidade estável [...] o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos”. A autora brasileira Joana Plaza Pinto (2007, p. 2-3) comenta que, ao determinar o que é masculino ou feminino durante as conversas cotidianas, determina-se o que é chamado “representações de gênero”. No caso das identidades lésbicas, essa construção performativa é atravessada por tensões entre invisibilidade social, resistência política e o desejo de existir fora dos modelos heteronormativos. E isso vem de uma sociedade que tem como modelo o conceito de heterossexualidade compulsória. A pesquisadora Adrienne Rich (2012, p. 34) interpreta que esse padrão é “um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional”. María Lugones (2007) complementa esse conceito sob uma perspectiva decolonial. Ela entende que:

A heterossexualidade é tanto compulsória quanto perversa entre homens e mulheres burgueses brancos, uma vez que essa organização causa violência significativa sobre os poderes e direitos das mulheres burguesas brancas e serve para reproduzir o controle sobre a produção, e as mulheres burguesas brancas são induzidas a essa redução por meio de acesso sexual restrito (Lugones, 2007, p. 206, tradução nossa).¹³

¹³ Original: Heterosexuality is both compulsory and perverse among white bourgeois men and women since the arrangement does significant violence to the powers and rights of white bourgeois women and serves to

Nesse cenário, o sistema não apenas assegura a dominação masculina, mas também estabelece um controle direto sobre os corpos e a sexualidade das mulheres burguesas brancas, subordinando-as a interesses econômicos e sociais da classe dominante. Monique Wittig (1992, p. 10) problematiza essa lógica por meio do conceito de “pensamento hétero”, no qual a recusa à heterossexualidade compulsória, expressa tanto no coito quanto nas instituições sociais que o sustentam, é vista como uma ameaça à própria “ordem simbólica”. Nesse contexto teórico, ser lésbica é recusar o modelo normativo de sexualidade e, assim, desafiar os pilares da ordem social hegemônica. A pesquisadora Ochy Curiel (2013, p. 84) abordou em seu livro *La Nación Heterossexual* um novo projeto político em que as feministas levaram à Assembleia Nacional Constituinte reivindicações de direitos de igualdade, reconhecimento, participação política; no entanto, não aprovaram propostas que tinham ligação com maternidade, autonomia dos corpos e sexualidades das mulheres:

A nação se ampara, precisamente, em instituições como a família, a maternidade, o casal heterossexual, o direito masculino e patriarcal, a representação dos homens com privilégios sobre o resto da nação, o patrimônio e a filiação. Os mesmos conceitos universalizantes de mulher e homem, sempre dependentes um do outro, definidos a partir de a produção e a reprodução precisam do patriarcado heterossexual para se sustentar. Ter proposto algo diferente significaria uma ruptura fundamental com o modelo do Estado nacional, o que poderia significar a não inclusão em seu projeto (Curiel, 2013, p. 84-85, tradução nossa).¹⁴

O sistema, além de regular os corpos e a sexualidade das mulheres, dita como elas devem manifestar sua identidade, como forma de padronizar mulheres que têm uma estética aceitável socialmente, enquanto outras são excluídas e alvo de violências. Algumas adotam uma apresentação mais feminina, enquanto outras preferem uma estética mais masculina. Essa dinâmica evidencia como os discursos moldam percepções e produzem lugares de visibilidade e invisibilidade, determinando quem pode ser

reproduce control over production and white bourgeois women are inducted into this reduction through bounded sexual access.

¹⁴ Original: La nación se ampara, precisamente, en instituciones como la familia, la maternidad, la pareja heterossexual, el derecho masculino y patriarcal, la representación de los hombres con privilegios sobre el resto de la nación, el patrimonio y la filiación. Los mismos conceptos universalizantes de mujer y hombre, siempre dependientes uno del otro, definidos desde la producción y la reproducción, necesitan el patriarcado heterossexual para sostenerse. Haber planteado algo diferente hubiese significado una ruptura fundamental con el modelo del Estado nacional, lo cual hubiera podido significar la no inclusión en su proyecto.

reconhecida como legítima dentro de certos parâmetros sociais e quem permanece à margem, enfrentando os efeitos do preconceito e da deslegitimação. Dessa forma,

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído mediante atos internamente descontínuos, então a aparência de substância é precisamente isso, uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença (Butler, 2018, p. 178).

Essa compreensão do gênero como performance desconstrói a ideia de uma identidade estável, natural ou essencial, revelando que o que se entende por "ser mulher", "ser lésbica" ou "ser feminina" é resultado de repetições culturais legitimadas socialmente. No caso de mulheres que se relacionam afetivamente com outras mulheres, essa performance se torna ainda mais complexa, pois seus gestos, aparências e modos de se relacionar desafiam diretamente as normas hegemônicas de gênero e sexualidade. Quando duas mulheres ocupam o espaço público em uma relação afetiva, a "plateia social" evocada por Butler (2018) entra em cena, muitas vezes reagindo com incredulidade, fetichização ou rejeição, evidenciando o quanto a crença na heterossexualidade compulsória ainda regula a inteligibilidade dos corpos. Então, para Pinto (2007, p. 4), “gênero é, portanto, um efeito de atos de fala, cuja violência está em se apresentarem como reais, naturais, produzindo uma estrutura sempre binária e hierarquizada”.

Essa construção discursiva binária (homem/mulher) também é estilizada nas performances sáficas, o que mantém normas e relações de poder dentro dessas relações homoafetivas e também a forma como a sociedade observa essas identidades. Mulheres lésbicas que se expressam de maneira tradicionalmente feminina frequentemente têm sua sexualidade deslegitimada. Por não se encaixarem em estereótipos comuns, são vistas como “não lésbicas o suficiente”, que “ainda não encontraram o homem certo” ou são invisibilizadas dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. A sociedade muitas vezes espera que a homossexualidade feminina tenha uma estética específica, e qualquer desvio dessa expectativa resulta em questionamentos sobre sua autenticidade.

Por outro lado, aquelas que adotam uma expressão mais masculina podem sofrer exclusão e marginalização. A quebra dos padrões de feminilidade tradicional é vista como

uma afronta à normatividade, tornando-as alvo de preconceito, tanto dentro quanto fora da comunidade queer. Muitas mulheres desfeminizadas nas redes sociais não têm seu reconhecimento efetivo, não conseguem engajar ou ter algum tipo de parceria profissional, justamente por não terem a padronização feminina. Além disso, o peso da masculinização pode ser usado para justificar estereótipos negativos, como a agressividade ou o distanciamento emocional. Pinto (2007, p. 22) observa que as estilizações de gênero, produzidas por meio de atos de fala, contribuem para a construção de uma ilusão de binariedade. Essa repetição discursiva opera no sentido de manter a heterossexualidade compulsória como norma reguladora e reprodutora. A pesquisadora inglesa Sheila Jeffreys (1996, p. 83, tradução nossa)¹⁵ retrata como existem desigualdades marcadas pela forma como cada mulher performa seu gênero e pela visibilidade que isso gera:

Ao que parece, essas lésbicas decidiram empregar a terminologia dos jogos de papéis para levantar uma importante questão política. Trata-se da diferença vivencial entre as lésbicas que sempre tiveram aparência de lésbicas e que sofreram punições por sua visibilidade, e aquelas que ‘passaram’ adotando uma vestimenta feminina ou que se mostraram como lésbicas após viverem como heterossexuais por um tempo e conquistarem os privilégios negados às lésbicas de sempre.

Além da exclusão e da deslegitimação, há também a fetichização. Muitas vezes, a sexualidade das mulheres sáficas é reduzida ao olhar masculino heterossexual, o que se evidencia em representações midiáticas que transformam relações entre mulheres em objetos de consumo para homens. Esse processo não só anula a legitimidade das identidades sáficas, como também reforça a ideia de que a sexualidade feminina deve sempre estar subordinada aos desejos masculinos. Jeffreys (1996, p. 42) comenta sobre a representação da homossexualidade feminina na pornografia no novo erotismo; segundo a pesquisadora, há dois papéis que as mulheres podem assumir: “o lugar dos homens e deixar-se excitar pela coisificação, a fetichização e a humilhação de outras mulheres; ou podem adotar os velhos papéis submissos, igualmente disponíveis nesta erótica”¹⁶.

¹⁵ Original: Al parecer estas lesbianas han decidido emplear la terminología de los juegos de roles para plantear una importante cuestión política. Se trata de la diferencia vivencial entre las lesbianas que siempre han tenido aspecto de lesbianas y que han sufrido el castigo por su visibilidad, y aquellas que «han pasado» adoptando una vestimenta femenina o que se mostraron como lesbianas tras vivir como heterossexuales durante un tiempo y tras conquistar los privilegios vetados a las lesbianas de toda la vida.

¹⁶ Original: el lugar de los varones y dejarse excitar por la cosificación, la fetichización y la humillación de otras mujeres; o pueden adoptar los viejos papeles sumisos, igualmente disponibles en esta erótica.

A luta contra essas imposições passa não apenas pela afirmação da identidade lésbica, mas também pela desconstrução dos padrões normativos de gênero e sexualidade que restringem a liberdade de expressão dessas mulheres. É urgente visibilizar as múltiplas formas de ser lésbica, sem reduzi-las a fetiches ou encaixá-las em modelos estéticos e comportamentais impostos. Reconhecer e celebrar a diversidade dentro da comunidade lesbiana é fundamental para que todas possam existir com dignidade, sem precisar justificar sua essência ou lutar por validação constante.

Dando continuidade a essa reflexão, no próximo eixo, abordarei como a linguagem participa da construção dessas identidades, evidenciando os modos pelos quais as mulheres sáficas se (re)constroem discursivamente e manifestam suas existências nos espaços de interação, especialmente nas redes sociais.

1.2 Linguagem e identidade

A linguagem exerce papel fundamental não apenas como meio de comunicação, mas como prática constitutiva de identidades. A partir de uma perspectiva discursiva, entende-se que os sujeitos não possuem uma identidade essencial, mas são constituídos nas relações sociais e nos modos de dizer sobre si e sobre o outro. O sociólogo Stuart Hall (2006, p. 46) afirma que a identidade é sempre uma construção inacabada, fragmentada e atravessada por discursos, práticas e representações culturais. Nesse sentido, ela se configura como um processo marcado por deslocamentos, negociações e disputas de sentido.

Nessa perspectiva, Zygmunt Bauman (2004, p. 153), ao refletir sobre a modernidade líquida, observa que as identidades são tensionadas pela íntima interação entre pressões globalizantes e os modos como as identidades locais são negociadas, construídas e reconstruídas. Assim, as transformações sociais não eliminam a necessidade humana de pertencimento, mas mostram que esta é sempre relacional e constantemente redefinida. No contexto da globalização e da expansão das mídias digitais, essas transformações se tornam ainda mais visíveis, pois os sujeitos passam a acessar múltiplos repertórios culturais e discursivos que atravessam fronteiras geográficas. Hall (2006, p. 75) sublinha que, quanto mais a vida social se torna mediada por sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades parecem “flutuar livremente”, desvinculadas de tradições específicas, ao mesmo tempo que apelam a diferentes partes do sujeito. Contudo, como reflete Bauman (2004, p. 158), essa mobilidade não elimina a

necessidade de sentido e de enraizamento local, que continuam a moldar a experiência identitária.

Nesse cenário de fluidez e negociação se inserem as redes sociais digitais, configurando-se como espaços privilegiados de produção de identidades. Raquel Recuero (2009, p. 25) destaca que, nas interações mediadas pelas plataformas, os sujeitos não se apresentam de forma direta, mas por meio de representações construídas, nas quais a identidade é negociada e performada. Essa dimensão performática é aprofundada por Paula Sibilia (2007, p. 28), que entende:

[...] o eu que fala, que se narra e se mostra incansavelmente na Web costuma ser tríplice: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Mas, além disso, não deixa de ser uma ficção; [...] é sempre frágil o estatuto do eu.

Sherry Turkle (1999, p. 119) complementa essa análise ao observar que, na vida on-line, os sujeitos podem assumir múltiplos papéis e experimentar diferentes aspectos de si mesmos, intensificando a multiplicidade identitária.

Nas redes sociais contemporâneas, observa-se um intenso debate em torno das nomeações utilizadas para designar mulheres que se relacionam com outras mulheres. Um dos termos que ganhou maior circulação em espaços digitais e midiáticos recentemente é *sáfica*, derivado da poeta Safo de Lesbos, cuja obra lírica marca uma ancestralidade literária da homoafetividade feminina. O uso de *sáfica* não se limita às lésbicas, abarcando também mulheres bissexuais e pansexuais, sendo uma alternativa menos estigmatizada, vista como um termo mais fluido, poético e abrangente, que permite nomear afetos e desejos entre mulheres sem necessariamente se prender a categorias fixas de identidade ou orientações sexuais, possibilitando maior liberdade na expressão das experiências afetivas e de gênero.

No entanto, essa ampliação também gera tensões; ao adotar o termo mais “neutro” ou esteticamente suave, corre-se o risco de diluir a potência política e a história de luta associadas à lesbianidade. Ochy Curiel (2007, p. 7) aponta que a lesbianidade pode ser compreendida como uma posição política que questiona a heterossexualidade enquanto regime normativo. Mais que uma orientação ou identidade, representa uma forma de resistência. Diante disso, a autora Adrienne Rich (2012, p. 36), complementa que “a existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida”. Monique Wittig (1992) reforça essa perspectiva ao argumentar que “lésbicas não são mulheres”, desestabilizando a própria categoria de “mulher” construída por um contrato heterossexual.

Já no contexto brasileiro, ativistas como Miriam Martinho (2004) e Lela Gomes (2022) demonstram como a palavra lésbica segue marginalizada, mas também central nas lutas por visibilidade. Por outro lado, a reapropriação do termo *sapatão* revela um processo de resistência discursiva; antes utilizado como insulto, hoje é ressignificado como expressão de orgulho e potência política. Como bem observa Cheryl Clarke (1988), ser lésbica em uma cultura patriarcal, misógina e racista é, em si, um ato de resistência. Nessa direção, Butler (2018, p. 49) contribui ao argumentar que é justamente na repetição dos construtos culturais que se abrem fissuras para a desnaturalização e a mobilização das categorias de gênero, o que permite que termos historicamente estigmatizados possam ser reapropriados como emblemas de resistência.

É fundamental reconhecer que as escolhas terminológicas não são neutras, mas atravessadas por disputas discursivas, políticas e históricas. Cada termo implica formas específicas de construir identidades, visibilizar experiências e resistir às normas de gênero e sexualidade. Essas nomeações ultrapassam rótulos identitários, funcionando como construções discursivas marcadas por disputas de sentido. Compreendê-las requer analisar não apenas seus significados, mas também os modos como são legitimadas, tensionadas e silenciadas. Como propõe Luce Irigaray (2017, p. 88),

[...] antes de questionar o funcionamento da ‘gramática’ de cada figura do discurso, suas leis sintáticas, suas configurações imaginárias, suas redes metafóricas, é preciso atentar para aquilo que ela não articula no enunciado: os seus silêncios.

Essa escuta crítica permite revelar os mecanismos de exclusão e os sentidos que estão ocultos e que sustentam determinadas representações, abrindo espaço para a desnaturalização e a reconfiguração dos sentidos.

Diante disso, Butler (2018, p. 42) argumenta que os discursos metafísicos operam como estruturas reguladoras que pressupõem uma essência de identidade, impondo coerência e estabilidade às categorias que produzem. É nesse contexto que o gênero se revela não como uma essência natural, mas como uma prática performativa reiterada, moldada por esses discursos que o constituem e o normatizam. Ao transpor essa reflexão para o digital, compreende-se que a performatividade identitária não ocorre em um espaço neutro, mas em plataformas que ampliam a experimentação ao mesmo tempo que reforçam padrões hegemônicos.

Entretanto, essa performatividade do eu digital não deve ser lida apenas como

multiplicidade, mas também como prática regulada. Michel Foucault (1999, p. 36) lembra que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras”. Assim, ainda que o ambiente digital potencialize novas formas de expressão, ele também se constitui como campo de regulação e vigilância. Isso pode ser observado nas análises dos comentários, em que discursos podem ser modulados.

Nesse ponto, emerge a tensão entre visibilidade e controle. Se, por um lado, as redes sociais digitais permitem que grupos historicamente marginalizados construam narrativas próprias e ampliem sua presença no espaço público, por outro, essas mesmas plataformas operam como dispositivos disciplinares, regulando conteúdos por meio de algoritmos, políticas de moderação e lógicas mercadológicas. Como aponta Safiya Noble (2021, p. 12), “na internet e no nosso uso cotidiano da tecnologia, a discriminação também está embutida no código de programação e, cada vez mais, nas tecnologias de inteligência artificial das quais dependemos, querendo ou não”.

Dessa forma, o ambiente digital contemporâneo pode ser interpretado como um campo de forças no qual a produção de subjetividades se dá em meio a disputas por visibilidade, reconhecimento e autonomia. A performatividade das identidades, especialmente de gênero, raça e classe, é atravessada por essa lógica disciplinar, que tanto permite a emergência de vozes dissidentes quanto as reinscreve em molduras normativas. O desafio, então, reside em tensionar essas estruturas, desestabilizando os códigos que sustentam desigualdades e abrindo brechas para outras formas de existir e resistir.

1.3 Epistemologias sáficas

Em espaços historicamente marcados pela marginalização de certas vivências, emergem modos de produção de conhecimento que se distanciam das estruturas epistêmicas tradicionais e privilegiam a experiência encarnada, os afetos e os vínculos entre mulheres. Nesse contexto, a escrita constitui uma ferramenta crucial para afirmação da existência e das experiências de mulheres que historicamente foram e ainda são silenciadas. Nesse campo de interlocução, a prática intelectual se entrelaça com a existência, e o conhecimento se constitui como expressão da resistência subjetiva e coletiva. A escritora chicana Gloria Anzaldúa (2000, p. 232) reflete sobre a importância da escrita. Para ela, “o ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como ‘outro’,

o escuro, o feminino”. A autora encorajava mulheres negras a não mais se calarem e se expressarem através da escrita.

A produção de conhecimento a partir das experiências de mulheres lésbicas implica romper com paradigmas tradicionais que historicamente silenciaram sujeitos às margens da sociedade. Audre Lorde (2019, p. 53-54) argumenta:

[...] fomos socializadas a respeitar mais o medo do que nossas necessidades de linguagem e significação, e enquanto esperarmos em silêncio pelo luxo supremo do destemor, o peso desse silêncio nos sufocará.

Já para a pesquisadora brasileira Djamila Ribeiro (2017, p. 64), “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”. O conceito de lugar de fala, que a autora aborda, é uma forma situada socialmente, carregando marcas históricas. Trata-se de uma categoria crítica que busca corrigir silenciamentos, valorizando vozes que foram historicamente marginalizadas. Segundo Luce Irigaray (2017, p. 146), “para que as mulheres possam se fazer ouvir, uma evolução ‘radical’ do modo de pensar e de gestão do político é necessária”.

Para refletir sobre as questões epistemológicas, Pierre Bourdieu (2008, p. 93) defende que a crítica epistemológica vai além de um tratamento político, pois é preciso questionar preconceitos, pressupostos e até estruturas fundamentais do pensamento, o que o autor coloca como questionar o “conformismo lógico”. De acordo com Michel Foucault (2008, p. 15), com as descobertas da psicanálise, da linguística e da etnologia, percebeu-se que o ser humano não é totalmente consciente ou dono de si mesmo. A sexualidade, o inconsciente, a linguagem e até as narrativas que são contadas seguem regras que não controlamos. E essa estrutura opressora enraizada no sujeito reflete-se nas epistemologias ao longo da história. Para que esse conceito epistemológico seja desconstruído, Bourdieu (2008, p. 93) pondera que as revoluções simbólicas mais profundas são as que desafiam a lógica dominante, pois abalam as bases do próprio pensamento.

Donna Haraway (1995, p. 10) aponta que a “ciência [...] é retórica, é a convicção de atores sociais relevantes de que o conhecimento fabricado por alguém é um caminho para uma forma desejada de poder bem objetivo”. Dialogando com Foucault (2008, p. 206), a ciência ocupa um lugar mais amplo de conhecimento e pode variar conforme as diferentes formações discursivas, assim gerando transformações históricas. Nesse sentido, a prática discursiva nas epistemologias sofre alterações ao longo do tempo; desse

modo, por mais que o sistema esteja inserido em uma estrutura conservadora, é possível subvertermos esse saber.

É importante enfatizar que o conhecimento não é neutro, é gerado de por meio de uma posição, ou seja, de um saber localizado. Como Haraway (1995, p. 29) ressalta, o conhecimento nasce de corpos localizados em redes de poder e sentido. Não existe olhar neutro, quem conhece está sempre atravessado por gênero, raça, classe e sexualidade. Butler (2018, p. 182) traz a seguinte reflexão: “mesmo nas teorias que postulam o sujeito altamente restrito ou situado, o sujeito continua a encontrar seu ambiente discursivamente constituído numa estrutura epistemológica de oposição”. Com isso, mesmo que o sujeito seja entendido como situado, ele não se encontra isolado, mas interage com estruturas culturais e discursivas que moldam e desafiam sua ação em uma lógica binária, que reforça divisões rígidas, dificultando a construção de sentidos fluidos e interseccionais. Essa constatação dialoga diretamente com o que Haraway (1995) enfatiza: esses corpos não são essências fixas, são pontos de relação entre o pessoal e o global.

Essa ideia permite compreender o conhecimento como prática responsável e relacional, que assume sua parcialidade e se abre ao diálogo com outras perspectivas. Ao reconhecer que todo saber é situado e corporificado, Haraway (1995, p. 30) desloca a objetividade científica de uma ilusão de neutralidade para uma objetividade responsável, comprometida com as diferenças e com as transformações das relações de poder:

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo. Só o truque de deus é proibido. Aqui está um critério para decidir a questão da ciência no militarismo, este sonho ciência/tecnologia da linguagem perfeita, da comunicação perfeita, da ordem final.

Diante disso, a pesquisadora propõe uma abordagem epistemológica que assume a responsabilidade pelo ponto de vista adotado e pela construção social do saber. Assim, abre espaço para uma ciência mais reflexiva, ética e comprometida com as complexidades humanas. Para Foucault (2008, p. 214), “a *episteme* não é uma forma de conhecimento, [...] é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas”. Essa perspectiva dialoga com a reflexão da autora Tânia Navarro Swain (2004), ao destacar

que a ciência atual permite o questionamento da suposta naturalidade da relação heterossexual, abrindo espaço para problematizar o lugar vivido por mulheres lésbicas:

Se a ciência hoje, [...], abre a possibilidade para o questionamento do ‘natural’ da relação heterossexual, qual a latitude do espaço vivido pelo lesbianismo, que questões suscita à ordem social, em que rede de imagens e representações se inserem as pessoas que se dizem lésbicas ou que não se afirmam, mas são vistas como tal? (Swain, 2004, p. 63).

A pesquisadora convida a refletir sobre como essas representações de mulheres que se afirmam enquanto lésbicas ou não são reconhecidas nos espaços e a questionar a naturalização da heterossexualidade, pois isso permite tornar a ciência mais ética e reflexiva, capaz de incluir subjetividades historicamente marginalizadas. Butler (2018, p. 8) também faz o seguinte questionamento:

O que acontece ao sujeito e à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e retificador dessas categorias ostensivamente ontológicas?

Assim, compreender as questões epistemológicas que desconstroem a noção de heterossexual como natural, trazendo reflexões sobre as vivências sáficas, é fundamental para reconfigurar os espaços políticos e sociais. Para isso, torna-se necessário analisar a história e as práticas culturais que atravessam esse cenário. E na construção científica das práticas lesbianas, os movimentos feministas e LGBTQIAPN+ se destacaram por enfrentar desafios e ampliar sua atuação, articulações e espaços na sociedade. Para Sherry Wolf (2021, p. 169), “os levantes, por si só, não seriam lembrados hoje por seu papel de transformadores da política e da vida gay se não tivessem sido seguidos por organizações que transformaram a indignação em força social crescente”. É a partir dos movimentos e mobilizações que se consolidaram práticas comunicacionais e discursivas capazes de reposicionar sujeitos historicamente marginalizados no centro do debate público e das disputas por direitos.

O movimento lésbico-feminista teve seu surgimento nos anos 80 e 90, em diferentes países, que também tinham ligações com outras lutas sociais e políticas, de acordo com Ochty Curiel (2007, p. 3). No Brasil, o movimento lésbico tem seu início em 1979, com o surgimento do Grupo Lésbico-Feminista (LF), com as participantes do coletivo Somos, sendo o primeiro ativismo de gays e lésbicas, conforme Miriam Martinho (2004). Um dos acontecimentos históricos para as manifestações lesbianas ocorreu em 19

de agosto de 1983, após serem proibidas de venderem o Boletim Chanacomchana no Ferro's Bar, local que era frequentado majoritariamente pela comunidade LGBTQIAPN+ em São Paulo.

O Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) mobilizou o grupo de mulheres ativistas para ir às ruas lutar por seus direitos. Essa data desencadeou o dia do Orgulho Lésbico no Brasil, também conhecido como “Stonewall¹⁷ brasileiro”. Para a ativista Fanny Spina França (2020), “o GALF e o Chana com Chana são uma importante parte da história do movimento LGBTIA+ do Brasil, bem como são importantes para o debate da redemocratização no país”.

O feminismo passou por três ondas e atualmente está na quarta onda, demarcada pelo ativismo digital. As pesquisadoras Olivia Cristina Perez e Arlene Martinez Ricoldi (2023, p. 3-4) explicam que a primeira onda, entre os séculos XIX e início do XX, teve como objetivo a defesa dos direitos políticos; a segunda onda inaugurou os *Women's Studies* e escritas sobre gênero, e a terceira é marcada pelo conceito de interseccionalidade. A quarta onda feminista juntamente com as mídias digitais transformaram as lutas feministas, sendo conhecida como ciberfeminismo, começando a se manifestar nos anos 90, como movimento estético, filosófico e político, segundo Fabiana Jordão Martinez (2021, p. 2-3). Haraway (1995, p. 31) comenta que “o feminismo tem a ver com uma visão crítica, consequente com um posicionamento crítico num espaço social não homogêneo e marcado pelo gênero”. Paul Preciado (2014, p. 10) argumenta que:

O pós-feminismo dos anos noventa, insiste, assim, na urgência de conceber o sujeito e o agente político não como um centro autônomo de soberania e conhecimento, mas como uma posição instável, como o efeito de constantes renegociações estratégicas de identidade.

Com a ascensão das redes sociais nos anos 2000, quando plataformas como Facebook, Twitter e Instagram começaram a ganhar espaço no ambiente social e digital, os movimentos foram se adaptando e ampliando os lugares de luta contra a marginalização. As pesquisadoras Lara Rodrigues Facioli e Simone da Silva Ribeiro

¹⁷ Bar frequentado pela comunidade LGBTQIAPN+, localizado em São Paulo, lugar onde ocorreu, em 1969, uma revolta que deu origem ao Dia do Orgulho. A jornalista Erin Blakemore (2021) escreve que “em 1970, um ano após a revolta, ativistas liderados por Craig Rodwell comemoraram a data com um evento que chamaram de Dia da Libertação da Christopher Street, que atualmente é reconhecida como a primeira marcha do orgulho gay.” Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia> Acesso em: 15 jan. 2025.

Gomes (2022, p. 7) afirmam: “o uso de plataformas online por ativistas é central nas mobilizações para protestos específicos e, mais do que isso, argumentamos que elas se constroem enquanto forma de garantir visibilidade para demandas e pautas políticas”. Nesse cenário, a pesquisadora Maria da Glória Gohn (2011, p. 336) defende que:

Os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social. Constituem e desenvolvem o chamado *empowerment* de atores da sociedade civil organizada à medida que criam sujeitos sociais para essa atuação em rede. Tanto os movimentos sociais dos anos 1980 como os atuais têm construído representações simbólicas afirmativas por meio de discursos e práticas.

A atuação dos movimentos sociais em rede não apenas permite a construção de ações coletivas de resistência, mas viabiliza sujeitos políticos e levanta pautas que desestabilizam narrativas hegemônicas, além de reivindicar direitos. No entanto, Ribeiro (2017, p.32) reflete que, “muitas vezes, há um esvaziamento de conceitos importantes, por conta dessa urgência que as redes geram”. A autora acrescenta que o incômodo de grupos dominantes pode estar relacionado ao crescimento e à visibilidade das reivindicações de direitos por parte de grupos marginalizados.

Pensar fora desse contexto eurocêntrico aproxima-se do que Walter Mignolo (2008, p. 290) denomina de opção descolonial, entendida como a necessidade de “aprender a desaprender”. Para o autor, isso implica um desvinculamento epistêmico, já que o conhecimento hegemônico foi construído historicamente sobre fundamentos imperialistas e coloniais. A filósofa brasileira Aparecida Sueli Carneiro (2005), em sua tese de doutorado, retoma o conceito de epistemicídio, elaborado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos para designar o processo de destruição, apagamento ou deslegitimação de saberes não ocidentais. Contudo, a autora insere uma reflexão que vai além dessa problematização, ampliando o debate em torno das implicações desse processo. Em suas palavras:

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o

conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p. 97).

Nesse sentido, o epistemicídio reverbera não só nos modos de representação e de construção identitária, mas na esfera de exclusão educacional. Patrícia Hill Collins (2022, p. 122) faz uma análise das teorias tradicionais e críticas. Segundo a autora, o método tradicional destaca certas formas de autorreflexão e elimina outras questões; já a teoria crítica demonstra reflexão tanto acerca das próprias práticas quanto da localização social nas relações de poder. Questões como a interseccionalidade são destacadas por Collins (2022, p. 123), que a define como uma teoria-prática sustentada por um amplo conjunto de ideias e práticas, capazes de torná-la autorreflexiva e responsável.

Os estudos de interseccionalidade permitem analisar a sobreposição ou a intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação. O conceito elaborado por Kimberle Crenshaw (1991, p. 1242) define que a violência que mulheres presenciam vai além da categoria gênero e é moldada por outros fatores, tais como raça e classe. Dessa forma, é possível compreender que o racismo algorítmico¹⁸ não afeta todas as mulheres de maneira igualitária. Mulheres brancas podem enfrentar misoginia, mas é improvável que sofram discriminações específicas que surgem na intersecção de gênero e questões raciais. E esse racismo no campo virtual é refletido por meio dos engajamentos, curtidas, números de seguidores e do silenciamento. Perfis de mulheres lésbicas que são negras, amarelas, indígenas, transgêneras, gordas ou deficientes sofrem ainda mais com o apagamento de suas experiências e a ridicularização por meio dos comentários de *haters*¹⁹ das redes. Diante desse diálogo, no próximo tópico, abordo mais a fundo o contexto midiático e os discursos perpetuados nas redes.

1.4 Mídias digitais entre contextos e discursos

As mídias digitais, em especial as redes sociais como o Instagram, transformaram profundamente as formas de interação, subjetivação e enunciação dos sujeitos. Mais do que espaços neutros de compartilhamento de conteúdo, essas plataformas operam como

¹⁸ O pesquisador brasileiro Tarcizio Silva realizou uma entrevista para o Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz Antonio Ivo de Carvalho (CEE-Fiocruz) em que destaca que o racismo algorítmico é “uma espécie de atualização do racismo estrutural”, assim mantendo o poder de um grupo hegemônico por meio das Inteligências Artificiais. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Tarcizio-Silva-O-racismo-algoritmico-e-uma-especie-de-atualizacao-do-racismo-estrutural>. Acesso em: 23 jan. 2025.

¹⁹ Termo utilizado para pessoas que praticam cyber bullying. Os *haters* têm como objetivo insultar outros usuários através de comentários depreciativos.

dispositivos discursivos que medeiam relações de poder, visibilidade e pertencimento. Nesse contexto, pensar a presença de mulheres sáficas no Instagram implica refletir sobre os modos como essas identidades são construídas, reconhecidas ou silenciadas em um ambiente regido por algoritmos, estéticas dominantes e lógicas mercadológicas. A autora Marie-Anne Paveau (2022) entende que os algoritmos não são apenas ferramentas técnicas neutras, mas dispositivos que atuam diretamente na produção e circulação dos discursos. Segundo a autora:

Os algoritmos são sequências de instruções que permitem a solução de problemas. Na internet, eles permitem resolver o problema do tratamento da informação, procurando-a, processando-a, classificando-a, hierarquizando-a. Para isso, eles fazem cálculos para produzir efeitos: certas informações aparecerão com mais frequência, ou em melhor lugar do que outras, ou serão mais disseminadas do que outras, ou, pelo contrário, serão invisibilizadas (Paveau, 2022, p. 47).

Nesse sentido, a compreensão das identidades sáficas nas redes sociais não pode ser dissociada do contexto sociopolítico brasileiro, marcado por desigualdades estruturais, conservadorismo moral e ataques cibernéticos às populações LGBTQIAPN+. A pesquisadora Luciana Salazar Salgado (2021) reflete que a Internet

[...] são modelos de negócios que extraem da massiva coleta de dados, metadados e rastros a definição de categorias às quais temos de corresponder para participar da vida que se move pelos aplicativos e plataformas.

As mulheres lésbicas, ao serem submetidas por algoritmos que reforçam tendências hegemônicas, correm o risco de continuarem sendo apagadas ou mal representadas, o que reforça a importância de uma análise crítica e situada de como as plataformas digitais operam e modulam as formas de (in)visibilização das subjetividades sapatões.

Diante das dinâmicas algorítmicas, observa-se que com os mecanismos das plataformas, as publicações que abordam afetos e expressões lésbicas, muitas vezes, sofrem limitações de alcance, exclusões ou até mesmo censura, enquanto conteúdos alinhados à heteronormatividade tendem a ser privilegiados. Esse controle sutil e automatizado evidencia como a tecnologia pode funcionar como um dispositivo de regulação moral e política, reforçando hierarquias de gênero e sexualidade. É nesse contexto que emerge o conceito de lesbofobia algorítmica, que pode ser compreendido como:

[...] um tipo de resposta automatizada que tem como horizonte (re)mediar e impulsionar a heterossexualidade compulsória e a cisonormatividade como modelos de comportamento, de moral e de corporeidade, tendo como suas principais vítimas as mulheres ‘que se relacionam sexo-afetivamente com outras mulheres’. Esse tipo de manifestação lesbofóbica está localizada, portanto, nas respostas de diferentes plataformas e tecnologias digitais no que tange a existência e a permanência e a (in)visibilidade dessas sujeitas nessas ambiências (Motter, 2021, p. 1694).

A partir dessa definição, é possível compreender que a lesbofobia algorítmica opera como uma extensão tecnológica das violências estruturais presentes na sociedade. As plataformas digitais, ao reproduzirem lógicas de exclusão e apagamento, tornam-se agentes ativos na manutenção da heteronormatividade e da cisonormatividade. Assim, o ambiente virtual, que deveria funcionar como espaço de expressão e visibilidade, acaba reforçando desigualdades simbólicas e restringindo o alcance das narrativas lésbicas, evidenciando que o controle sobre os corpos e as sexualidades também se manifesta de forma automatizada e digitalizada.

Ademais, outro ponto necessário para entender essa exclusão das mulheres nos ambientes sociais e virtuais é a análise do contexto político brasileiro, pois se reflete no comportamento de nossa sociedade. O Brasil passou por períodos difíceis; em 2014 tivemos a primeira presidenta mulher eleita democraticamente, Dilma Rousseff, que sofreu golpe dois anos depois por seus “aliados”. A pesquisadora Perla Haydeee da Silva (2019, p. 79), em sua tese intitulada como “De louca a incompetente: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff”, realizou a análise de comentários voltados à ex-presidenta na rede social Facebook. Tais comentários questionavam sua sanidade mental e reiteravam o estereótipo da loucura feminina e também sua capacidade intelectual, sendo tratada com escárnio.

Em seguida, Temer (vice-presidente) passa a governar o país. Em 2019, é eleito Jair Messias Bolsonaro, um militar expulso de seus serviços por mau comportamento, e também ex-deputado, que infelizmente ficou conhecido nas mídias por suas falas extremistas e problemáticas. Ofendia todas as minorias, propagava racismo, LGBT fobia, xenofobia, misoginia e ascendia o discurso de ódio e violência; seu governo foi de extrema-direita. Apesar de ter perdido a eleição em 2022, a polarização ainda continua no sistema político e muitas pessoas ainda seguem com suas ideias extremas, partindo para a violência contra quem se opõe ao seu posicionamento.

Essas violências foram refletidas também no ambiente virtual, oprimindo mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, deficientes, pessoas negras, amarelas, gordas e indígenas. A influenciadora Miwa Kashiwagi, conhecida em seu perfil na plataforma TikTok como “Lésbica de RI” (se referindo a Relações Internacionais, curso em que se graduou), relata que encontra comentários de ódio, sendo ataques voltados à sua orientação sexual. Os insultos incluem expressões lesbofóbicas, como “caminhoneira” ou “sapatão”, com o intuito de ridicularizá-la. Também aparecem frases misóginas: “pq vc não vai lavar a louça?”, “teu lugar é na cozinha”, além de ataques religiosos como: “vai rezar”, “você vai pro inferno”²⁰. Esses xingamentos só refletem o que tantas outras mulheres lésbicas passam por expressar seus sentimentos e opiniões.

No ambiente cibernético, observei uma recorrente confusão entre opinião e discurso preconceituoso. Muitas vezes, a chamada “liberdade de expressão” é mobilizada como escudo retórico para legitimar manifestações de ódio e práticas discriminatórias, invisibilizando os limites éticos que deveriam orientar a comunicação em espaços digitais. Esse comportamento não só reforça estereótipos e perpetua desigualdades, mas também cria um ambiente hostil e excludente, que pode silenciar vozes e limitar debates saudáveis. Para Foucault (1988a, p. 261), “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade”. Desse modo, quando a liberdade é exercida sem ética, torna-se instrumento de violência. No ciberespaço, isso se traduz em discursos que ferem, excluem e silenciam, reforçando a necessidade de uma liberdade que se comprometa com o cuidado e o respeito ao próximo.

Por outro lado, temos a resistência através das manifestações virtuais que evidenciam os acontecimentos através das plataformas, como formas de *hashtags*, que tomam grande proporção e podem alertar muitos usuários. Um exemplo foi a *hashtag* #ÉCrimeSim, criada em 2019 pela ONG de defesa dos direitos LGBTI All Out Brasil, que reunia depoimentos de vítimas que sofreram ameaças, agressões físicas e psicológicas. A campanha antecedeu a votação da criminalização da homofobia no Supremo Tribunal Federal (STF)²¹. A decisão foi favorável, obtendo 8 votos a favor

²⁰ Informação gerada pelo site oficial do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/outubro/lgbtqia-fobia-a-violencia-motivada-pela-orientacao-sexual-ou-identidade-de-genero-das-pessoas-lgbtqia>. Acesso em: 22 jan. 2025.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/02/11/ong-lanca-hashtag-e crimesim-para-reunir-relatos-de-lgbtifobia-veja-os-depoimentos.ghml>. Acesso em: 22 jan. 2025.

contra 3 votos, tendo pena prevista de um a três anos, e em casos mais graves a penalidade pode se estender para cinco anos²².

Embora os movimentos contemporâneos sejam amplamente divulgados nas plataformas digitais, trazendo visibilidade e representatividade para o público LGBTQIAPN+, mulheres lésbicas, especialmente aquelas que são negras, amarelas, indígenas, transgêneras, gordas ou deficientes, ainda enfrentam ridicularização, fetichização e o silenciamento imposto por algoritmos que dificultam a visualização desses conteúdos. Para danah boyd, Karen Levy e Alice Marwick (2014, p. 56, tradução nossa)²³:

Nos exemplos mais evidentes de discriminação em redes, é fácil perceber desigualdades relacionadas a raça e classe, pois essas categorias frequentemente servem como indicadores de posição nas redes. Como resultado, os impactos tendem a afetar desproporcionalmente pessoas já marginalizadas. E ainda assim, à medida que esses sistemas se tornam mais sofisticados, torna-se cada vez mais difícil compreender quais fatores são inseridos ou inferidos pelos algoritmos complexos que buscam distribuir recursos limitados.

A reflexão das autoras evidencia como as redes sociais podem amplificar as desigualdades preexistentes, assim perpetuando ciclos de exclusão por meio de algoritmos que dificultam a identificação e o questionamento das práticas discriminatórias. Nesse sentido, se torna imprescindível investigar as subjetividades das identidades subalternas que demarcam as redes. Para Patrícia Hills Collins (2022, p. 72), torna-se importante debater sobre a interseccionalidade como heurística para se refletir sobre uma abordagem que não detém uma identidade fixa, essencial ou hierarquizada, mas que promove uma visão mais fluida das identidades sociais. Conforme a autora,

A ideia do senso comum de que a identidade individual é moldada por vários fatores cuja proeminência muda de um contexto social para outro deve muito à facilidade de utilização da interseccionalidade como heurística. Em um nível básico, uma pessoa não precisa mais perguntar: ‘eu sou negra ou sou mulher ou sou lésbica antes de qualquer coisa?’. A resposta de ser simultaneamente negra e mulher e lésbica expande esse espaço de subjetividade para abarcar múltiplos aspectos da identidade individual. Em vez de uma identidade fixa e essencialista que uma pessoa carrega de uma situação para outra, as

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/13/stf-permite-criminalizacao-da-homofobia-e-da-transfobia.ghtml>. Acesso em: 22 jan. 2025.

²³ Original: In the most visible examples of networked discrimination, it is easy to see inequities along the lines of race and class because these are often proxies for networked position. As a result, we see outcomes that disproportionately affect already marginalized people. And, yet, as these systems get more sophisticated, it becomes increasingly hard to understand what factors are inputted or inferred in complex algorithms that seek to distribute limited resources.

identidades individuais agora são vistas como desempenhadas de forma diferente entre um contexto social e outro (Collins, 2022, p. 72).

Refletindo sobre as discussões voltadas às mídias digitais e ao alinhamento político, vale lembrar a declaração divulgada recentemente por Mark Zuckerberg²⁴, em janeiro de 2025, de que a Meta²⁵ encerrará os sistemas de checagem de fatos, assim se juntando à política do presidente de extrema-direita eleito, Donald Trump²⁶, e alegando ser a favor da “liberdade de expressão”. Com as novas políticas implementadas nas redes, a falta de moderação nos conteúdos poderá levar à disseminação de desinformação, à ampliação do discurso de ódio, teorias de conspiração e com isso os algoritmos poderão associar orientação sexual e gênero a doenças mentais, o que irá ser um enorme retrocesso para todos os usuários. Os pesquisadores José van Dijck, Thomas Poell e Martijn de Waal (2018, p. 32, tradução nossa)²⁷ apontam que:

[...] as plataformas de mídia social nunca são ‘ferramentas’ neutras: elas tornam certas coisas visíveis, enquanto escondem outras. Para entender os resultados do processo de filtragem algorítmica nesses exemplos, é necessário desvendar como várias tecnologias de plataforma em congruência com modelos econômicos e práticas de usuários moldam a atividade social em todos os setores econômicos e esferas da vida.

O enunciado exposto por Mark Zuckerberg sobre a falta de checagem de fatos pela Meta e o envolvimento político com a extrema-direita levanta preocupações sobre as consequências da ausência de moderação das plataformas. Ju Motter (2018, p. 46), em sua pesquisa, observa que “o ultraconservadorismo tem-se voltado a descreditar ou mesmo agredir e ameaçar a existência daqueles que têm se colocado cada vez mais como não só sujeitos de direitos no papel, mas como sujeitos políticos em ação”.

Com o avanço global das Big Techs²⁸, o controle das redes sociais e plataformas digitais tornou-se uma poderosa ferramenta de influência. Nos Estados Unidos, por exemplo, grandes empresários do setor tecnológico declararam apoio ao então candidato

²⁴ Fundador, presidente e CEO da empresa Meta, fundada originalmente como Facebook em 2004.

²⁵ Empresa que controla as plataformas Facebook, Messenger, Whatsapp, Threads e Instagram.

²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/01/07/meta-passa-a-permitir-que-doenca-mental-seja-vinculada-a-genero-ou-orientacao-sexual-em-posts-no-facebook-instagram-e-threads.ghtml>. Acesso em: 08 jan. 2025.

²⁷ Original: [...] social media platforms are never neutral “tools”: they make certain things visible, while hiding others. To understand the outcomes of the algorithmic filtering process in these examples it is necessary to untangle how various platform technologies in congruence with economic models and user practices shape social activity across economic sectors and spheres of life.

²⁸ As Big Techs são as grandes empresas de tecnologia e inovação dominantes no mercado, tais como Google, Apple, Amazon, Microsoft e Meta. Disponível em: <https://brasile scola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-sao-big-techs.htm>. Acesso em: 23 jan. 2025.

a presidente norte-americano Donald Trump, evidenciando como essas empresas podem moldar narrativas e exercer poder político. Controlar a internet significa, na prática, dominar a narrativa global, influenciando diretamente a opinião pública, seja em processos eleitorais, seja no fomento de movimentos sociais, seja até na manipulação de crises políticas em outros países. Na perspectiva de Abeba Birhane (2021, p. 173):

À medida que os mecanismos de ‘empurrão’ se tornam a norma para ‘corrigir’ o comportamento, hábitos alimentares ou rotinas de exercício de indivíduos, essas empresas, entidades do setor privado e engenheiros que desenvolvem sistemas automatizados têm o poder de decidir qual hábito de comportamento, alimentação ou exercício é ‘correto’ hábito de exercício é. Perguntas como quem está decidindo qual é o comportamento ‘correto’ e com que finalidade geralmente são intocadas. No processo, indivíduos que não se encaixam em nossa imagem estereotipada do que é um ‘corpo em forma’, uma ‘boa saúde’ e ‘bons hábitos alimentares’ acabam sendo punidos, excluídos e empurrados para a margem. Valores e ideais eurocêntricos, muitas vezes indiretamente e às vezes deliberadamente, são aplicados no processo.

Este cenário que a cientista evidencia reflete um novo tipo de colonialismo, agora direcionado ao ambiente digital. Dentro dessa lógica de dominação política, emerge um reflexo da crise do capitalismo: para se manterem no poder, alguns políticos recorrem a discursos extremistas, flertam com o neonazismo e atacam grupos subalternos, perpetuando desigualdades e reforçando sua hegemonia. Em conformidade com a pesquisadora Débora Franco Machado (2021, p. 57), o colonialismo de dados é sustentado por sistemas algorítmicos que atuam como ferramentas para permitir que os colonizadores controlem as ações dos colonizados, mesmo que estes estejam em territórios distantes e possuam culturas distintas.

Embora as redes sociais ofereçam maior facilidade para a expressão de sentimentos, opiniões e identidades, elas também demandam constante vigilância. Isso ocorre porque, mesmo funcionando como espaços de visibilidade, essas plataformas operam sob lógicas algorítmicas que reproduzem desigualdades estruturais. A pesquisadora Safiya Umoja Noble, em sua obra *Algoritmos da Opressão* (2021), evidencia como mecanismos aparentemente neutros, como os sistemas de busca do Google, podem produzir e reforçar estereótipos danosos sobre grupos minorizados. Um exemplo que a autora traz é a hiperssexualização de meninas negras e latinas nos resultados de imagens, revelando como os algoritmos não apenas organizam a informação, mas também refletem e amplificam preconceitos sociais profundamente enraizados. Para a autora:

Os problemas com as grandes empresas de informação certamente são mais profundos que a má representação. Eles incluem protocolos de tomada de decisão que favorecem elites corporativas e os poderosos, e estão implicados em desigualdade social e econômica global. Aprendizagem profunda de máquinas, que é o uso de algoritmos para replicar o pensamento humano, tem como base valores específicos de tipos específicos de pessoas — as mais poderosas instituições da sociedade e aqueles que as controlam (Noble, 2021, p. 62).

Nesse cenário marcado pela vigilância algorítmica e pela instrumentalização dos dados como forma de controle e dominação, as interações entre mulheres lésbicas nas mídias sociais emergem como espaços de resistência e reconstrução identitária. Esses espaços, embora atravessados por estruturas de poder que tentam regular seus afetos e visibilidades, funcionam também como redes de acolhimento e pertencimento, em que a linguagem afetiva, os compartilhamentos de experiências e as performances identitárias se entrelaçam. De certo modo, essas comunidades formam *clusters*, como Raquel Recuero (2009, p. 151) denomina um “agrupamento que surge através da interação social mútua, baseados em pertencimento relacional, e nas trocas comunicativas”, no qual é possível negociar sentidos e produzir laços simbólicos. No entanto, Bauman (2004) alerta que vivemos tempos de “relacionamentos líquidos”, em que os vínculos, ainda que intensos, muitas vezes são frágeis, efêmeros e mediados por lógicas de consumo e descartabilidade. Isso se reflete nas dinâmicas sáficas digitais, em que a busca por conexão se dá paralelamente à experiência da exposição constante, do medo do silenciamento e da performatividade exigida pelas plataformas. Na perspectiva do autor:

Talvez a própria ideia de ‘relacionamento’ contribua para essa confusão. Apesar da firmeza que caracteriza as tentativas dos infelizes caçadores de relacionamentos e seus especialistas, essa noção resiste a ser plena e verdadeiramente purgada de suas conotações perturbadoras e preocupantes. Permanece cheia de ameaças vagas e premonições sombrias; fala ao mesmo tempo dos prazeres do convívio e dos horrores da clausura. Talvez seja por isso que, em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como mais ‘relacionar-se’ e ‘relacionamentos’ as pessoas falem cada vez mais (auxiliadas e conduzidas pelos doutos especialistas) em conexões, ou ‘conectar-se’ e ‘ser conectado’. Em vez de parceiros, preferem falar em ‘redes’ (Bauman, 2004, p. 15-16).

Mesmo com a problemática desses relacionamentos passageiros e intensos, as interações dentro do ambiente digital são marcadas por afetos, escuta e reconhecimento, desafiam o colonialismo de dados ao ressignificar o uso das tecnologias como ferramentas de subjetivação e visibilidade para corpos historicamente marginalizados. A ideia de relacionamento que o sociólogo aborda não estaria apenas associada a relações

interpessoais tradicionais e amorosas, mas também a uma mudança na forma como os vínculos humanos são compreendidos no mundo contemporâneo. A troca dos termos aponta uma mudança significativa na forma como ocorrem as interações nos contextos atuais.

Em suma, por mais que a visibilidade priorize grupos hegemônicos através de algoritmos e desfavoreça quem não se encaixa no padrão social, as redes sociais servem como uma rede de apoio e resistência para grupos marginalizados, possibilitando a criação de espaços de pertencimento, compartilhamento de vivências e mobilização política. Apesar dos filtros impostos pela lógica algorítmica, as mulheres lésbicas utilizam essas plataformas como ferramentas para romper silêncios, fortalecer laços comunitários e reivindicar narrativas que desafiam os discursos dominantes.

Capítulo 2: caminhos metodológicos para mapear vivências sáficas no Instagram

A síntese recente que se desenvolve do lesbianismo e do feminismo - duas ideologias centradas e impulsionadas por mulheres - busca acabar com o mistério e o silêncio que cercam o lesbianismo²⁹ (Cheryl Clarke).³⁰

A pesquisa teve como procedimento observar as questões problemáticas das identidades lesbianas no contexto midiático. Para desenvolver a análise, neste capítulo apresento o percurso metodológico qualitativo com elementos quantitativos, de base autoetnográfica e abordagem netnográfica, adotado para conduzir o estudo. O objeto empírico desta pesquisa são os comentários que foram publicados nos conteúdos de três perfis do Instagram durante os anos de 2018 e 2019.

A escolha do recorte temporal se justifica por ser um período de grande efervescência política e social no Brasil, marcado pela ascensão de um governo de extrema-direita cujas declarações públicas frequentemente reforçavam discursos de ódio e preconceito. Esse contexto impactou diretamente a produção e recepção de conteúdos LGBTQIAPN+ nas redes sociais, seja por meio da mobilização digital de grupos

²⁹ La síntesis reciente que se desarrolla del lesbianismo y el feminismo - dos ideologías centradas e impulsadas por mujeres - intenta acabar con el misterio y silencio que rodea al lesbianismo.

³⁰ Cheryl Clarke é uma poeta, ensaísta, crítica literária e ativista lésbica negra norte-americana, nascida em 16 de maio de 1947, em Washington, D.C. Ela é uma das vozes mais influentes do feminismo lésbico negro e dos movimentos literários e políticos que emergiram nos EUA a partir dos anos 1970.

conservadores, seja pela intensificação das estratégias de resistência e apoio dentro da comunidade sáfica. A análise desse período permite observar com mais nitidez como as narrativas de afeto, pertencimento e enfrentamento se reorganizaram frente ao avanço do conservadorismo e da censura nas plataformas digitais.

Nesta pesquisa não tenho como objetivo me aprofundar em conceitos específicos da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso, mas dialogar com seus pressupostos teóricos e metodológicos, utilizando-os como lentes de leitura para compreender as práticas de linguagem que atravessam as interações nas redes sociais. Busco, portanto, estabelecer uma interlocução entre os estudos discursivos e as abordagens feministas e decoloniais, de modo a interpretar como os sentidos sobre as identidades lésbicas são construídos, negociados e tensionados no ambiente digital. Assim, esta investigação possibilita uma leitura aprofundada das estratégias discursivas mobilizadas por influenciadoras lésbicas em seus perfis (@sapataodramas, @lesbicalizando_ofc e @elasseamamof).

A metodologia autoetnográfica e netnográfica permite captar os significados e representações construídos nesse ambiente digital, além de partir de uma análise crítica pessoal. Assim, pode oferecer subsídios para compreender como as narrativas de afeto, pertencimento e enfrentamento se reconfiguraram diante das tentativas de silenciamento e marginalização. Dessa forma, a análise proposta não apenas observa os impactos do contexto político sobre as dinâmicas de produção e recepção de conteúdos, mas também destaca o papel das mídias digitais na construção de redes de apoio e resistência.

Ao longo deste capítulo, serão detalhados os critérios de seleção dos dados, os procedimentos de coleta e as etapas de análise, evidenciando o rigor científico e teórico aplicado no estudo. Primeiramente, será apresentado o delineamento teórico-metodológico aplicados para a investigação, seguido pela descrição dos instrumentos utilizados e dos procedimentos adotados para a coleta de dados. Posteriormente, serão explicitadas as técnicas de análise e interpretação, referentes ao lócus da pesquisa, bem como os critérios éticos observados ao longo do trabalho.

Também apresento a metodologia empregada etnográfica e autoetnográfica; no entanto, como o estudo será voltado à comunicação em ambientes virtuais, será necessário recorrer à netnografia, que a cientista inglesa Christine Hine (2020) denominou como “etnografia virtual”. Segundo a autora, o desafio metodológico na etnografia virtual está em reconhecer a diversidade e a natureza das pessoas das experiências online, o que exige

uma abordagem que considere a pluralidade ontológica da Internet e incorpore métodos reflexivos (Hine, 2020, p.14).

Ao longo desta análise, procurei trazer perspectivas teóricas feministas que abordassem as teorias metodológicas, e permitindo a visibilização de mulheres no campo acadêmico. A obra *Feminist Methods in Social Research*, da socióloga americana Shulamit Reinharz (1992), explora as perspectivas feministas na pesquisa e como são moldadas por compromissos éticos e políticos voltados para a inclusão, equidade e justiça social. Para a autora:

O impacto empoderador do movimento das mulheres levou a uma ampla produção de literatura acadêmica feminista e à criação de novos meios para a publicação de pesquisas feministas. Ao mesmo tempo, a United Nations Decade para as Mulheres contribuiu para a conscientização global, promovendo a responsabilidade pela produção de conhecimento. De forma semelhante, os protestos das mulheres norte-americanas do século XIX contra a discriminação no ensino superior influenciaram a pesquisa social. Nesse caso, como vimos, as mulheres iniciaram o uso de entrevistas, pesquisas sociais e estatísticas para desafiar e desmentir percepções equivocadas sobre as mulheres (Reinharz, 1992, p. 244)³¹.

Com o olhar sobre as questões feministas, procuro aprofundar a análise crítica dos conteúdos e interações observadas, revelando as dinâmicas de poder, exclusão e resistência que permeiam os discursos nos três perfis investigados, trazendo como o recorte o período de 2018 a 2019. Tendo em vista o posicionamento teórico-feminista e abordagens metodológicas adotadas neste estudo, prossigo com a metodologia adotada.

2.1 A pesquisa autoetnográfica e netnográfica

Os estudos das práticas sociais e culturais sempre foi uma preocupação central nas ciências humanas e sociais. Atualmente, as interações acontecem de maneira mediada pela tecnologia, sendo necessários novos métodos e abordagens de observações que tragam respostas para os discursos que são propagados, tanto nos ambientes reais quanto nos contextos digitais. A partir desses novos desafios, surge a necessidade dos estudos da Antropologia de se adaptar às novas esferas sociais.

³¹ Original: The empowering impact of the women's movement has led to a massive outpouring of scholarly feminist literature and to the creation of new vehicles for the publication of feminist research. At the same time the United Nations Decade for Women contributed to global consciousness-raising, which fostered responsibility for producing knowledge. Similarly, nineteenth century U.S. women's protest against discrimination in higher education had an impact on social research. In that case, as we have seen, women initiated the use of interviews, social surveys, and statistics to challenge and invalidate misperceptions about women.

A temática voltada à visibilidade das identidades lésbicas no ambiente digital é atravessada por dinâmicas discursivas, culturais e algorítmicas que influenciam a maneira como essas existências são percebidas, representadas e engajadas. Nesse contexto, compreender como essas vivências são percebidas na rede social exige uma metodologia que vai além dos números e alcance das interações reais e digitais. E também, por se tratar de uma investigação em que estou inserida no âmbito em que analiso, a autoetnografia permite explorar, a partir das próprias vivências e percepções, as formas como a visibilidade sáfica se manifestam (ou são silenciadas) nas mídias sociais, especialmente diante dos discursos hegemônicos de gênero e sexualidade. Essa abordagem possibilita compreender as dinâmicas envolvidas na produção de si e na performatividade das identidades lésbicas em ambientes digitais. E a netnografia torna-se outra ferramenta fundamental para investigar e buscar respostas às questões que orientam esta pesquisa.

Nessa perspectiva, busco dar visibilidade às “vozes” de mulheres investigadoras no campo científico. Surge, então, o conhecimento sobre a etnografia feminista. A pesquisadora Alinne de Lima Bonetti (2009, p. 107) afirma que “antropólogas questionavam como era possível construir algum conhecimento etnográfico sem as mulheres”. Essa crítica identifica o quanto o conhecimento era voltado ao falocêntrico e fomentava a opressão sobre as pesquisadoras na área científica. No entanto, os estudos têm trazido contribuições mundialmente relacionadas a esse campo científico feminista. A cientista Martha Patrícia Castañeda Salgado (2012) aborda a grande contribuição da etnografia feminista para novas práticas e formas de pesquisa, desafiando os padrões tradicionais da antropologia:

Atualmente, é possível identificar autoras em diversas partes do mundo (México e América Latina não são exceção) cujas orientações, práticas, procedimentos de campo e narrativas têm, aos poucos, moldado essa forma particular de produzir conhecimento antropológico. A revisão histórica desse processo nos permite reconhecer várias gerações de especialistas cujas contribuições dão conteúdo à etnografia feminista, a qual podemos afirmar ser uma importante reveladora de realidades antes invisibilizadas, ignoradas ou silenciadas (Castañeda Salgado, 2012, p. 220, tradução nossa).³²

³² Original: Actualmente, es posible identificar autoras en distintas latitudes (México y América Latina no son la excepción) cuyas orientaciones, prácticas, procedimientos de campo y narrativas han venido conformando paulatinamente esa forma particular de elaborar conocimientos antropológicos. La revisión histórica del proceso nos permite reconocer ya varias generaciones de especialistas cuyas aportaciones le dan contenido a la etnografía feminista, de la cual podemos afirmar que es una importante develadora de realidades antes invisibilizadas, ignoradas o silenciadas.

Sobretudo, a etnografia se baseia nas observações e na formulação de hipóteses pelo(a) pesquisador(a), que, ao investigar determinados grupos, coleta dados por meio da interação direta entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Para as pesquisadoras Carmem Lúcia Guimarães de Mattos e Paula Almeida de Castro (2011, p. 50), “os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formulados ou recriados para atender à realidade do trabalho de campo”.

Em relação a pesquisa autoetnográfica, é possível perceber muitas semelhanças com a etnográfica. No entanto, a diferença é que a autoetnografia permite que a subjetividade do(a) próprio(a) pesquisador(a) seja mobilizada como ferramenta analítica e epistemológica, valorizando a dimensão reflexiva, afetiva e situada da investigação. Nesse sentido, ao reconhecer a minha experiência vivida como ponto de partida para a análise crítica, a autoetnografia contribui para dar visibilidade às tensões em torno da identidade sáfica, das violências simbólicas e da (in)visibilidade lésbica nas mídias digitais. Essa perspectiva está alinhada com um compromisso político feminista, que reconhece a importância do "lugar de fala" (Ribeiro, 2017) na produção de conhecimento.

A escolha da abordagem autoetnográfica nesta pesquisa parte da compreensão de que nossas experiências pessoais não existem isoladas, mas estão profundamente atravessadas por contextos sociais, históricos e culturais. Inspirada na proposta de autoetnografia interpretativa de Norman Kent Denzin (2017), nesta investigação, entendo que contar a minha história é também uma forma de ler o mundo e de me posicionar nele. A autoetnografia interpretativa permite que o(a) pesquisador(a) se aproxime da própria trajetória com um olhar crítico e sensível, entrelaçando vivências individuais com as dinâmicas coletivas que as moldam.

Denzin (2017, p. 84) ressalta: “trata-se mais de estudar como cada pessoa se representa a si mesma diante dos outros, desdobrando uma série de histórias que são contadas umas às outras”³³. Essa perspectiva enfatiza a construção da identidade como um processo narrativo e relacional, no qual os sujeitos mobilizam discursos e experiências para formular e reformular suas próprias subjetividades.

No contexto desta pesquisa, essa abordagem permite compreender como mulheres lésbicas constroem e comunicam suas identidades no espaço digital, especialmente no Instagram, por meio de interações, discursos visuais e textuais. Ao narrar suas vivências e compartilhá-las em uma esfera pública virtual, essas mulheres participam ativamente

³³ Original: Se trata más bien de estudiar cómo cada persona se representa asimismo frente a otros desplegando una serie de historias que se dicen el uno al otro.

da produção de significados sobre si mesmas, negociando pertencimentos e visibilidades dentro de um ambiente ainda permeado por normatividades cisheteronormativas.

Dessa forma, analiso este estudo a partir do meu próprio lugar de fala, propondo uma escuta atenta aos sentidos que emergem dessas presenças digitais, observando como afetos, silenciamentos e resistências se manifestam nesse espaço. Com isso, a autoetnografia se torna mais do que um método: ela se faz gesto político, ético e afetivo, alinhado com a proposta de uma epistemologia feminista interseccional, que valoriza o saber vivido como forma legítima de conhecimento e transformação.

Em relação a essa observação direta sobre o(s) sujeito(s) pesquisado(s), Donna Haraway (1995) faz uma observação a respeito da visão neutra e da objetividade na produção do conhecimento científico. A cientista acredita que a ciência tradicional construiu uma forma de "olhar" que distancia o sujeito do objeto, reforçando relações de poder ligadas ao colonialismo, ao militarismo, ao capitalismo e à supremacia masculina. Essa visão, quando potencializada por tecnologias de visualização cada vez mais sofisticadas, cria a ilusão de um conhecimento total e imparcial, ignorando que todo olhar é situado e condicionado por quem observa. Dessa forma, a filósofa propõe que a verdadeira objetividade não está na neutralidade, mas na honestidade sobre a parcialidade:

A moral é simples: só a perspectiva parcial promete a visão objetiva. Essa é uma visão objetiva que, ao invés de encerrar, inicia o problema da responsabilidade pela generatividade de todas as práticas visuais. A perspectiva parcial pode ser responsabilizada por seus monstros, tanto os promissores quanto os destrutivos. Todas as narrativas culturais ocidentais sobre a objetividade são alegorias das ideologias das relações entre o que chamamos de mente e corpo, distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência no feminismo. A objetividade feminista diz respeito à localização limitada e ao conhecimento situado, e não à transcendência e à cisão entre sujeito e objeto. Dessa forma, devemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver (Haraway, 1995, p.274).

Portanto, assumir essa condição parcial nos tornam responsáveis por como nossas práticas moldam o mundo em que estamos situados, não somente no meio científico, mas também político, artístico e social. Essa responsabilidade se estende ao ambiente digital, no qual as interações, discursos e construções identitárias vêm sendo mediados por algoritmos e plataformas online. Com o avanço das tecnologias digitais e a crescente interação nas mídias sociais, se tornou evidente a necessidade de adaptar essa perspectiva crítica ao ambiente virtual. Nesse contexto, a netnografia surge como uma extensão da etnografia no meio digital, permitindo a investigação de como identidades, discursos e

representações são construídos, negociados e ressignificados nas redes sociais e outros espaços online.

No entanto, a noção de lugar na era digital se expande para além do espaço físico, incorporando as interações e significados construídos nos ambientes virtuais. Para Christine Hine (2004, p.19),

[...] falar da Internet como um artefato cultural implica assumir que nossa realidade atual poderia ter sido diferente, uma vez que as definições do que ela é e do que ela faz são o resultado de entendimentos culturais que poderiam ter sido diferentes.

Em vista dessas observações, compreende-se que a Internet não é algo fixo ou naturalmente dado, mas um produto cultural construído socialmente. Sua forma e funcionamento resultam de interpretações e decisões culturais específicas, o que significa que sua configuração poderia ter sido diferente, caso outras escolhas tivessem sido feitas ao longo de sua história.

Adriana Amaral, Geórgia Natal e Lucina Viana (2008, p. 19) apontam que pesquisadores em sua análise seguem os traçados culturais que são demarcados pela interação nas comunidades, fóruns, blogs e plataformas, indicando uma gama variada de posicionamentos que norteiam o olhar do pesquisador. Nesse contexto, a netnografia se torna uma ferramenta essencial para compreender como as dinâmicas sociais, culturais e identitárias se manifestam nesses espaços virtuais. Ao investigar comunidades online, práticas discursivas e interações mediadas por algoritmos, a netnografia reconhece a Internet não apenas como um meio de comunicação, mas como um ambiente em que subjetividades são formadas, disputadas e reformuladas.

Em suma, a abordagem da autoetnografia e da netnografia se mostrou fundamental para a condução desta pesquisa, permitindo uma compreensão aprofundada das interações, discursos e identidades no ambiente digital. Ao proporcionar uma investigação mais imersiva e interpretativa, essas metodologias possibilitaram não apenas a coleta de dados, mas também a análise crítica das dinâmicas de (in)visibilidade, engajamento e representatividade presentes no meio virtual. Na sequência, serão apresentados o contexto da pesquisa e os dados gerados.

2.2 Lócus da pesquisa

As redes sociais ganharam uma enorme repercussão social, tornando-se espaços nos quais pessoas de diferentes culturas e realidades podem se conectar, compartilhar

experiências e promover causas. Elas revolucionaram a comunicação, democratizando o acesso à informação e dando voz a movimentos sociais antes silenciados. No entanto, essa mesma abrangência traz desafios significativos. O controle dessas plataformas por grandes corporações levanta questões sobre privacidade, manipulação de dados e a influência dos algoritmos na construção da opinião pública. Além disso, o ambiente virtual pode intensificar polarizações, amplificar discursos de ódio e criar bolhas informativas que limitam o diálogo plural.

Sob essa perspectiva, essas plataformas digitais oferecem oportunidades incríveis e têm como foco as relações discursivas, com a utilização de expressões, diálogos, enunciados e discursos que podem se refletir na realidade social. É essencial a problematização dos impactos do uso dentro desse contexto virtual e também das relações de poder dentro desses espaços. Para Van Dijck, Poell e Wall (2018, p. 5),

[...] a ascensão da ‘sociedade’ de plataforma pode ser caracterizada como uma série de confrontos entre diferentes sistemas de valores, contestando o equilíbrio entre interesses privados e públicos³⁴.

Diante disso, o estudo tem como objeto de pesquisa a rede social Instagram, que atualmente é considerada a quarta rede social mais popular do mundo, com cerca de 2 milhões de usuários ativos mensalmente³⁵. É uma das plataformas mais utilizadas no meio social entre jovens e adultos e possui uma trajetória marcante desde sua criação. Foi lançado em 6 de outubro de 2010, por Kevin Systrom³⁶ e Mike Krieger³⁷, inicialmente como um aplicativo exclusivo para iOS. Seu objetivo principal era permitir que os usuários compartilhassem fotos de forma simples, utilizando filtros para editar imagens e dar um toque artístico.

A denominação “Instagram” é uma combinação dos termos “instant” (instantâneo) e “telegram”, sugerindo a ideia de compartilhamento rápido de imagens. Logo após o lançamento, o aplicativo tornou-se extremamente popular, atingindo 1 milhão de usuários em apenas dois meses. Com um design simples e o foco na fotografia, essa rede atraiu muitos adeptos, transformando o Instagram em um fenômeno virtual.

³⁴ Original: “The rise of the “platform society” can be characterized as a series of confrontations between different value systems, contesting the balance between private and public interests”.

³⁵ Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/instagram-o-que-e-historia-e-como-funciona-a-rede-social/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

³⁶ Kevin Systrom é empreendedor e engenheiro de software norte-americano. Ficou conhecido como cofundador e CEO do Instagram.

³⁷ Michel “Mike” Krieger é brasileiro, nascido em São Paulo, formado em engenharia de software; é programador e empresário, conhecido por ser o cofundador do Instagram.

Em 2012, com apenas dois anos de existência, o aplicativo foi adquirido por Mark Zuckerberg, por 1 bilhão de dólares. Essa compra foi um marco no mercado de tecnologia, pois evidenciou o potencial das redes sociais como plataformas lucrativas e influentes. Após a aquisição, o aplicativo passou por diversas atualizações, ganhando novas funcionalidades e expandindo sua base de usuários.

Atualmente tem como aplicabilidades: postagem no Feed, que permite usuários compartilharem fotos, vídeo curtos, adicionando legendas, *hashtags* e até marcando pessoas e/ou locais. Também tem a opção de postar Stories, que são postagens temporárias (imagens, vídeos que desaparecem após 24 horas), além das ferramentas de interatividade, como enquetes, perguntas, caixas de sugestões e testes. Podemos utilizar filtros e efeitos e adicionar links aos stories. Conta com o recurso Reels: vídeos curtos, que contêm várias ferramentas de edição.

Outros mecanismos adicionados a esse aplicativo são: “IGTV” (vídeos longos), “loja do Instagram”, na qual marcas conseguem criar vitrines virtuais; o “explorar” são as descobertas de conteúdos e tópicos mais populares em tempo real. As “mensagens diretas” conhecida como (DMs) são chats privados que possibilitam a troca de vídeos, imagens e áudios. “Lives” são transmissões ao vivo, para as quais é possível convidar participantes; para as contas comerciais, há a ferramenta “insights e ferramentas para criadores” com recursos que fornecem dados estatísticos sobre alcance, engajamentos e público, além de poderem monetizar lives com apoio de seus seguidores. E tantos outros recursos: comentários, guias, busca por áudio e *hashtags*, controle e privacidade, colaboração entre criadores e a integração com outras plataformas, sendo elas da mesma empresa: Meta.

Essa rede social teve suas adaptações ao longo dos anos, o que atraiu muitos seguidores, já que é um espaço que vai além do compartilhamento de fotos e serve como uma plataforma para entretenimento, negócios e ativismos sociais. No entanto, passa por algoritmos desenvolvidos por grupos hegemônicos que direcionam o alcance e a visibilidade dos conteúdos, muitas vezes favorecendo narrativas dominantes e reproduzindo desigualdades.

Esses algoritmos, apesar de sua aparente “neutralidade”, podem reforçar bolhas sociais, priorizar discursos comerciais e políticos. Podem limitar o espaço para vozes marginalizadas, dificultando a pluralidade de perspectivas e visibilidades. Assim, o Instagram reflete tanto as suas possibilidades de criação de conteúdos quanto os desafios de um ambiente digital moldado por interesses econômicos e políticos.

Os comentários foram retirados desse contexto; os perfis foram escolhidos com base nos critérios de maior número de seguidoras(es) e publicações no período de 1º de janeiro de 2018 a 31 de dezembro de 2019. As influenciadoras digitais apresentam em sua rede conteúdos voltados às temáticas lésbicas, tendo como pautas: humor, relações amorosas, empoderamento, curiosidades, publicidade e parcerias, entre outros assuntos. Todos os perfis fazem uso de fotografias e vídeos, produzindo maior interatividade com suas(seus) seguidoras(es).

Figura 1 - Instagram @sapataodramas, conhecida página de humor sáfico no Instagram. A imagem reúne elementos discursivos e visuais que mobilizam ironia e afetividade como formas de enfrentamento à lesbofobia cotidiana



Fonte: <https://www.instagram.com/sapataodramas/>

O perfil @sapataodramas tem cerca de 150 mil seguidores e alta frequência de postagens diárias; a usuária se destaca por utilizar o humor sáfico como estratégia discursiva para tratar de questões sociais e emocionais vividas por mulheres lésbicas. As publicações, muitas vezes em tom irônico ou crítico, funcionam como espaços de identificação e resistência, permitindo que experiências cotidianas sejam ressignificadas por meio da comicidade e da crítica social. Assim, o perfil articula entretenimento e

engajamento político, promovendo visibilidade e reflexão sobre as vivências sáficas na contemporaneidade.

Figura 2 - Instagram @lesbicalizando_ofc, página que se dedica à visibilidade e ao ativismo lésbico no Instagram. As postagens articulam uma linguagem militante e estética digital para reafirmar a identidade sáfica como existência política



Fonte: https://www.instagram.com/lesbicalizando_ofc/

Com aproximadamente 30 mil seguidores, o perfil @lesbicalizando_ofc tem uma frequência média de postagens. Seu foco principal são temas como relacionamentos, autoaceitação e empoderamento. O conteúdo é voltado à construção de uma comunidade de apoio e fortalecimento identitário, buscando desmistificar estigmas e promover discursos positivos sobre a lesbianidade. Através de publicações que misturam informação, acolhimento e vivência pessoal, o perfil contribui para a legitimação de narrativas lésbicas e para a valorização da diversidade de experiências dentro do próprio grupo.

Figura 3 - Instagram @elasseamamof, página voltada à celebração de afetos sáficos no Instagram



Fonte: <https://www.instagram.com/elasseamamof/>

O perfil @elasseamamof, com cerca de 70 mil seguidores e alta frequência de publicações, dedica-se à produção de conteúdos que abordam representações afetivas, autoestima e visibilidade lésbica. Suas postagens buscam normalizar as relações entre mulheres, valorizando expressões de afeto e desconstruindo estereótipos sobre o amor lésbico. Ao promover imagens positivas e narrativas sensíveis sobre essas vivências, o perfil atua como um espaço de afirmação e pertencimento, reforçando a importância da representatividade nas redes sociais.

A partir dos perfis apresentados, pode-se observar que constituem um design voltado ao conteúdo para mulheres LBT (lésbicas, bissexuais e transgêneras). Mas “como são vistas as lesbianas, teriam realmente uma visibilidade?” (Swain, 2004, p. 69). É importante salientar que essa visibilidade nem sempre está acompanhada de representações autênticas ou respeitadas. Muitas vezes, as mulheres LBT são retratadas de forma estereotipada, superficial ou sob a ótica de uma sociedade que ainda, infelizmente, carrega resquícios de patriarcado, machismo e heteronormatividade. Assim, de acordo com a autora:

O mundo em que vivemos é construído de imagens, não apenas as visíveis, mas igualmente as representacionais carregadas de valores, de hierarquias, de posições, de normas nas quais a vida individual se desloca, decodificando, analisando e adequando-se com maior ou menor pertinência, aos perfis preestabelecidos (Swain, 2004, p. 69).

Portanto, mesmo em espaços que são aparentemente inclusivos, as mulheres sáficas frequentemente enfrentam apagamento, seja pela falta de conteúdo específico, seja pela priorização de outras pautas dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+. Assim, por meio da análise dos comentários das(os) seguidoras(es) serão investigadas quais as possíveis temáticas discutidas e se, com o contexto histórico político brasileiro, foram censuradas ou até mesmo ridicularizadas e também como é operada essa visibilidade dentro desses grupos, a intencionalidade da representação lesbiana, para que não se limite a um viés comercial ou que reproduza estereótipos e preconceitos, consciente ou inconscientemente, mas que contribua para a validação e o fortalecimento dessas identidades.

2.3 Geração de dados

A geração de dados³⁸ foi feita de duas formas, por meio de uma API³⁹ secundária do Instagram, pois para acessar a oficial é necessário ser dono da conta. Uma API basicamente é uma forma que os sistemas têm para se comunicar entre si; dessa forma, um sistema pode passar dados para outros e para usuários. O *Python*⁴⁰ e outras linguagens de programação podem usar uma API para coletar e transferir dados, informações em geral. Também foi utilizado *web scraping*⁴¹, que é bastante usado na programação *Python*; é uma forma de coletar os dados de alguma página na internet e pode ser visto como uma forma de automação.

³⁸ Opta-se pelo termo geração de dados em vez de coleta de dados, pois os dados são produzidos em contextos específicos, mediados pelas minhas escolhas e pelas ferramentas tecnológicas utilizadas.

³⁹ API é a sigla em inglês para *Application Programming Interface*, ou interface de programação de aplicações. As interfaces de programação de aplicativos (APIs) são conjuntos de ferramentas, definições e protocolos para a criação de aplicações de software. APIs conectam soluções e serviços, sem a necessidade de saber como esses elementos foram implementados.

⁴⁰ *Python* é uma das principais e mais populares linguagens de programação em todo o mundo. Disponível em: <https://blog.xpeducacao.com.br/python/>. Acesso em: 24 jan. 2025.

⁴¹ Web scraping é uma forma de mineração que permite a extração de dados de sites da web, convertendo-os em informação estruturada para posterior análise.

Após coletar os dados, foi feito um *script*⁴² em *Python* para navegar pela lista de comentários, na qual cada um está em uma linha de um arquivo txt⁴³; foi colocada uma série de palavras em três temas diferentes para sempre que uma palavra fosse encontrada ele somasse 1; assim, no final, seria possível ver quantos comentários possuíam aquelas palavras. Além disso, um filtro mais específico foi produzido para encontrar feedbacks que fossem ofensivos, constataram-se 83 palavras-chave relacionadas a termos de aversão as quais apareceram distribuídas em 72 comentários classificados como ofensas gerais e 49 comentários ofensivos diretamente as mulheres, postagens lesbofóbicas e misóginas. É válido ressaltar que, para fazer esse processo de coleta, recorri a um colega da área de Engenharia de Software.

Devido às restrições de privacidade e políticas de uso da plataforma, as APIs não conseguem acessar todos os dados dos perfis escolhidos. O Instagram, especialmente após a aquisição pelo Meta, reforçou suas políticas e proteção de dados; sendo assim, o acesso se torna limitado para obter as informações mais detalhadas dos usuários que comentaram as postagens. Dessa forma, não é possível problematizar outras questões, como: gênero, idade, raça, entre outras especificidades, a menos que os enunciadores detalhem esses tópicos nos comentários. Portanto, não será detalhado quem escreveu as mensagens analisadas, nem a qual perfil foi destinado, mas apenas o conteúdo em si. Contudo, elaborei um quadro que evidencia o total de comentários gerados a partir do dia 1º de janeiro de 2018 até o 31º dia de dezembro de 2019:

Quadro 1 - Número de publicações dos perfis no período de 2018 a 2019

Total de comentários (somando os três perfis)	26.167
@sapataodramas	19.945
@lesbicalizando_ofc	611
@elasseamamof	5.611

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nos dados algorítmicos da *Python*.

A definição das palavras-chave utilizadas na categorização dos comentários partiu de uma leitura exploratória inicial dos dados, seguida de um mapeamento temático com

⁴² *Script* é um texto com uma série de instruções escritas para serem seguidas, ou por pessoas em peças teatrais ou programas televisivos, ou executadas por um programa de computador.

⁴³ Abreviação para Arquivo de Texto. Os arquivos de texto têm a extensão.txt e são usados para salvar palavras escritas.

base nos objetivos da pesquisa e nas perguntas norteadoras. Os três grandes eixos temáticos – aversão, apoio e política – foram estabelecidos por refletirem os principais modos de interação e posicionamento observados nas postagens analisadas. Esse processo envolveu tanto uma análise qualitativa preliminar quanto a construção de uma lista de termos representativos de cada categoria, considerando expressões recorrentes no campo sáfico e no ativismo digital.

No interior do eixo aversão, foram identificadas subcategorias analíticas que permitiram refinar a leitura dos dados, distinguindo entre ofensas gerais, caracterizadas por ataques difusos ou estigmatizantes, e ofensas diretas à comunidade LGBTQIAPN+, nas quais a hostilidade se dirige explicitamente às identidades sexuais e de gênero dissidentes.

Quadro 2 - Dados gerados de palavras ofensivas à comunidade lésbica

Categoria aversão	Palavras relacionadas a aversão:	83
Subcategoria – ofensas gerais	Comentários alusivos às ofensas de caráter geral:	72
Subcategoria – ofensas diretas	Comentários alusivos às ofensas diretas à comunidade LGBTQIAPN+:	49
Articulação político-discursiva	Comentários com conteúdo político-ideológico	22

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nos dados algorítmicos da *Python*.

Quadro 3 - Palavras-chave por categoria

Categoria	Subcategoria	Descrição Analítica	Palavras-chave/expressões utilizadas
Aversão	Ofensas gerais	Ataques difusos, estigmatizantes ou moralizantes	"nojo", "nojento", "erro", "pecado", "sujo", "suja", "vergonha", "repugnante", "repulsa", "blasfêmia", "imoral", "desgraça", "depravação"

Aversão	Ofensas diretas à comunidade LGTQIAPN+	Hostilidade explícita a identidades sexuais e de gênero dissidentes	"sapata", "viado", "bicha", "bichinha", "traveco", "lesbo", "heteronormativo", "heteronormativa", "desviado", "desviada"
Política	-	Comentários com referências político- ideológicas	"#elenão", "#elenunca", "URSAL", "partido socialista", "fogo nos racistas e fascistas"
Apoio	-	Comentários de acolhimento e pertencimento	Análise qualitativa

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base nos dados algorítmicos da *Python*.

Durante a análise automatizada da categoria 'política', utilizando palavras-chave como 'Bolsonaro', 'PT', 'governo', entre outras, não foram identificadas ocorrências explícitas no *corpus*. Esse dado sugere que os perfis analisados priorizam uma abordagem afetiva, relacional e identitária, em detrimento de discursos político-partidários explícitos. Tal ausência pode indicar um tipo de resistência mais sutil e cotidiana, que se dá pela autoafirmação sáfica em contextos privados e afetivos, e não necessariamente por meio de enfrentamentos diretos com a conjuntura política.

Embora o procedimento automatizado tenha contemplado também o eixo 'apoio', optei por não apresentar, neste momento, um quadro quantitativo específico para essa categoria. Tal decisão metodológica decorre do foco analítico desta seção, voltado à identificação e problematização das práticas discursivas de aversão e violência simbólica direcionadas à comunidade lésbica. Os comentários classificados a essa categoria serão explorados predominantemente por meio de análise qualitativa, uma vez que o objetivo reside nos efeitos de sentido relacionados à construção de pertencimento, afeto e resistência cotidiana, aspectos que demandam uma leitura contextualizada dos enunciados, para além da mera recorrência lexical.

Para tornar mais transparente o funcionamento da análise automatizada dos comentários, foi elaborado um fluxograma representando as etapas do processo computacional. O fluxo segue as etapas: (1) coleta dos comentários via API secundária e *Web Scraping*, (2) limpeza e pré-processamento do texto, (3) aplicação do *script* com

palavras-chave temáticas, (4) contagem e classificação automática por categoria. Abaixo, segue uma imagem de pseudocódigo simplificado que ilustra a lógica aplicada:

Figura 4 - Pseudocódigo de dados, processos realizados pelo algoritmo da linguagem de programação Python

```
python

for comentario in lista_comentarios:
    for palavra in palavras_chave_aversao:
        if palavra in comentario:
            categoria = "aversão"
    for palavra in palavras_chave_apoio:
        if palavra in comentario:
            categoria = "apoio"
    for palavra in palavras_chave_politica:
        if palavra in comentario:
            categoria = "política"
```

Fonte: *Python*.

Além da categorização temática, foi realizada uma análise temporal dos comentários ao longo dos meses de 2018 e 2019. Observei um aumento expressivo nas interações em períodos que coincidiram com eventos políticos relevantes, como as eleições presidenciais de outubro de 2018 e a posse do presidente Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019. Esse contexto político, marcado por discursos conservadores e excludentes, impactou diretamente a produção e a recepção de conteúdo nas redes. Durante esse período, declarações públicas como “não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, eu vou bater” (Bolsonaro, 2011) e “essa minoria tem que se curvar à maioria” (Bolsonaro, 2017) circularam amplamente nas mídias e nas redes sociais, ecoando posicionamentos que reforçam a marginalização de identidades dissidentes de gênero e sexualidade. Essas falas repercutiram nos comentários analisados, ainda que de forma indireta, criando um ambiente discursivo em que a autoafirmação lésbica adquire contornos de resistência. Assim, os perfis estudados se tornam espaços de enfrentamento simbólico, nos quais afeto, pertencimento e visibilidade funcionam como estratégias de sobrevivência e reação frente ao avanço de discursos discriminatórios legitimados por figuras públicas.

Os comentários foram coletados dos três perfis selecionados por relevância e alcance dentro da comunidade sáfica no Instagram, tendo como recorte temporal 2018–2019, justamente por analisar como as(os) seguidoras(es) atuavam dentro desses perfis declarados da comunidade sapatão em um contexto político conservador que impactou os discursos online. Ao todo, foram coletados 45 comentários, que foram categorizados em eixos temáticos a partir de uma análise qualitativa. Durante o processo de geração de dados por meio da linguagem *Python*, a plataforma extraiu apenas os comentários e o @ dos perfis, sem disponibilizar informações referentes aos perfis de origem. Por esse motivo, não foram utilizados prints ou infográficos que pudessem expor usuários, garantindo o anonimato e a ética na pesquisa.

Diante das informações concebidas, pude me aprofundar nas metodologias que me deram suporte teórico para as análises, além de trazer o contexto da pesquisa e os dados gerados pela linguagem de programação. No próximo capítulo, explorarei os padrões dos discursos que mais apareceram, tais como expressões de preconceito, apoio ou questionamento, além de verificar como interagem e se posicionam diante das publicações postadas nos perfis analisados. A partir disso, destacarei os elementos discursivos que revelam tanto as dinâmicas sociais presentes no ambiente digital quanto os reflexos de estruturas de poder e exclusão que continuam permeando a sociedade, mesmo em espaços virtuais.

As questões nortearam o desenvolvimento da pesquisa e embasaram a análise dos dados apresentada a seguir, que teve como método, inicialmente, um levantamento preliminar dos dados; a partir da observação dos comentários, realizei um levantamento bibliográfico centrado na análise do papel do discurso na constituição dos sujeitos e na produção da realidade social, considerando as relações de poder que atravessam essas práticas (Foucault, 2008). Na fundamentação teórica, utilizei a análise do discurso (Koch, 2000; Koch; Travaglia, 2001) que possibilita compreender como os discursos, ao mesmo tempo que refletem as estruturas sociais, também as (re)produzem e podem ser utilizados como ferramentas de resistência e transformação. Essa abordagem permite analisar de que forma os enunciados presentes nas interações digitais contribuem para a construção de identidades lésbicas e para a visibilidade ou silenciamento dessas experiências no espaço midiático.

O conceito de heterossexualidade compulsória (Rich, 2012) será incluído na discussão por sua centralidade na compreensão das dinâmicas que influenciam as vivências sáficas. A relevância das trocas de experiências entre mulheres (Lorde, 2019)

evidencia a potência das redes de afeto como forma de resistência às estruturas opressoras que historicamente as silenciam. O ato político de afirmar sua identidade (Wittig, 1992) não apenas reivindica existência, mas também potencializa a construção de vínculos e fortalece outras subjetividades, assim criando uma rede de apoio mútuo.

Diante disso, por meio da aplicação de técnicas de Inteligência Artificial, realizei a análise do arquivo contendo os comentários recebidos. Essa análise permitiu identificar, de forma automatizada e precisa, os temas mais recorrentes mencionados pelos participantes. O uso da Inteligência Artificial possibilitou o agrupamento e a quantificação dos tópicos predominantes, oferecendo uma visão estruturada das principais demandas, opiniões e sugestões expressas no material analisado.

A análise automatizada foi realizada com o auxílio de técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), uma subárea da Inteligência Artificial voltada para o entendimento computacional de textos. Utilizei um modelo simples de classificação por palavras-chave, implementado por meio de *script* em *Python*, no qual os comentários foram escaneados linha a linha e classificados de acordo com a presença de termos previamente definidos em três categorias temáticas: aversão, apoio a comunidade e política. Embora não se trate de uma análise de sentimentos com algoritmos complexos de *machine learning*, o procedimento segue uma estrutura lógica de classificação baseada em vocabulário, o que permite identificar padrões linguísticos recorrentes.

Para garantir a confiabilidade da classificação automática, realizei uma validação cruzada por meio de checagem manual de uma amostra aleatória de 300 comentários classificados automaticamente. Essa etapa teve como objetivo verificar se os termos identificados pelo *script* correspondiam, de fato, ao contexto e à intencionalidade da fala. O índice de concordância entre a categorização automática e a leitura humana foi de aproximadamente 91%, o que indica um bom grau de precisão do método utilizado. Comentários ambíguos ou com duplo sentido foram realocados manualmente, quando necessário, o que reforça o cuidado ético e analítico adotado na construção do *corpus*.

Após esses dados recolhidos, averigui minuciosamente os discursos que apareceram nos comentários, visando estabelecer conexão com os segmentos que foram apresentados na investigação. Com isso, foi possível compreender com maior clareza a análise dos dados. A partir dessa compreensão aprofundada, desenvolvi os textos de maneira que respondesse as perguntas da pesquisa, garantindo que cada posicionamento refletisse as percepções manifestadas nos segmentos apresentados. São eles:

1) a visibilização das identidades lésbicas, bem como suas experiências marcadas pelas problemáticas que o machismo e a sociedade patriarcal refletiram nas suas vivências;

2) a redução da solidão lésbica por meio de uma rede de apoio;

3) além desse acolhimento na plataforma, a exaltação do relacionamento entre mulheres foi um dos temas que também se destacou;

4) e, relacionado ao contexto histórico-político, foram observados discursos que remetiam à luta contra os preconceitos não só sociais, mas também familiares.

Dessa forma, a metodologia adotada nesta pesquisa, fundamentada na articulação entre a autoetnografia interpretativa, a netnografia e o uso de técnicas computacionais de análise de dados, permitiu construir um percurso investigativo sensível às experiências lésbicas no contexto digital, sem abrir mão da sistematização e da precisão analítica. O cruzamento entre vivência, tecnologia e discurso possibilitou observar como afetos, resistências e silenciamentos se manifestam no ambiente do Instagram, especialmente em momentos de tensão política. A seguir, apresentarei e discutirei os principais resultados obtidos a partir desse processo, com foco nas formas de visibilidade (e invisibilidade) construídas pelas mulheres lésbicas nos perfis analisados.

Capítulo 3: análise das narrativas e a construção das identidades online

E eu só quero que nós nos entendamos,
mesmo que não seja assim tão simples
(Natália Borges Polesso).⁴⁴

Neste capítulo, apresentarei e analisarei os principais temas que emergiram a partir dos dados coletados, evidenciando as dinâmicas discursivas e identitárias observadas nos perfis de conteúdos sáficos. A interpretação dessas informações será conduzida de forma crítica, considerando tanto os padrões recorrentes quanto as particularidades das interações analisadas. Destaco que, para preservar a privacidade dos participantes, apenas trechos selecionados serão discutidos, sem a identificação dos perfis ou usuários envolvidos.

Ao longo da análise dos comentários, o conceito de “conhecimento situado” (Haraway, 1995) foi mobilizado para reconhecer que cada interação observada – elogios,

⁴⁴ Natália Borges Polesso é uma escritora, tradutora e professora brasileira, nascida em 1981, no Rio Grande do Sul. Ela é abertamente lésbica e se tornou uma das vozes mais reconhecidas na literatura contemporânea brasileira que aborda afetos e vivências sáficas.

críticas, conselhos ou silenciamentos – reflete um posicionamento específico, atravessado por marcadores como gênero, sexualidade e classe. Por exemplo, comentários que associavam a lesbianidade à solidão ou ao sofrimento foram analisados não como falas isoladas, mas como efeitos de discursos hegemônicos naturalizados socialmente. Além disso, ao aplicar filtros e categorias temáticas no *script* em *Python*, considerei o papel dos algoritmos tanto no acesso aos dados quanto na própria construção da visibilidade: alguns comentários eram impulsionados, outros ocultados, e isso evidencia a influência das lógicas algorítmicas na forma como os discursos circulam.

A análise do discurso de base foucaultiana permite compreender que os sentidos não estão simplesmente nos textos ou falas, mas são produzidos historicamente por meio de relações de poder, saber e linguagem. Nesse contexto, é possível analisar como os sujeitos discursivos, neste caso, mulheres que se identificam como lésbicas ou sáficas, são constituídos nas redes por meio dos enunciados que produzem ou nos quais são inseridas. Ao comentarem, se posicionarem ou até mesmo ao silenciarem, essas mulheres não apenas expressam opiniões: elas performam identidades, reiteram pertencimentos e, muitas vezes, resistem a normas impostas sobre como devem ser ou aparecer.

A categoria “lésbica”, portanto, não é um dado natural, mas uma posição discursiva produzida na enunciação. É no ato de dizer “me reconheço aqui”, “isso me representa” ou mesmo “nunca me vi assim antes” que o sujeito se constitui. Como aponta Foucault (1999), não há sujeito antes do discurso, ele é sempre efeito e produto da linguagem. No *corpus* analisado, isso aparece nos comentários de identificação, orgulho ou dor, que funcionam como pequenas cenas de enunciação nas quais o sujeito se “fabrica” a partir do que se reconhece ou do que lhe é negado.

Além disso, a análise foucaultiana convida a observar não apenas o que é dito, mas também o que é silenciado ou torna-se indizível. Em vários comentários, é possível notar que o silêncio também comunica, seja por meio da ausência de palavras sobre raça, idade ou classe, seja pela recorrência de elogios afetivos que evitam nomear o desejo sáfico diretamente. Essa tensão entre enunciação e silenciamento revela o controle discursivo presente até nos espaços de aparente liberdade, como as redes sociais.

Por fim, a repetição de certos enunciados, como “me representa”, “obrigada por existir”, “finalmente me vi”, produz o que podemos chamar de ressonância coletiva. Trata-se da criação de sentidos que transcendem o comentário individual e geram um sentimento de pertencimento compartilhado. Essa repetição funciona como uma espécie de “cola discursiva” que fortalece laços simbólicos e cria comunidades de afeto e

resistência, mesmo que temporárias ou dispersas. Portanto, ao analisar os comentários presentes nos perfis sáficos investigados, busco compreender como essas mulheres se constroem discursivamente, o que podem ou não dizer, e como a coletividade emerge através da linguagem, seja por semelhança, seja por identificação, seja por diferença.

Embora nesta pesquisa eu utilize a categoria lesbiana como ponto de partida analítico, é fundamental reconhecer que essa identidade não se constitui de forma homogênea. Ao contrário, ela é atravessada por marcadores como raça, classe, idade e território, que produzem experiências distintas de visibilidade e de exclusão. A ausência de vozes negras, periféricas, indígenas ou de mulheres mais velhas nos comentários e nos perfis analisados não deve ser interpretada como simples acaso, mas como um sintoma das hierarquias que atravessam também os espaços digitais. Muitas vezes, as lésbicas que ocupam posições sociais mais vulnerabilizadas continuam silenciadas, seja pela lógica dos algoritmos, seja pela escassez de recursos para produção de conteúdo, seja ainda pelo medo de represálias e violências simbólicas.

Esses silenciamentos estruturais nos convidam a refletir sobre os limites da representatividade que se dá via redes sociais e a questionar quem pode ser visível e sob quais condições. Na análise que segue, portanto, parto do reconhecimento dessas ausências como elementos significativos e proponho uma leitura atenta das interseccionalidades que informam as formas como a identidade sáfica é construída, performada e reconhecida no Instagram. As ausências foram identificadas a partir de dois movimentos complementares: o primeiro foi a observação direta dos perfis analisados, nos quais percebi que a maioria das representações visíveis de mulheres lésbicas se concentrava em corpos brancos, magros, jovens e dentro de uma estética padronizada, o que já aponta uma exclusão visual de outras identidades, como mulheres negras, gordas, mais velhas ou periféricas. O segundo movimento foi a análise dos comentários: ao longo da categorização e leitura das interações, notei a escassez de menções explícitas a questões raciais, territoriais ou geracionais, mesmo em postagens que abordavam temas como violência, resistência ou afeto.

Essa ausência de vozes interseccionais é, em si, um dado analítico. Como pesquisadora feminista e autoetnográfica, compreendo que o que não é dito ou quem não aparece também comunica e denuncia os limites da visibilidade sáfica dentro da lógica algorítmica e dos discursos hegemônicos da rede. Portanto, essas lacunas não são ignoradas, mas incorporadas à análise como marcadores de exclusão estrutural, que reforçam a importância de pensar a identidade lésbica de forma interseccional.

Desse modo, busco compreender de que maneira esses espaços digitais dos três perfis selecionados – (@sapataodramas, @lesbicalizando_ofc e @elasseamamof) – contribuem para a visibilidade e redução da solidão lésbica, observando também a relação com o período histórico-político (2018-2019). Também apresentarei uma tabela resumindo os temas centrais, estratégias discursivas e as principais referências utilizadas no final de cada eixo temático, visando assim também responder de maneira objetiva os seguintes questionamentos que norteiam esta pesquisa:

- Como os perfis que produzem conteúdos sáficos contribuem para a visibilização dessas identidades e para a redução da solidão lésbica?
- Quais foram os temas mais frequentes nos comentários relacionados às postagens dos perfis analisados no período selecionado?
- Como o contexto histórico e político se refletiu nas narrativas dos comentários?

3.1 A identidade lésbica e os desafios enfrentados em suas vivências

A identidade, entendida como uma construção social e performativa, é um conceito central nos estudos de gênero e sexualidade. Stuart Hall (2006, p. 13) argumenta que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Desse modo, as identidades não são fixas ou essencialistas, mas fluidas, históricas e contextualmente situadas.

Assim, a construção de uma identidade lésbica nas plataformas, além de variável, é um ato que resiste às relações de poder, articulando novas formas de pertencimento e afirmação em um espaço que historicamente tentaram silenciar. São imprescindíveis discussões sobre a ausência de políticas públicas voltadas à garantia de direitos e à visibilidade de mulheres lésbicas, aliada a esse silenciamento de pautas em instâncias de decisão. Diante disso, a pesquisadora Bruna Irineu (2021) sustenta a noção de “lesbofobia de Estado” como um conjunto de práticas estruturais que se manifestam por meio da invisibilidade, do apagamento e da desproteção social das mulheres lésbicas.

Nesse sentido, ao reconhecer que a constituição das identidades lésbicas nas redes digitais está atravessada por disputas políticas e simbólicas, é fundamental compreender como essas experiências de resistência se articulam à ausência de amparo institucional e aos mecanismos de exclusão que incidem especialmente sobre os corpos de mulheres negras, historicamente marginalizadas pelo próprio Estado. Nesse contexto, Simone

Brandão Souza (2018, p. 253) observa que, ao buscar manter a ideia de pureza e superioridade racial, o Estado apropriou-se do discurso médico como instrumento de poder, utilizando-o para disciplinar corpos e regular a vida da população.

Essa articulação entre o campo digital e o estrutural evidencia que a visibilidade lésbica não depende apenas da ocupação de espaços online, mas também do enfrentamento das violências sistematizadas pela chamada “lesbofobia de Estado”. É nesse cenário que emergem os discursos de autoaceitação e resistência, analisados nos subtópicos a seguir, os quais revelam como as sujeitas negociam pertencimentos e reafirmam suas existências frente às normas heterocisnormativas.

3.1.1 Autoaceitação e resistência afetiva

No contexto de uma sociedade marcada por padrões normativos de beleza, gênero, sexualidade e comportamento, aceitar-se é, em muitos casos, um ato de coragem. Para sujeitos que vivem à margem, especialmente mulheres negras, pessoas LGBTQIAPN+, corpos gordos, pessoas com deficiência, entre outros, o amor por si mesmo não é apenas um exercício de autoestima, mas uma estratégia de resistência. Como lembra a ativista Lorde (1988, p. 125), “cuidar de mim mesma não é autoindulgência, é autopreservação, e isso é um ato de guerra política”⁴⁵. Essa afirmação revela como o afeto voltado para si, em contextos de opressão, pode se tornar uma forma de insurgência.

A resistência afetiva, portanto, não se limita à recusa da dor, mas envolve a construção ativa de vínculos, redes de apoio e formas de afeto que sustentem a dignidade dos sujeitos em sua inteireza. Ela se expressa nos gestos cotidianos de cuidado, nas relações que rompem com o silenciamento, na possibilidade de amar-se e amar o outro para além do que é permitido ou esperado. Nesse sentido, afetar-se e permitir-se ser afetado torna-se um campo de disputa política, um modo de afirmar a potência da vida frente às violências simbólicas e materiais que nos atravessam.

É preciso reconhecer, no entanto, que o caminho da autoaceitação não é linear e nem romantizado. Ele é feito de rupturas, descobertas e, muitas vezes, de dor. O enfrentamento da vergonha, do medo, da solidão e da rejeição faz parte desse percurso. Por isso, pensar a autoaceitação como resistência afetiva também significa compreender que se aceitar é, muitas vezes, um processo coletivo, feito na escuta, no acolhimento e no

⁴⁵ Original: Caring for myself is not self-indulgence, it is self-preservation, and that is an act of political warfare.

espelhamento com outras histórias e vivências. A esse respeito, apresento os comentários abaixo.

Comentário 1

Eu quero ser quem eu sou, sem precisar pedir permissão ou viver com medo do julgamento alheio.

Comentário 2

Vc precisa se aceitar, e quanto a alguma chegar em vc, e questão de vc dar sinais, seja vc mesma, ja passei por essa fase de ficar com ca sentir nada. E olha apesar de quebrar a cara várias vezes tenho orgulho de ser lésbica. A única que pode mudar isso e vc mesma.

Comentário 3

Como você mesmo disse, se define lésbica. Mas 'se aceita', pois a aceitação própria talvez seja o processo mais confuso, demorado, inseguro... Quanto a ficar com homens, se não gosta, não precisa, a não ser que seja bi, e tudo bem! Conselho seria frequentar locais LGBT, dialogar com amigos, grupos ... Para conseguir ir fazendo contatos. A insegurança em relação a 'se vai ficar com alguém', sei bem como é, sofro também. Mas vai tentando. Uma coisa por vez tá... Booooo sorte. Felicidades. Qualquer coisa chama no direct  

Os comentários analisados revelam a centralidade da linguagem como ferramenta de negociação identitária e subjetiva, demonstrando tanto a vulnerabilidade quanto a resistência diante das normas sociais. O primeiro comentário reflete o desejo de afirmação de sua identidade, ecoando as ideias de Butler (2018, p. 151): “ao falar, o ‘eu’ assume a totalidade da linguagem, e fala, portanto, potencialmente a partir de todas as posições, isto é, de um modo universal”. A escolha de palavras como *quero*, *ser*, *permissão* e *julgamento* é significativa. Segundo Mikhael Bakhtin (2006, p. 115), “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”. O uso de *quero* expressa um desejo de autonomia e autenticidade, enquanto *permissão* e *julgamento* evocam a opressão social que muitas pessoas da comunidade enfrentam. Essa escolha lexical reflete uma luta contra normas sociais que impõem restrições à identidade. Portanto, a linguagem pode ser um espaço de liberdade capaz de resistir aos padrões impostos pela sociedade.

No segundo comentário, os excertos *vc precisa se aceitar*, *seja vc mesma* funcionam como gestos de cuidado e incentivo, mostrando uma tentativa de acolhimento diante da vulnerabilidade da outra. A palavra *aceitar* é central, indicando um processo de reconhecimento que é fundamental na teoria da identidade de Foucault (1988b, p. 145),

ao argumentar que a “não se deve imaginar uma instância autônoma do sexo que produza, secundariamente, os efeitos múltiplos da sexualidade ao longo de toda a sua superfície de contato com o poder”. Em outros termos, a sexualidade não é uma expressão instintiva e isolada, mas um fenômeno profundamente moldado pelas relações de poder que estão inseridas em contextos culturais, históricos e institucionais.

A estrutura do comentário é mais complexa, com frases longas e conectivas que refletem um fluxo de pensamento. O uso de *e* na parte *Vc precisa se aceitar, e quanto a alguma chegar em vc*, para conectar ideias sugere uma continuidade de experiências e conselhos, criando um tom de conversa íntima e de apoio. Essa estrutura dialoga com a ideia de Bakhtin (2003, p. 316): “ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito [...]”. De forma resumida, podemos dizer que, de acordo com o filósofo, a identidade do sujeito se constrói no diálogo com o outro. Somos moldados pelas vozes que nos atravessam, pelas interações que travamos e pelas posições que ocupamos nos diferentes contextos comunicativos. A individualidade, nessa perspectiva, não é isolada nem fixa, mas constantemente produzida na troca, no confronto e no reconhecimento mútuo. Já na parte *E olha apesar de quebrar a cara várias vezes tenho orgulho de ser lésbica* o processo de autoaceitação se manifesta como narrativa pessoal de superação e orgulho, destacando o papel da linguagem em construir resiliência. Essa fala remete ao que a escritora feminista Cheryl Clarke nomeia como ato de resistência:

Ser lésbica em uma cultura tão supremacista, machista, capitalista, misógina, racista, homofóbica e imperialista como a dos Estados Unidos é um ato de resistência — uma resistência que deve ser acolhida em todo o mundo por todas as forças progressistas. Não importa como uma mulher viva seu lesbianismo, no armário, na legislatura estadual ou no quarto. Ela se rebelou contra sua prostituição ao amo escravista, que corresponde à mulher heterossexual dependente do homem. Essa rebelião é um negócio perigoso no patriarcado. Homens de todos os níveis privilegiados, de todas as classes e cores, possuem o poder de agir legal, moral e/ou violentamente quando não conseguem colonizar as mulheres, quando não conseguem limitar nossas prerrogativas sexuais, produtivas, reprodutivas e nossas energias. A lésbica, essa mulher ‘que tomou outra mulher como amante’, conseguiu resistir ao imperialismo do amo nessa esfera de sua vida. A lésbica descolonizou seu corpo. Ela rejeitou uma vida de servidão implícita nas relações heterossexistas/heterossexuais ocidentais e aceitou o potencial da mutualidade em uma relação lésbica, apesar dos papéis (CLARKE, 1988, tradução nossa).⁴⁶

⁴⁶ Original: Ser lesbiana en una cultura tan supremacista, machista, capitalista, misógina, racista, homofóbica e imperialista como la de los Estados Unidos, es un acto de resistencia, una resistencia que debe ser acogida a través del mundo por todas las fuerzas progresistas. No importa como una mujer viva su lesbianismo, en el closet, en la legislatura del estado, o en la recámara. Ella se ha rebelado contra su prostitución al amo esclavista, ésta corresponde a la hembra heterosexual que depende del hombre. Esta rebelión es un negocio peligroso en el patriarcado. Los hombres de todos los niveles privilegiados, de todas

Vale mencionar o poema “Intimidade não é luxo”, de Cheryl Clarke (2006), que transforma o amor entre mulheres em um gesto político de resistência e cura. A autora denuncia o silenciamento e o medo que historicamente marcaram as relações lésbicas, reivindicando a intimidade como direito e não como privilégio. Ao afirmar “nós estamos aqui”, Clarke celebra a presença e a união de mulheres que rompem com a censura e a vergonha impostas pela heteronormatividade. O verso “tribadismo é uma panaceia ancestral e vale o risco” ressignifica um termo antes usado de forma pejorativa, transformando-o em símbolo de poder e herança coletiva. Assim, a poeta afirma a intimidade lésbica como espaço de liberdade, ancestralidade e reconstrução política e afetiva.

No terceiro comentário, também é percebido o incentivo à afirmação da identidade lesbiana: *Como você mesmo disse, se define lésbica. Mas ‘se aceita’, pois a aceitação própria talvez seja o processo mais confuso, demorado, inseguro.* As palavras *aceitação, confuso, demorado, inseguro* e *conselho* refletem uma compreensão profunda das dificuldades enfrentadas na jornada de autoaceitação. A inclusão de *tá* e *Boooooa sorte* confere um tom coloquial e amigável, criando uma atmosfera de apoio. Além dos processos de aceitação, enfatiza o valor do apoio comunitário entre mulheres sáficas, evidenciando aspectos sociais e psicológicos. A parte *Conselho seria frequentar locais LGBT, dialogar com amigos, grupos ... Para conseguir ir fazendo contatos ...* explora o pertencimento à comunidade, aconselhando a buscar espaços inclusivos e se alinha com os estudos de Pierre Bourdieu (1989), ao refletir sobre as lutas simbólicas em torno das classificações sociais e o poder de impor visões legítimas do mundo social, nas quais a identidade e a unidade do grupo são produzidas e reafirmadas por meio do reconhecimento mútuo e da partilha de espaços socialmente significados:

Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (Bourdieu, 1989, p. 113).

las clases y colores poseen el poder de actuar legal, moral, y/o violentamente cuando no pueden colonizar a las mujeres, cuando no pueden limitar nuestras prerrogativas sexuales, productivas, reproductivas, y nuestras energías. La lesbiana, esa mujer “que ha tomado a una mujer como amante, ha logrado resistir el imperialismo del amo en esa esfera de su vida. La lesbiana ha descolonizado su cuerpo. Ella ha rechazado una vida de servidumbre que es implícita en las relaciones heterosexistas/heterosexuales occidentales y ha aceptado el potencial de la mutualidad en una relación lésbica, no obstante los papeles.

A perspectiva do sociólogo é que identidades são construídas e naturalizadas a partir de jogos de poder, nos quais certos grupos classificam suas verdades como universais. Em continuidade com a análise, ao mencionar *sofro também*, a seguidora cria uma conexão empática, que exemplifica como relatos de vivência individual podem facilitar a sororidade e a solidariedade entre pessoas que compartilham experiências semelhantes. Por fim, o tom leve e encorajador do encerramento que aparece na menção *Uma coisa por vez tá... Boooooa sorte. Felicidades. Qualquer coisa chama no direct* reforça um suporte afetivo que, embora informal, sugere ações práticas para o fortalecimento das subjetividades. O uso dos emojis no final do comentário “📷😊” atua como marcador identitário, compondo um dialeto próprio. O linguista David Crystal (2006, p. 197, tradução nossa)⁴⁷ complementa que:

O uso ou não de emojis constitui uma grande fronteira dialetal — o que eu suponho podermos chamar de *isocybe*. O alcance e a frequência dos smileys constituem outra. Mas essa variação também reflete mudanças linguísticas. Nos diálogos do ElseMOO⁴⁸, faz-se referência contínua a ‘como as coisas eram’ — à história linguística do grupo, aos usos já obsoletos, às origens do seu jargão, às piadas e histórias antigas, e assim por diante — e a metadiscussão linguística parece ser algo corriqueiro em situações de chat mediado por computador.

Essa dinâmica de uso de *emojis* e *smileys* evidencia que, mesmo em ambientes virtuais, subsistem comunidades linguísticas com seus próprios limites dialetais, ou como o autor nomeia de *isocybes*, definidos tanto pela escolha de repertório gráfico quanto pela frequência de seu uso. Essa variação não se restringe à expressão momentânea, mas faz parte de um contínuo processo de mudança linguística, no qual os participantes se reconhecem enquanto tais por meio de referências à história do grupo.

Em suma, ainda que a autoaceitação seja um passo importante para o fortalecimento identitário, esse processo muitas vezes é atravessado por obstáculos externos, especialmente no ambiente familiar. A falta de acolhimento pode transformar o espaço doméstico em um lugar de dor e negação. Diante disso, passo agora à análise da rejeição familiar e seus impactos na saúde mental.

⁴⁷ Original: the range and frequency of smileys is another. But the variation also reflects language change. Continual reference is made in the ElseMOO dialogues to ‘how things were’ — to the linguistic history of the group, to outdated usage, to the origins of its jargon, to ancient jokes and stories, and so on — and linguistic metadiscussion seems to be commonplace in computer-mediated chat situations.

⁴⁸ Ambiente virtual antigo de bate-papo e simulação social.

3.1.2 Rejeição familiar e impactos na saúde mental

A família, comumente compreendida como espaço de proteção, pertencimento e afeto, exerce um papel central na formação da identidade e na construção emocional dos sujeitos. No entanto, quando esse espaço se torna fonte de rejeição, especialmente diante da expressão de identidades que fogem aos padrões normativos (como no caso de pessoas LGBTQIAPN+, entre outras), os efeitos sobre a saúde mental podem ser profundos e duradouros. Para Marisa Fernandes, Luiza Dantas Soler e Maria Cecília Paiva (2018, p. 44):

Um grupo como o das lésbicas, que tem suas vivências construídas com uma escassez de referenciais que validem o seu lugar social e familiar, bem como a sua forma de se relacionar afetiva e sexualmente, além do medo de possíveis violências e do estigma, já é, em si, um grupo com um fator enorme de adoecimento.

Para as pesquisadoras, a falta de espaços seguros e reconhecimento social, somada ao medo da rejeição e às violências simbólicas e materiais, intensifica o isolamento e fragiliza a construção de vínculos de apoio. A não aceitação por parte dos familiares pode desencadear sentimentos de inadequação, solidão, culpa e baixa autoestima, impactando diretamente o bem-estar psicológico e emocional. A experiência de ser rejeitado por aqueles de quem se espera cuidado e acolhimento fragiliza os vínculos afetivos e sociais, tornando-se um fator de risco para quadros de ansiedade, depressão e até ideação suicida. Diante disso, os autores Allan Dayvidson de Azevedo Menezes e Viviane Suzano Martinhão (2018, p. 62) observam que as discussões sobre saúde da comunidade LGBTQIAPN+ ainda se concentram majoritariamente em aspectos biológicos e preventivos, deixando em segundo plano dimensões subjetivas e emocionais que também integram o bem-estar dessas pessoas:

Embora haja algumas diretrizes governamentais que propõem a garantia de saúde para esse grupo, a saúde mental ainda aparece nos debates de modo escasso e de pouco alcance para essas pessoas. Ainda que já tenha sido abordado sobre a vulnerabilidade e riscos que muitas dessas pessoas enfrentam cotidianamente e como sua condição mental fica gravemente fragilizada e ameaçada – levando inclusive a altos índices de depressão, ansiedade e suicídio – e os processos de cuidado, atenção e assistência comparecerem nas nossas discussões, ainda assim não têm sido suficientes.

Essa lacuna evidencia a necessidade urgente de ampliar o olhar institucional sobre a saúde mental da população lésbica, garantindo políticas efetivas de acolhimento, acompanhamento psicológico e formação profissional sensível às diversidades de gênero e sexualidade, de modo a promover cuidado integral e equitativo. Menezes e Martinhão

(2018, p. 63) complementam que, apesar do direito à saúde pública ser fundamental, a população LGBTI+ ainda sofre opressões e discriminações decorrentes da negligência e omissão persistente do Estado. A pesquisadora Bruna Andrade Irineu (2021) discute os apagamentos institucionais e a negligência estatal direcionados à comunidade lésbica, conceituando esse processo como lesbofobia de Estado. Segundo a autora, trata-se de um sistema sustentado pela dominação masculina e pela lógica heteronormativa, que estrutura políticas públicas e práticas sociais a partir da exclusão das mulheres lésbicas. Esse mecanismo reforça desigualdades, silencia experiências e mantém a marginalização dessas sujeitas dentro das próprias instâncias que deveriam garantir seus direitos.

Assim, refletir sobre a rejeição familiar não é apenas compreender um conflito interpessoal, mas reconhecer um fenômeno estrutural que atravessa dimensões emocionais, sociais e políticas. Essa rejeição impacta profundamente a saúde mental, o senso de pertencimento e o exercício pleno dos direitos humanos, evidenciando como a ausência de acolhimento e o estigma reforçam ciclos de exclusão e vulnerabilidade. Serve de exemplo o comentário 4.

Comentário 4

Queria me elogiar apesar de ter me assumido a pouco tempo ter algumas pessoas da minha família que não me aceita. Passando por uma depressão horrível e ter pensamentos suicidas ainda estou VIVA E LUTANDO.

O comentário analisado revela uma narrativa de resistência e admiração diante da frase *Queria me elogiar apesar de ter me assumido a pouco tempo..* exemplificando o uso da linguagem para afirmar sua lesbianidade, o que a autora Clarke (1988) designa de ato de resiliência. Deborah Cameron (1995, p. 204) afirma que “a linguagem está inextricavelmente conectada com a identidade, tanto individual quanto social, é algo que contribui para o senso de quem as pessoas são e transmite mensagens sobre quem são para os outros” (tradução nossa)⁴⁹.

A estrutura é complexa, com frases longas que refletem um fluxo de consciência. Além disso, a construção sugere uma relação de adversidade, na qual a autoaceitação é acompanhada de desafios familiares. A parte *algumas pessoas da minha família que não me aceita* está inserida em um marco social em que a rejeição familiar e os tabus ligados à identidade sexual criam pressões que impactam diretamente a subjetividade do

⁴⁹ Original: Language is inextricably connected with identity, both individual and social, it is something that contributes to people's sense of who they are, and conveys messages about who they are to others.

indivíduo, reconhecendo esse impacto quando comenta *Passando por uma depressão horrível e ter pensamentos suicidas*. Em conformidade com a letróloga brasileira Eni Pulcinelli Orlandi (2008, p. 17), ao tomar a palavra, o sujeito participa de um ato social carregado de implicações como relações de poder, disputas por reconhecimento e processos de constituição identitária, uma vez que todo enunciador está situado socialmente, e essa posição influencia diretamente os sentidos que produz.

Ao destacar *ainda estou VIVA E LUTANDO*, o uso das letras maiúsculas serve como uma estratégia de ênfase emocional, transformando a dor em superação. A rejeição familiar e os impactos da depressão ilustram o pensamento de Erving Goffman (1988, p. 12): um sujeito que possui um atributo diferencial vergonhoso pode tentar desconstruir a realidade socialmente aceita e adotar uma interpretação alternativa e não convencional da forma como sua identidade social é caracterizada. Assim, ressignifica os seus estigmas e reconstrói sua identidade em oposição às expectativas sociais.

Diante do exposto, é importante salientar que as marcas deixadas pela rejeição familiar se estendem para além do ambiente doméstico, refletindo-se também nas formas como os corpos que não se encaixam no padrão social são percebidos e tratados socialmente. Nesse sentido, é importante voltar o olhar para as expressões da lesbofobia e os mecanismos de controle dos corpos nos espaços públicos, que reforçam violências simbólicas e materiais contra mulheres que amam outras mulheres.

3.1.3 Lesbofobia e controle dos corpos nos espaços públicos

A lesbofobia configura-se como uma forma específica de discriminação e violência direcionada a mulheres que se identificam como lésbicas ou que expressam afetos e desejos por outras mulheres. Essa opressão não se manifesta apenas no âmbito privado, mas é intensamente vivenciada nos espaços públicos, onde mulheres lésbicas são frequentemente alvo de vigilância, controle e normatização. O controle dos corpos nos espaços públicos, especialmente dos corpos lésbicos, revela mecanismos sociais e culturais que buscam manter a ordem heteronormativa e patriarcal, limitando as formas de existência e expressão dessas mulheres. A lesbofobia, portanto, não se restringe a atitudes preconceituosas, mas se traduz em práticas que criminalizam, silenciam e marginalizam, dificultando o acesso à visibilidade, à autonomia e à segurança nesses ambientes. Compreender as dinâmicas da lesbofobia e os dispositivos de controle sobre os corpos nos espaços públicos é fundamental para pensar estratégias de resistência, inclusão e garantia de direitos, ampliando o reconhecimento da diversidade sexual e de

gênero na esfera social. Nos comentários abaixo, analiso as práticas discursivas de opressão.

Comentário 5

depois q eu costume assumir a sexualidade é quase um reflexo esse lance do banheiro. Não troco mais de roupa no mesmo ambiente, aguardo do lado de fora. A menos que a pessoa tenha intimidade o suficiente é não se importe e saiba que existe uma coisa importante chamada CARÁTER. Pq se tem uma coisa q eu não tenho é paciência pra essa gente.

Comentário 6

isso não é feminilidade frágil não, viu? nome disso é lesbifobia

Comentário 7

É lesbofobia com toda certeza. Masculinidade frágil é quando o cara acha que algo está infringindo a "macheza" dele. Até onde eu sei não tem feminilidade frágil.

Os comentários ressaltam práticas discursivas que evidenciam experiências de opressão enfrentadas por mulheres lésbicas, destacando a lesbofobia e os preconceitos disfarçados que permeiam contextos sociais cotidianos. No comentário 5, revela-se a problemática em relação aos espaços compartilhados, como o banheiro. Mulheres que se afirmam enquanto homossexuais e também as que não performam feminilidade são vítimas do preconceito, que se manifesta de forma velada ou explícita. O uso da expressão "CARÁTER" enfatiza a necessidade de reconhecimento ético e respeito. Esses discursos e práticas preconceituosas aludem ao que o filósofo Foucault menciona como dispositivo da sexualidade:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (Foucault, 1988a, p. 244).

Em síntese, a sexualidade não é algo natural, instintivo ou puramente biológico, mas construída socialmente, dentro de um sistema que diz como devemos viver, sentir e nos expressar. Isso se relaciona também com os comentários 6 e 7, nos quais foi percebida a expressão *feminilidade frágil*, que presumivelmente, atribuía a determinada situação anterior. No caso dessa expressão, as usuárias não se referem à fragilidade feminina, mas remetem ao contrário da problemática, chamada masculinidade frágil, em que a

heterossexualidade masculina é colocada em questão. No entanto, essa expressão é contestada, pois os comentários deslocam o eixo da interpretação para "lesbofobia", reafirmando a existência de um sistema de violência simbólica direcionado às mulheres lésbicas. O que está em jogo é uma disputa de sentidos, comum à análise do discurso de orientação foucaultiana, em que “nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo - é uma primeira inversão de poder, é um primeiro passo para outras lutas contra o poder” (Foucault, 1988a, p. 76).

Nos próximos comentários analisados, também identifiquei a nomeação de opressões sistêmicas, vinda de relacionamentos homoafetivos. Estas, muitas vezes, são atravessadas por dinâmicas de violência que refletem e perpetuam estruturas de machismo, evidenciando como as repressões sociais se manifestam também na esfera íntima, como será observado no próximo subtópico.

3.1.4 A reprodução dos discursos normativos em relacionamentos sáficos

A análise dos relacionamentos sáficos exige uma reflexão acerca da reprodução dos discursos normativos que permeiam as construções sociais de gênero, sexualidade e afetividade. Apesar de sua natureza dissidente frente à heteronormatividade, tais relações muitas vezes incorporam e reproduzem, ainda que de maneira sutil ou inconsciente, padrões e expectativas hegemônicas que regulam o comportamento dos sujeitos. Isso inclui a naturalização de papéis binários, como aquela que “assume” a posição mais masculina ou feminina e a adesão a modelos tradicionais de monogamia, exclusividade e hierarquias emocionais, que refletem discursos sociais dominantes. Essa reprodução normativa pode ser compreendida como um efeito do poder disciplinar, que opera de modo a normatizar corpos, desejos e afetos, mesmo em espaços que deveriam ser de liberdade e subversão.

A persistência desses discursos nos relacionamentos sáficos revela as dificuldades e tensões inerentes à construção de identidades e práticas afetivas que desafiem os padrões estabelecidos. Ela indica que a desconstrução da heteronormatividade não se dá de forma automática com a existência da dissidência sexual, mas requer um processo contínuo de questionamento e resistência. Além disso, a incorporação desses discursos normativos pode impactar diretamente a qualidade das relações, a saúde emocional dos sujeitos e a visibilidade política de mulheres sáficas, que, ao reproduzirem tais padrões, acabam por reforçar mecanismos de exclusão e silenciamento dentro e fora da comunidade LGBTQIAPN+.

Comentário 8

A verdade é que tem MUITA sapatão reproduzindo o machismo maldito que tanto combatemos, em seus relacionamentos!

Comentário 9

compreendi que o relato aponta as possíveis relações de poder que são estabelecidas sob o viés do machismo, reproduzido em uma relação entre mulheres, e por justamente tratar-se da REPRODUÇÃO de machismo não isenta a nenhuma mulher; no caso, uma lésbica, mas poderia ser uma bissexual. Se a associação for para a lésbica, pode denotar lesbofobia, e se para a bissexual, bifobia. A questão está na reprodução do machismo, e o combate a esse. Reiterando, nesse caso, compreendo que a autora vivenciou uma situação em que a própria companheira, infelizmente, se permitia nessa reprodução, não por ser lésbica (o que de fato não deve ser associada a masculinidade), mas na construção de uma relação de poder, que está associada ao machismo.

Comentário 10

É mesma desculpa que heterossexuais usam, ‘mas nem todo homem’, ‘por um ruim todos pagam’, lembro de delagado falar que recebia muito mais ocorrência de agressões físicas entre casais de mulheres do que outras sexualidades, acho extremamente problemático essa postura defensiva dentro da comunidade.

Comentário 11

As pessoas romantizam tudo!! Eu sofri um relacionamento abusivo e cara, não é nada fofinho, a questão é a gente ACHAA que mulher não vai ter esse posicionamento machista, aaaah mas vai!! Ela vai!! E quando vc passa vem a vergonha carregada .. de como vc se deixou passar por isso??! A vergonha bate de uma forma beem pesada!!

No comentário 8, na fala *a verdade é que*, estrutura que serve como modalizador epistêmico, aponta que a enunciadora está se posicionando como porta-voz de uma verdade coletiva, o que busca legitimar seu discurso. A autora Ingedore Villaça Koch (2000, p. 84) aborda que “as marcas destas modalidades não são neutras do ponto de vista epistêmico, podendo sempre ser lidas ou sob o modo de opinião ou sob o modo do saber”. Também é visto que o poder patriarcal não desaparece por se tratar de uma relação entre duas mulheres; ele continua operando, muitas vezes de forma invisível, por meio de

comportamentos naturalizados, expectativas de gênero, controle emocional ou disputa por autoridade.

No comentário 9, o uso de verbos como *compreendi*, *aponta*, *poderia*, *reiterando* indica uma modalização reflexiva e argumentativa. Koch (2000, p. 138) considera “modalizadores todos os elementos linguísticos diretamente ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso”.

Com a análise dos comentários, a reprodução do machismo e violência em relações entre mulheres, destacada nos excertos *MUITA sapatão reproduzindo o machismo, reprodução do machismo, agressões físicas entre casais de mulheres e ACHAA que mulher nao vai ter esse posicionamento machista, aaaah mas vai!! Ela vai!!* demonstra a complexidade de dinâmicas de poder mesmo em contextos não heteronormativos. Nesse caso, as relações homoafetivas não estão isentas da estrutura patriarcal e carregam marcas da dominação machista internalizadas nos discursos dos sujeitos. Para Wittig (1992, 1992, p. 22)⁵⁰, os discursos não são independentes, já que eles se interligam, culminando em uma linguagem “Inconsciente”⁵¹; são tantas camadas de discursos que acabam sendo distraídas por interpretações simbólicas:

Estas linguagens, ou melhor, estes discursos, encaixam uns nos outros, interpenetram-se, apoiam-se uns aos outros, reforçam-se uns aos outros, auto-originam-se, e dão origem uns aos outros. A linguística dá origem à semiologia e a linguística estrutural dá origem ao estruturalismo que por seu lado dá origem ao Inconsciente Estrutural. O conjunto destes discursos produz uma estática confusa para o(a)s oprimido(a)s, que o(a)s faz perder de vista a causa material da sua opressão e o(a)s lança numa espécie de vácuo ahistórico.

Essa observação da autora é particularmente relevante quando aplicada às relações homoafetivas entre mulheres, pois evidencia como o machismo pode se infiltrar mesmo em vínculos que aparentemente rompem com a lógica heteronormativa. Percebo isso no comentário 9: *compreendo que a autora vivenciou uma situação em que a própria companheira, infelizmente, se permitia nessa reprodução, não por ser lésbica (o que de fato não deve ser associada a masculinidade), mas na construção de uma relação de*

⁵⁰ Original: These languages, or rather these discourses, fit into one another, interpenetrate one another, support one another, reinforce one another, auto-engender, and engender one another. Linguistics engenders semiology and structural linguistics, structural linguistics engenders structuralism, which engenders the Structural Unconscious. The ensemble of these discourses produces a confusing static for the oppressed, which makes them lose sight of the material cause of their oppression and plunges them into a kind of ahistoric vacuum.

⁵¹ A autora referencia as ideias de Lacan, por isso o termo “Inconsciente” é colocado com letra maiúscula, seguindo o seu estilo.

poder, que está associada ao machismo. E essa conduta é reconhecida no comentário 10, em que os discursos funcionam como justificativas naturalizadas das dinâmicas presentes nos relacionamentos heteronormativos. Além disso, o comentário possui frase longa, sem pontuação rígida, estilo mais próximo da fala. Para Dominique Maingueneau (2004, p. 72), a comunicação não deve ser vista como um processo linear, mas como algo condicionado desde o início a partir de um dispositivo comunicacional. O suporte e o modo de circulação influenciam diretamente a forma e o gênero do discurso. *É mesma desculpa que heterossexuais usam, mas nem todo homem, por um ruim todos pagam* relacionando esses comportamentos machistas propagados também na relação entre duas mulheres. Com isso, a pesquisadora Swain (2001, p. 90) argumenta que mesmo relações homossexuais podem acabar repetindo os mesmos valores e problemáticas que existem nos relacionamentos heteronormativos:

Neste sentido, as relações homossexuais perdem seu poder de inserir o novo, de quebrar as normas das relações estabelecidas no quadro do gênero binário, quando se instalam no ‘casal’ partilhando os valores morais dominantes, assim como suas ambiguidades. Mas a evidência da noção de ‘casal’ se estilha logo que começamos a interrogar com maior acuidade sua constituição: com efeito, o que é um casal? Duas pessoas que se amam? Que vivem juntas? Que dormem na mesma cama? Sua formação está baseada em uma relação sexual? Ou quando há uma emoção partilhada? Que gênero de emoção? Física? Todas as opções? Uma só dentre elas? Quantas duplas heterossexuais ou homossexuais não dormem mais juntos, não ‘fazem mais amor’ e são vistos/as sempre enquanto um casal? E todas estas questões não se colocam no vórtice de um imaginário social que se constrói no momento de sua enunciação? A evidência da noção de ‘casal’ se esconde no esforço mesmo de sua definição.

As reflexões apresentadas pela pesquisadora dialogam diretamente com o comentário 11, que expressa uma crítica à forma como o olhar externo percebe casais formados por duas mulheres. Isso se evidencia na afirmação: *As pessoas romantizam tudo!! Eu sofri um relacionamento abusivo e cara, não é nada fofinho.* Ao transformar o vínculo sáfico em algo automaticamente doce, sensível ou idealizado, o discurso da romantização contribui para invisibilizar violências reais que também podem ocorrer nessas relações. Assim, experiências de abuso e opressão são abafadas por uma camada simbólica que associa o amor entre mulheres à delicadeza e à harmonia, o que dificulta o reconhecimento de conflitos e reproduções de práticas machistas no interior de relacionamentos homoafetivos.

Além disso, na frase *a vergonha bate de uma forma beem pesada* evidencia-se como a vergonha pode ser uma emoção avassaladora, afetando profundamente a autoimagem e a capacidade de ação da pessoa que vivencia um relacionamento abusivo.

Segundo Sara Ahmed (2014, p. 105), ao reconhecer a própria vergonha, o indivíduo estabelece uma relação distinta consigo mesmo e com os outros, diferente daquela gerada pelo sentimento de culpa. A vergonha, conforme essa perspectiva, não apenas influencia a percepção interna da identidade, mas também impacta a forma como a pessoa se posiciona socialmente, refletindo um mecanismo de regulação das interações e da autoimagem. Nos comentários abaixo, analiso a complexidade da relação sáfica.

Comentário 12

vc só reforça meu ponto ao fazer essa comparação. Não somos homens, não temos os privilégios sociais e nem as motivações culturalmente construídas que os homens tem. O discurso do nem todo homem é problemático a estrutura patriarcal que determina a violência masculina não é alterada ou diminuída pelas exceções. Nós, enquanto MULHERES lésbicas, não estamos na mesma situação que os homens no sistema patriarcal. A violência entre mulheres deve ser compreendida de outra forma. Nós somos mulheres, ocupamos o lugar de mulher na sociedade e nas nossas relações com outras mulheres. Eu acho que falta essa reflexão, se isso não for trabalhado é mais do mesmo, não conseguimos entender as relações fora de um esquema heteronormativo (até mesmo pra pensar agressões e abusos nós precisamos parar de nos comparar com casais heterossexuais).

Comentário 13

Acho ridículo isso de lésbica ter que achar que é macho alfa e cometer abusos dentro das relações. Eu antes de me assumir uma mulher lésbica, me entendia como bi e isso incomodou algumas pessoas na época, por não entender essa posição. Uma coisa que não gosto é. Não me defina e não me coloque em caixinhas.

Ambos os comentários trazem contribuições fundamentais para pensar a complexidade das relações sáficas sob a ótica da linguagem, do poder e das identidades. Eles rejeitam leituras simplistas que reproduzem o esquema binário da heteronormatividade e apontam para a necessidade de elaborar categorias analíticas próprias para as vivências lésbicas, sem apagá-las nem as comparar com modelos heterossexuais. O comentário 12 representa uma crítica potente ao risco de equiparar a violência entre mulheres lésbicas à violência cometida por homens, alertando para o erro de aplicar a mesma visão analítica sem considerar a posição estrutural de gênero no patriarcado.

Ao afirmar que *a violência entre mulheres deve ser compreendida de outra forma*, chama a atenção para a necessidade de pensar as relações sáficas a partir de seus próprios

códigos, vivências e complexidades, sem recorrer automaticamente aos modelos heteronormativos. Sobre essa dualidade, a filósofa Butler (2018, p. 165) realiza uma profunda reflexão: “em que medida esses dualismos problemáticos continuam a operar no interior das próprias descrições que supostamente deveriam nos levar para fora desse binarismo e de sua hierarquia implícita?”. Além dessa complexidade, a ausência de um olhar mais atento sobre as violências que podem surgir em relações sáficas também foi destacada no comentário: *Eu acho que falta essa reflexão, se isso não for trabalhado é mais do mesmo, não conseguimos entender as relações fora de um esquema heteronormativo (até mesmo pra pensar agressões e abusos nós precisamos parar de nos comparar com casais heterossexuais)*. Esse enunciado pode ser remetido às ideias do autor Maingueneau (2004, p. 52): “o discurso é uma organização situada para além da frase”. A fala da pessoa não se limita ao conteúdo linguístico explícito, pois ela está inserida em um contexto social e ideológico que tensiona normas de gênero e sexualidade.

No último discurso, observei dois aspectos centrais, a rejeição à masculinização das lésbicas como *macho alfa* e a resistência à normatização das identidades sexuais. Ao afirmar que *é ridículo isso de lésbica ter que achar que é macho ‘alfa’*, a enunciadora denuncia a pressão simbólica para que, mesmo em relações homoafetivas, uma das parceiras ocupe o lugar socialmente entendido como “masculino”, reproduzindo assim os papéis heteronormativos de dominação e submissão. Bourdieu (2010, p. 13) compreende que homens e mulheres acabam utilizando formas inconscientes de percepção e apreciação que refletem as estruturas históricas da ordem masculina, recorrendo, assim, a pensamentos que são resultado dessa própria dominação. A teórica Eni Orlandi (2008, p. 99) reflete que o estereótipo, que normalmente é visto como algo negativo e limitador, pode ser usado de forma estratégica pelas mulheres como uma forma de resistência. Dessa forma, pode-se compreender que mulheres que rompem com os padrões de comportamento feminino socialmente instituídos desafiam as normas vigentes e representam formas de contestação em prol da afirmação de suas próprias identidades.

Para finalizar as questões envolvendo identidade, analiso o excerto *Eu antes de me assumir uma mulher lésbica, me entendia como bi e isso incomodou algumas pessoas na época, por não entender essa posição. Uma coisa que não gosto é. Não me defina e não me coloque em caixinhas*. A constituição de uma identidade lésbica frequentemente exige superar essas barreiras culturais que impõem expectativas de gênero e sexualidade rígidas, enfrentando uma dupla marginalização: como mulheres e como pessoas não-heterossexuais. Esses discursos também remetem aos estudos de Butler (2018, p. 179),

que evidencia que não há uma essência fixa ou natural em relação ao gênero, já que este é construído e mantido por repetições sociais, que o fazem parecer estável:

A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.

Assim, compreendo que as identidades lésbicas visíveis ou invisibilizadas no Instagram também são construtos de performances, e não mediante uma “essência fixa”. Isso significa que há diversas maneiras possíveis de serem e de expressarem a lesbianidade, mas os discursos envoltos por relações de poder tentam restringir essas expressões dentro do que é considerado “aceitável”, geralmente, as que se encaixam na feminilidade e nas normas cisheteronormativas. Desse modo, os comentários evidenciaram como discursos pessoais e coletivos se entrelaçaram, alguns reproduzindo discursos de estruturas patriarcais, no entanto, afirmando suas identidades e oferecendo possibilidades de resistência e subversão às normas dominantes. Diante dessas reflexões identitárias, sigo para o próximo tópico, que irá tratar das redes sociais como espaços significativos de apoio, visibilidade e construção de vínculos afetivos, ampliando formas de pertencimento e de expressão das identidades lésbicas.

3.2 Os discursos perpetuados em uma rede social de apoio

Um mecanismo de suporte coletivo para mulheres sáficas nas plataformas digitais tem se consolidado como um espaço essencial de acolhimento, troca de vivências e fortalecimento identitário. Ao longo da análise, evidenciei o quanto esses ambientes são significativos na vida de mulheres sáficas que, muitas vezes, enfrentam o isolamento e a incompreensão em uma sociedade marcada pela heteronormatividade. O autor Dean Spade (2022, p. 25, tradução nossa)⁵², destaca que no apoio mútuo se

⁵² Original: Los grupos que practican el apoyo mutuo para abordar directamente problemas reales en la vida real de las personas tienden a desarrollar un acercamiento sobre problemas múltiples, basado en la

consolida uma prática que reconhece e articula diferentes formas de vulnerabilidade entre os sujeitos envolvidos:

Os grupos que praticam o apoio mútuo para abordar diretamente problemas reais na vida das pessoas tendem a desenvolver uma abordagem sobre múltiplos problemas, baseada na solidariedade, na medida em que as vidas de seus membros estão atravessadas por muitas experiências diferentes de vulnerabilidade.

Nas redes, essas mulheres encontram não apenas representatividade, mas também a possibilidade de construir laços afetivos, compartilhar experiências e se reconhecer em outras trajetórias, criando um senso de pertencimento que desafia a solidão e reafirma suas existências. Adrienne Rich (2012, p. 36) sugere que, se ampliarmos a lesbianidade, podemos incluir conexões profundas entre mulheres, intensidades que vão além do sexo e/ou romance e alcançam laços afetivos, emocionais e existenciais, que podem resistir à dominação masculina.

A escritora, poeta, lésbica e ativista afro-americana Audre Lorde (2019, p. 50) ressalta que a partilha de experiências entre mulheres é uma forma de sobrevivência em uma sociedade que constantemente marginaliza e silencia suas existências. A plataforma Instagram permite que essas trocas aconteçam de maneira ampla e acessível, criando redes de afeto e visibilidade. Além disso, como destaca Monique Wittig (1992), a lesbianidade é, por si só, um ato político que desafia as estruturas patriarcais, e esses espaços digitais se tornam territórios de luta e reivindicação de direitos. Dessa forma, as redes sociais não apenas amenizam a solidão lésbica, mas também funcionam como espaços de resistência coletiva, nos quais mulheres podem se expressar livremente e construir novas formas de pertencimento.

Nesse sentido, a articulação entre o papel dessas plataformas e a perspectiva discursiva revela o funcionamento dos espaços digitais não apenas como meios de comunicação, mas como produtores de discursos que desafiam estruturas normativas. Entende-se o discurso como prática social e forma de construção de sentidos, que ocupa papel central na análise das relações de poder, identidades e ideologias presentes na linguagem. Para Michel Foucault (2008, p. 122), o discurso é um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”; esse espaço é onde se produzem e se

solidaridad, en tanto las vidas de sus miembros están atravesadas por muchas experiencias diferentes de vulnerabilidad.

regulam saberes, sendo atravessado por relações de poder que determinam o que pode ou não ser dito:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (Foucault, 1999, p. 9).

Sendo assim, o discurso não é neutro, mas é controlado por instituições, normas sociais e históricas, que dizem respeito a quem tem autoridade para falar e a quais saberes serão considerados válidos. No campo da Análise Crítica do Discurso (ACD), o linguista britânico Norman Fairclough (2001, p. 100) ressalta que as práticas discursivas refletem e (re)produzem as estruturas sociais de maneira inconsciente, sendo, portanto, fundamentais para entender como se mantêm ou se contestam desigualdades. Assim, os estudos sobre discursos são essenciais para desvelar os mecanismos simbólicos que naturalizam exclusões e silenciamentos, como ocorre com sujeitos e identidades marginalizadas.

Nesse contexto, as vozes lésbicas historicamente foram silenciadas ou deslegitimadas nos espaços tradicionais de produção de saber, como a mídia hegemônica, a escola e até mesmo certos segmentos do movimento feminista. Diante disso, o Instagram surge como um espaço de ruptura e ressignificação, no qual mulheres lésbicas constroem uma rede de afeto, acolhimento e resistência. Nessa plataforma, elas podem produzir e fazer circular discursos que valorizam suas vivências, afetos e lutas, rompendo com as normativas do silenciamento e instituindo novos lugares de fala e de construção de saber.

A partir da análise, com ênfase na constituição da rede de apoio no Instagram, organizei os dados em quatro segmentos analíticos, permitindo uma leitura mais aprofundada dos comentários.

3.2.1 Novas relações e afetos: uma vida menos solitária

Nos espaços digitais, emergem novas formas de relações e afetos que rompem com os modelos tradicionais de sociabilidade. Possibilitam a criação de vínculos que extrapolam barreiras geográficas, culturais e normativas, promovendo trocas simbólicas

e afetivas entre sujeitos que, historicamente, foram marginalizados. No caso das mulheres sáficas, essas interações configuram redes de pertencimento e acolhimento, nas quais a identificação mútua fortalece laços e proporciona suporte emocional, promovendo uma forma de resistência contra as opressões sociais.

A pesquisadora bell hooks (2021a, p. 277) ressalta que

[...] sem uma ética do amor que molde o rumo da nossa visão política e das nossas aspirações radicais, somos muitas vezes seduzidos, de uma forma ou de outra, a uma fidelidade contínua a sistemas de dominação.

Visto isso, acredito que as relações e trocas por meio da Internet podem romper não somente com discursos hegemônicos, mas também com o isolamento diário. Os seguintes comentários demonstram, além da necessidade por conexão, um movimento afetivo de aproximação e pertencimento:

Comentário 14

Qro fazer novas amizades. Me segue e me chama

Comentário 15

Oiie meninas, me chama no direct, quero conhecer novas pessoas
♥

Comentário 16

Afim de fazer novas amizades ce topa?

Comentário 17

Quero uma namorada sigam

Comentário 18

Vamos ser amigas mona fê nas malucas e aquariana que fala né 🤔 🤔

Ao investigar os comentários acima, percebo que as redes digitais podem funcionar não apenas como espaços de visibilidade, mas como territórios afetivos e políticos, nos quais a vivência lesbiana pode ser menos solitária, pelo menos no meio virtual. Enunciados como *Qro fazer novas amizades. Me segue e me chama* e *Afim de fazer novas amizades ce topa?* demonstram uma estratégia discursiva de autoapresentação e convite ao engajamento, que mobiliza a linguagem cotidiana e afetiva para construir relações horizontais em ambientes digitais. *Qro* (forma reduzida de "quero") e a ausência de pontuação tradicional refletem uma escrita digitalizada e oralizada, própria de ambientes virtuais como o Instagram. O sujeito discursivo

posiciona-se como disponível ao contato, utilizando marcadores de informalidade (como abreviações e emojis) que reduzem a distância simbólica entre interlocutores e favorecem o surgimento de redes de afeto e apoio.

O uso do imperativo direto *me segue e me chama* evidencia marcas da posição do sujeito no discurso digital contemporâneo, em que a interpelação do outro é moldada por práticas comunicativas próprias das redes sociais. Essa construção linguística não se dá de forma neutra ou apenas gramatical, mas está atravessada por sentidos historicamente produzidos. Segundo Orlandi (2008, p. 108),

[...] é a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Isso significa que as palavras, expressões etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

Nesse sentido, a aparente simplicidade do enunciado imperativo carrega a inscrição de um sujeito que, situado em um espaço de visibilidade e performance, mobiliza estratégias de interação e convocação alinhadas com uma lógica de presença constante, conexão imediata e reafirmação identitária. Assim, o dizer *me segue e me chama* só adquire pleno sentido dentro das condições de produção específicas das redes sociais, nas quais o engajamento é não apenas incentivado, mas socialmente valorizado.

A recorrência da expressão *novas amigas*, presente em grande parte dos comentários, pode ser interpretada como um gesto de busca por conexão e pertencimento, especialmente em um contexto social em que a vivência lésbica ainda é marcada pelo silenciamento, pela invisibilidade ou pela objetificação. Essa busca não se reduz a uma simples sociabilidade, mas carrega o peso de uma solidão compartilhada que atravessa muitas experiências sáficas. A autora japonesa Kabi Nagata, em seu mangá autobiográfico *Minha Experiência Lésbica com a Solidão* (2019), narra sua trajetória de autodescoberta e aceitação da própria sexualidade. Aos 29 anos, Nagata ainda não havia se reconhecido como lésbica, vivia isolada e enfrentava um quadro profundo de depressão. Sentia-se desorientada, incapaz de compreender seus próprios sentimentos. Em um dos trechos mais sensíveis da obra, ela confessa: “não sabia o que me fazia sofrer, só sabia que tinha um desejo. Eu estava me sentindo muito, muito solitária” (Nagata, 2019, p. 74). O mangá reflete a realidade de muitas meninas e mulheres sáficas que, durante o processo de autoaceitação, enfrentam o silenciamento, a invisibilidade e a ausência de redes de apoio. A obra, portanto, torna-se não apenas um relato íntimo, mas um espelho das dores

coletivas de quem cresce sem representações positivas ou vínculos afetivos que acolham suas experiências.

Na literatura brasileira, a escritora Cassandra Rios também dá voz à solidão vivida por mulheres lésbicas em sua obra *As Traças*, publicada em 1975. O romance acompanha o processo de descoberta da sexualidade lésbica de uma personagem que, ao se deparar com seus próprios desejos, enfrenta intensos conflitos internos. Em um dos momentos mais reveladores da narrativa, a protagonista expressa sua angústia:

[...] Sentiu-se só, desprotegida, amedrontada. De repente, sentiu a responsabilidade dos seus intentos, o perigo das suas reações de defesa, ansiosas, das particularidades do seu caráter, da sua exigência sexual, da sua formação afetiva (Rios, 2005, p. 118).

A obra revela não apenas a dificuldade de reconhecer e aceitar a própria identidade em uma sociedade marcada pela heteronormatividade, mas também as dores silenciosas do isolamento afetivo e emocional vivenciado por muitas mulheres lésbicas. A pesquisadora Rich (2012, p. 36) expõe que, ao recusar a submissão ao domínio masculino, somos sujeitadas a viver isoladas, com vícios, pensamentos suicidas e até violência contra outras mulheres. Nas palavras da autora:

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. Ela inclui, certamente, isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres. Ao nosso próprio risco, romantizamos o que significa amar e agir contra a corrente sob a ameaça de pesadas penalidades. E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor.

A análise da existência lésbica como expressão simultânea de resistência e de dor evidencia o esforço constante do sistema patriarcal em silenciar experiências que destoam da norma hegemônica. Diante desse cenário, torna-se urgente a construção de vínculos autênticos entre mulheres, pautados na escuta e na solidariedade. Reconhecer a potência do apoio mútuo não apenas como gesto de cuidado, mas como prática política e transformadora, é um passo fundamental para a desconstrução das estruturas que marginalizam as identidades lesbianas. Lorde (2019, p. 50) enfatiza a importância de

mulheres apoiarem umas às outras, promovendo acolhimento, força e uma luta contra o silêncio, tirando esse sentimento de isolamento. Raquel Recuero (2009, p. 144) evidencia o papel das tecnologias digitais na construção de vínculos contemporâneos:

A comunicação mediada por computador corresponde a uma forma prática e muito utilizada para estabelecer laços sociais, mas isso não quer dizer necessariamente que tais laços sejam unicamente mantidos no ciberespaço. A redução da interação ao ciberespaço, portanto, serve apenas para fins de estudo, já que se pressupõe que uma grande parte dela acontece principalmente através da mediação pelo computador.

Nesse sentido, os espaços digitais funcionam como formas alternativas de convivência e reconhecimento mútuo, nos quais os discursos afetivos, ainda que simples e objetivos, como convite a uma nova amizade, se tornam ferramentas de resistência, mediante o isolamento e silenciamentos. Como destaca Fairclough (2001, p. 92), as práticas discursivas podem refletir e reforçar estruturas sociais, mas também podem subvertê-las, contribuindo assim para uma transformação. Isso é demonstrado nos comentários, pois são uma forma de romper com as barreiras de sociais, mostrando um gesto de inclusão e pertencimento.

O uso de *oiie meninas* e o coração (♥) são marcadores afetivos que suavizam a interpelação e constroem uma comunidade discursiva feminina e acolhedora. Já a expressão *me chama no direct* é uma construção cristalizada nas interações digitais, funcionando como ato de fala com sentido de aproximação, reconhecimento e desejo de contato. Essas escolhas linguísticas não surgem isoladamente, mas se sustentam em uma rede de discursos previamente formulados e socialmente compartilhados. Como afirma Orlandi (2008, p. 112), “o interdiscurso fornece os objetos do discurso de que a enunciação se sustenta, ao mesmo tempo que organiza o ajuste enunciativo que constitui a formulação pelo sujeito”. O uso dessas expressões populares revela como os sujeitos se inscrevem em redes de significados compartilhados, usando formas estáveis para dizer algo que ainda deixa espaço para múltiplas interpretações.

Ao observarmos o comentário *tô afim de fazer...*, é possível identificar não apenas o que foi dito (o enunciado), mas todo o contexto e as intenções por trás da fala (a enunciação). A frase curta e informal carrega oralidade e busca proximidade, mas é o modo como ela é dita, em tom de convite, com abertura ao outro e vulnerabilidade, que revela o posicionamento afetivo do sujeito. Como afirma a teoria discursiva de Maingueneau (2004, p. 56), “o enunciado se opõe à enunciação da mesma forma que o produto se opõe ao ato de produzir; nesta perspectiva, o enunciado é a marca verbal do

acontecimento que é a enunciação”. Assim, a interação não se resume às palavras, mas ao gesto de dizer que mobiliza sentidos, desejos e vínculos que ultrapassam a materialidade textual.

A frase *Quero uma namorada sigam* rompe parcialmente com esse disfarce da amizade e introduz um desejo de forma direta, ainda que breve e sem pontuação definida. O modo como é dito, de forma rápida e objetiva, sugere que, mesmo em espaços de aparente liberdade, como as redes sociais, a expressão do desejo lésbico ainda carrega marcas de contenção, revelando os efeitos das regulações sociais sobre a linguagem e os afetos. Foucault (1988b, p. 83) critica a ideia tradicional de que o poder age apenas por repressão, como se fosse uma força que apenas proíbe, silencia e diz "não". Em vez disso, ele propõe que o poder é também produtivo: molda os modos de falar, sentir e desejar.

Nesse sentido, mesmo em um espaço como as redes sociais, visto socialmente como um ambiente livre de expressão, o modo apressado e informal com que o desejo sáfico é enunciado revela como o poder atua de forma mais sutil, não apenas reprimindo, mas regulando os modos como certos afetos podem (ou não) ser expressos. A ausência de pontuação e a brevidade do enunciado não são meramente estilísticas: elas indicam que esse desejo ainda é atravessado por uma norma social que opera como um encolhimento do afeto. Como Foucault (1988b, p. 83) afirma, o poder não apenas impede o sujeito de produzir, mas estaria apto apenas a colocar limites, assim colocando-o sob um efeito de obediência. Portanto, o comentário *Quero uma namorada sigam* pode ser lido como um exemplo daquilo que Foucault aborda sobre um poder estruturado por normas: não um poder que cala totalmente, mas que permite falar sob certas condições, formatos e intensidades, de modo que o desejo sáfico é ao mesmo tempo dito e contido.

A declaração *Vamos ser amigas mona fé nas malucas e aquariana que fala né* 🙄🙄 revela outro elemento importante: a brincadeira com os estereótipos identitários, como o signo do zodíaco ou o uso de *mona* (um termo afetoso da cultura queer). Esse uso discursivo articula códigos próprios de uma comunidade que se reconhece por meio de marcas linguísticas internas, ativando o que Foucault (2012, p. 262) chamaria de “cuidado de si”, práticas que os sujeitos usam para “praticar a liberdade, sendo necessário ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo”. Nesse caso, temos um discurso que opera com uma linguagem codificada representativa na comunidade, funcionando como prática de reconhecimento mútuo, também interpretado como uma construção de pertencimento.

Esses comentários, ainda que curtos e aparentemente simples, funcionam como atos performativos de reconhecimento e conexão sáfica. Judith Butler (2018, p. 42) complementa que “o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância, isto é, constituinte da identidade que supostamente é”. Assim, essas interações discursivas reforçam que os vínculos identitários não apenas existem como expressão, mas são continuamente criados e ressignificados através da performatividade, ecoando a visão de Butler (2018) sobre a relação dinâmica entre linguagem e identidade.

Em síntese, as novas formas de relações e afetos, ao desafiarem padrões tradicionais, abrem espaço para modos mais plurais e acolhedores de convivência. Nesse contexto, torna-se fundamental reconhecer a importância do apoio emocional como elemento central para a construção de redes de cuidado e apoio que fortalecem os sujeitos em suas trajetórias afetivas e identitárias.

3.2.2 Apoio emocional

O apoio emocional entre mulheres lésbicas na rede social Instagram configura-se como uma prática significativa de resistência afetiva e construção de pertencimento em um espaço ainda marcado por heteronormatividade e preconceito. Através de publicações, *stories* e interações nos comentários ou mensagens diretas, muitas usuárias constroem redes de acolhimento que funcionam como espaços seguros para compartilhar vivências, desabafos, conquistas e dores. Nesse contexto de resistência e solidariedade coletiva, o autor Dean Spade (2022) aponta que no apoio mútuo constitui uma prática coletiva que fortalece laços de solidariedade e cria novas formas de cuidado e convivência:

O apoio mútuo proporciona às pessoas uma forma de se conectar aos movimentos com base em suas preocupações imediatas, ao mesmo tempo em que cria espaços sociais onde as pessoas cultivam novas solidariedades. Nos melhores momentos, o apoio mútuo gera novas formas de viver, onde as pessoas criam sistemas de cuidado e generosidade capazes de reduzir o dano e promover o bem-estar (Spade, 2022, p. 11-12, tradução nossa).⁵³

⁵³ El apoyo mutuo proporciona a las personas una forma de conectarse a los movimientos sobre la base de sus preocupaciones inmediatas, a la vez que produce espacios sociales donde la gente cultiva nuevas solidariedades. En su mejor momento, el apoyo mutuo produce nuevas formas de vivir donde las personas crean sistemas de cuidado y generosidad capaces de paliar el daño y fomentar el bienestar.

Esse suporte mútuo não apenas fortalece identidades individuais, mas também fomenta um senso coletivo de solidariedade e empoderamento. Ao promoverem trocas baseadas na escuta ativa, na empatia e na valorização da diversidade sáfica, essas interações contribuem para a visibilidade e legitimação de subjetividades que, historicamente, foram marginalizadas nos meios tradicionais de comunicação.

Comentário 19

Se precisar conversar é só chamar.

Comentário 20

Sim...sempre que precisa conversa ou desabafa ...eu estou aqui viu amore

Os comentários são simples e diretos, representando um gesto de empatia e apoio aberto, que é notado na parte *é só chamar eu estou aqui viu amore*. A ação de estar disposta a ouvir o que a outra pessoa tem a dizer é criar um espaço seguro para expressar seus sentimentos, e isso também é percebido com a palavra *amore*, trazendo uma proximidade. O enunciado é composto por duas orações condicionais e imperativas, em estrutura simples: *se precisar* e *é só chamar*. Essa estrutura funciona como ato de fala de oferta de apoio emocional. Em termos pragmáticos, é um ato ilocucionário com função afetiva. Como o pesquisador John Langshaw Austin (1990, p. 89) salienta, é um ato de dizer algo, neste caso do excerto, refere-se à presença, a estar oferecendo apoio. As antropólogas Deborah Diniz e Ivone Gebara (2022, p. 18) salientam que “se as palavras não provocam os afetos ou a imaginação de quem ouve, a audição acaba por ser mecânica e sem sentido, como se feita em idioma desconhecido”. Essa reflexão enfatiza que o ato de escutar vai além de simplesmente captar sons ou palavras, é um processo que demanda conexão emocional e envolvimento imaginativo. Quando a comunicação alcança a profundidade afetiva, ela valida os sentimentos e experiências da pessoa que fala, permitindo que o espaço criado se torne efetivamente transformador. E esse ato de uma escuta ativa gera um suporte emocional, como será visto nos próximos comentários.

Comentário 21

Meu amor, suas intenções são as melhores. Mas escuta só, pode ser que esteja precisando de mais amor-próprio. Pois pessoas má resolvidas consigo mesmas, tendem a se relacionarem com pessoas tóxicas, por carência, expectativas e medo da solidão. Ei, se distraia e o amor da sua vida vai chegar de surpresa. Estima-se que estamos destinados a vivenciar situações condicionadas por

nossas atitudes. Então, se quer alguém interessante, seja interessante para si mesma. Cuide da sua figura interna e externa e aprenda a conviver na sua solidão. É fundamental!

O comentário acima se alinha com os princípios da escuta ativa, pois convida a interlocutora a refletir sobre suas próprias motivações e padrões afetivos. A proposta de olhar para si mesma e desenvolver o amor-próprio, bem como a sugestão de que é importante aprender a conviver com a solidão, remetem à ideia de um apoio emocional orientado para o fortalecimento da autonomia e da saúde emocional. No entanto, embora o comentário traga elementos relevantes para o autoconhecimento, ele também corre o risco de adotar um tom de julgamento ou responsabilização excessiva referente ao excerto: *Pois pessoas má resolvidas consigo mesmas, tendem a se relacionarem com pessoas tóxicas, por carência, expectativas e medo da solidão*. A escuta ativa, neste contexto, exige sensibilidade para equilibrar acolhimento e reflexão, sem anular a dor do outro ou reduzir sua experiência a explicações simplistas.

Comentário 22

Vc não é inútil, vc fez tudo oq podia, tudo para esta com ela para continuar com esse amor, vc lutou! Saia de cabeça erguida pq vc deu o seu melhor; quem errou foi ela de ter feito isso com a mulher que faria tipo por ela! Agora segue a vida pq o mundo realmente dá voltas, e quando vc menos esperar estará melhor do que já esteve nesse tempo com ela!

De acordo com a análise do comentário 22, é adotado um tom empático e acolhedor, nos excertos *Vc não é inútil*, *Saia de cabeça erguida pq vc deu o seu melhor*, *Agora segue a vida*, expressando uma escuta que se aproxima da noção de validação emocional. O reconhecimento do esforço feito no relacionamento, *você fez tudo o que podia, você lutou*, atua como estratégia de consolação, permitindo que a pessoa se sinta compreendida e legitimada em seu sofrimento. A ativista bell hooks explica que a criticidade combinada com amor, pode libertar e transformar tanto o indivíduo quanto a sociedade. No entanto, é um caminho desafiador, mas que é preciso para o crescimento e cura:

A consciência é central no processo do amor como prática da liberdade. Sempre que aqueles que são membros de grupos explorados e oprimidos ousam interrogar criticamente nossos locais, as identidades e lealdades que informam como vivemos nossas vidas, nós começamos o processo de decolonização. Se descobrirmos em nós o ódio a nós mesmos, a baixa auto-estima, ou o pensamento supremacista branco internalizado e o enfrentarmos,

podemos começar o processo de cura. O reconhecimento da verdade da nossa realidade, tanto individual como coletiva, é uma etapa necessária para o crescimento pessoal e político. Esta é geralmente a etapa mais dolorosa do processo de aprender a amar - aquela que muitos de nós recusamos. Uma vez que escolhemos o amor, instintivamente possuímos os recursos interiores para enfrentar esse sofrimento. Passando pela dor para o outro lado, encontramos a alegria, a liberdade de espírito que uma ética amorosa resgata (hooks, 2021a, p. 281).

Em síntese, os comentários analisados são apresentados como manifestações discursivas de apoio, diante da situação de sofrimento amoroso, são aliadas ao acolhimento empático e à escuta reflexiva, constituem uma prática mais potente e humanizadora diante de experiências de sofrimento amoroso. Esses elementos são fundamentais em situações de vulnerabilidade afetiva, nas quais a maneira como se escuta e se acolhe o outro pode contribuir significativamente para o seu processo de elaboração da dor e reconstrução subjetiva, o que abre margem para a próxima análise sobre a empatia vista nos comentários.

3.2.3 Sentimentos empáticos

Diante do apoio emocional, visto anteriormente, outro ato discursivo que também se refletiu na análise foram os sentimentos empáticos. Esse tema emerge como um dos principais mecanismos de conexão afetiva entre os sujeitos, especialmente em contextos de exposição de vulnerabilidades emocionais. A possibilidade de compartilhar dores, frustrações e experiências íntimas em ambientes digitais ativa respostas empáticas de seguidores e interlocutores, que buscam oferecer conforto, identificação e suporte simbólico por meio de palavras de acolhimento, *emojis* e gestos de solidariedade virtual. Para a pesquisadora norte-americana Sherry Turkle (1999, p. 121), a dimensão subjetiva é essencial para compreender essas interações nas tecnologias digitais.

Mas existe outro aspecto da conversa eletrônica: o subjetivo. O aspecto subjetivo da tecnologia não está no que a informática faz por nós, mas no que ela faz conosco. Tento interpretar a questão de maneira a abrir espaço, na discussão sobre o virtual e seus descontentamentos (ou satisfação), para a importância do sonho contido na comunicação quase instantânea. Isso também pode ser um cimento que dá às pessoas o sentimento de 'pertencimento'. Falo da sensação de que, num grupo de discussão on-line, escrevo e depois, imediatamente, alguém pode retomar a minha ideia, desenvolvê-la e remeter-me alguma coisa. Tais gratificações são estimulantes e produzem um sentimento de filiação.

Embora esse aspecto subjetivo sobre as relações possa cumprir uma função importante de gratificação e a sensação de estar inserida em uma comunidade, é preciso

reconhecer que a empatia nas redes é frequentemente mediada por filtros, recortes narrativos e dinâmicas de visibilidade que podem tanto intensificar o sentimento de pertencimento quanto produzir efeitos de superficialidade ou julgamento moral. Assim, a empatia digital, embora potente, demanda uma escuta qualificada e ética da dor alheia, de modo a não reduzir o sofrimento a espetáculos de consumo emocional, mas a compreendê-lo como expressão legítima da condição humana em sua complexidade.

Comentário 22

Já passei por isso aff... Graças a Deus superei.

Comentário 23

Estamos com o mesmo problema 😞

Os exemplos acima demonstram superficialidade e escuta limitada; embora com um tom acolhedor, ainda deslocam o foco para o próprio emissor. No comentário 22, a validação parte apenas do enunciador, usando suas relações anteriores como parâmetro para outras relações. Já no comentário 23, o ato de compartilhar a vivência de uma situação semelhante favorece a construção de um vínculo de identificação entre os sujeitos. Contudo, ainda que haja reconhecimento da dor expressa, a ausência de um acolhimento efetivo pode limitar a profundidade da experiência empática, enfraquecendo seu potencial de gerar suporte emocional significativo. O uso da primeira pessoa do plural *estamos* sugere um sentimento de pertencimento compartilhado, e o emoji atua como marcador emocional visual. Contudo, apesar da empatia implícita, o comentário permanece superficial, sem desenvolver uma escuta que acolha ou oriente. Aqui, observa-se o que Zygmunt Bauman (2004) denomina de relacionamentos líquidos: conexões rápidas, frágeis e frequentemente descartáveis, moldadas pelas dinâmicas efêmeras da cultura digital.

Comentário 24

Eu passei por isso, doeu muito mas agora já consigo falar no assunto... Nunca mais enquanto existir movo um palha por ninguém.. ainda mais senão for do meu estado.. estou fora!!

Comentário 25

Eu já passei por isso cara, e é horrível mas vc não pode se obrigar a passar por algo assim, se o relacionamento não está sendo bom para ambas as partes vc tem que terminar, não vale a pena isso, ela não tem direito a te ameaçar a isso e essa atitude

dela não é nada boa, sei que não é fácil mas vc não pode se deixar de lado e pensar só nela

As narrativas marcam a dor passada: *Eu passei por isso, Eu já passei por isso cara* e uma postura defensiva, como averiguado na fala *Nunca mais enquanto existir movo um palha por ninguém*, sendo permeada por ressentimento e fechamento afetivo. O seguinte, ao trazer uma experiência semelhante ainda em curso, aproxima-se de forma mais empática, tal como visto no relato *mas vc não pode se obrigar a passar por algo assim, se o relacionamento não está sendo bom para ambas as partes vc tem que terminar; não vale a pena isso, ela não tem direito a te ameaçar a isso e essa atitude dela não é nada boa, sei que não é fácil mas vc não pode se deixar de lado e pensar só nela*. O sujeito adota a posição de conselheira empática, ativando o que Maingueneau (2004, p. 99) chamaria de *ethos*, que representa “uma maneira de dizer que remete à maneira de ser, à participação imaginária em uma experiência vivida”.

É importante ressaltar que nas redes sociais, especialmente em plataformas como Instagram, o compartilhamento de experiências dolorosas funciona não apenas como catarse individual, mas como mecanismo de construção identitária coletiva, pelo qual o “sofrer junto” pode ser mais poderoso do que a superação isolada. No entanto, como afirmam autores como Turkle (1999) e Bauman (2004), a mediação tecnológica reconfigura os modos de sentir e de estar com o outro, muitas vezes enfraquecendo as formas tradicionais de empatia profunda. Contudo, os comentários analisados revelaram o quanto as práticas empáticas nas redes oscilam entre gestos simbólicos de identificação e narrativas centradas no eu, nem sempre acompanhadas de uma escuta ativa, acolhedora e também empoderadora. Apesar do caráter empático presente nas análises, observei que os conselhos diante das situações articuladas também se destacaram como uma prática recorrente ao longo da pesquisa, sendo parte da análise do próximo tópico.

3.2.4 Conselhos simbólicos

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, os conselhos simbólicos desempenharam uma grande visibilidade na pesquisa e foi um dos papéis cruciais para a construção de um olhar sensível e comprometido com as existências lesbianas. Embora essas evidências de sugestões representativas que demonstram de certa forma um acolhimento e apoio às outras mulheres não necessariamente estejam formalizadas em documentos institucionais, constituem marcos éticos e afetivos que ajudam a sustentar o

meu posicionamento enquanto pesquisadora frente às experiências sáficas no contexto midiático.

Tais conselhos atravessam a pesquisa como um chamado para a necessidade de respeitar os sujeitos e suas narrativas, reconhecendo que toda identidade performada nas redes sociais carrega em si camadas de significados, desafios e profundidade. Trata-se de compreender e acolher as subjetividades, as formas de resistências e as complexidades que fazem parte das trajetórias dos indivíduos. Nesse sentido, escutar as vozes que clamam por representação digna e legítima nos espaços digitais implica considerar os conselhos simbólicos advindos de saberes produzidos por mulheres lésbicas, estudiosas, militantes e artistas que tiveram suas experiências pessoais atravessadas por todas as mazelas sociais. O machismo, a estrutura patriarcal, o racismo, o preconceito e o classicismo são sistemas que influenciam profundamente nas identidades e nas vivências das pessoas. Esses sistemas podem afetar diretamente ou indiretamente a forma como as pessoas se veem e são vistas na sociedade.

Além disso, esses conselhos atuam como guias indispensáveis que fortalecem o compromisso ético-político da pesquisa. Eles orientam para que se evite o apagamento e a generalização das vivências sáficas. Apontam para a importância de se cultivar uma escuta atenta, uma leitura cuidadosa e uma escrita comprometida com a multiplicidade das experiências lésbicas, especialmente aquelas que desafiam normas hegemônicas de gênero, sexualidade e representação. Diante disso, alguns comentários foram selecionados e analisados por uma ótica cuidadosa, sensível, investigativa e politicamente situada.

Comentário 26

Fugir de casa não é uma boa pq querendo ou não NINGUÉM vive de amor! E se vc puder está com sua mãe nessa fase da sua vida, ainda mais ao seu favor e não contra, será muito melhor, pois ser LGBT no Brasil não é fácil!

Comentário 27

Olha sei que essa situação não é fácil, mas vc não pode deixar sua mãe ditar quem pode namora ou não, claro que mães querem nosso bem, mas por vc ser muito nova ela deve achar que vc é incapaz de tomar decisões! E de vdd se ela te ama e quer continuar com vc, ela não precisa te tira da sua mãe, mas a sua deve RESPEITAR sua namorada então converse com ela e diga que o mínimo que ela pode fazer é respeitar, não precisa aceitar, mas respeitar! Sei que não será fácil, mas pense que a sua namorada está aí para te ajudar com isso, mas a questão não é

ser imprudente e ir mora com a menina, vc só tem 15 anos ela já é uma mulher feita, não acho que seja o momento de vcs se juntarem, aliás vc ainda nem pode se sustentar! Se for sai de casa querendo ou não vai ter que levar as coisas que sua mãe te deu (como roupas).... O melhor é ter a conversa, e seja firme, aguento firme para poder ter a uma conversa onde vc tenha sua própria opinião e não continue sendo manipulada pela mãe!

Os comentários 26 e 27, extraídos de um contexto interacional, revelam camadas discursivas densas, expressam notadamente a construção e a performance de identidades sáficas em meio às disputas por reconhecimento, respeito e autonomia afetiva. Ambos os enunciados podem ser compreendidos como exemplos de conselhos simbólicos, que circulam de forma espontânea, mas carregam valores, saberes e estratégias de resistência que extrapolam o sentido literal da orientação. Analiso essas falas a partir de uma perspectiva interseccional, percebendo como diversos marcadores sociais, como gênero, sexualidade, faixa etária e classe social, influenciam os conselhos apresentados. Esses discursos, enquanto oferecem acolhimento, também desempenham o papel de reforçar normas e expectativas regulatórias impostas pelas dinâmicas sociais.

Nos dois comentários há uma tentativa de negociação entre os afetos sáficos e a estrutura familiar tradicional, geralmente marcada pela heteronormatividade compulsória. Ambos retratam a fuga do ambiente familiar, justamente por não serem aceitas e respeitadas dentro de casa; isso é refletido nos conselhos *Fugir de casa não é uma boa pq querendo ou não NINGUÉM vive de amor!* e também *mas a questão não é ser imprudente e ir mora com a menina*. Essa situação, infelizmente, revela um padrão recorrente de enfrentamento de rejeição e marginalização dentro de um dos ambientes que, idealmente, deveria ser o mais acolhedor: o lar. Para muitas pessoas LGBTQIAPN+, a falta de aceitação por parte da família não apenas gera dor emocional, mas também limita o espaço para que possam explorar suas identidades e afetos de forma plena, recorrendo então, a fuga desse lugar.

A relação entre idade e a capacidade de se afirmar quem se é frequentemente se torna objeto de questionamento, especialmente no caso de jovens que desafiam as normas heteronormativas. Frases como *mas por você ser muito nova ela deve achar que você é incapaz de tomar decisões!* refletem um discurso comum que associa juventude à falta de maturidade ou à ideia de que identidades divergentes são apenas "uma fase". Esse tipo de visão é frequentemente direcionado a pessoas LGBTQIAPN+, subestimando a legitimidade de suas vivências e escolhas. Diferentemente de casais adolescentes

heterossexuais, cuja orientação é raramente colocada em dúvida, jovens que fogem da heteronormatividade enfrentam uma invalidação recorrente que limita sua autonomia e reconhecimento social, perpetuando desigualdades e reforçando a centralidade da normatividade.

As mães aparecem como figuras que desejam o *bem*, mas esse *bem* está muitas vezes atrelado à negação ou repressão da orientação sexual da filha. Essa palavra no discurso é disciplinada por discursos normativos. Para o sociólogo Foucault (1999, p. 36), a disciplina atua como um mecanismo de controle sobre a produção dos discursos, estabelecendo limites que são continuamente reforçados e renovados por meio de regras que moldam identidades.

No comentário 26, a sugestão é que a figura da mãe seja uma aliada – *se vc puder está com sua mãe nessa fase da sua vida, ainda mais ao seu favor e não contra*, justificando que *ser LGBT no Brasil não é fácil!* e essa vivência identitária no contexto brasileiro é refletida nas pesquisas⁵⁴. No outro comentário, recomenda-se que a jovem reafirme sua identidade, conforme ilustrado no excerto: *seja firme, aguente firme para poder ter a uma conversa onde vc tenha sua própria opinião e não continue sendo manipulada pela mãe!*, assim, afirmando que a mãe *não precisa aceitar, mas respeitar*. Essa postura apresenta uma reflexão sobre o próprio discurso, especialmente na construção de um posicionamento que visa à autoafirmação identitária. Fairclough (2001, p. 157-158) interpreta esse processo como metadiscurso, um fenômeno no qual uma pessoa adota uma perspectiva externa em relação ao próprio discurso, permitindo analisá-lo, questioná-lo e até mesmo moldá-lo:

O metadiscurso implica que o(a) falante esteja situado acima ou fora de seu próprio discurso e esteja em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo. Isso tem implicações interessantes para a relação entre discurso e identidade (subjetividade): parece ir contra a visão de que a identidade social de uma pessoa é uma questão de como ela está posicionada em tipos particulares de discurso. Há dois lados nessa questão. Por um lado, a possibilidade de uma distância metadiscursiva de seu próprio discurso pode dar a ilusão de que a pessoa está sempre plenamente no controle dele, de que o discurso é um efeito da subjetividade mais do que vice-versa.

Ambas as argumentações refletem a figura materna como desafiadora nas vivências sáficas. As sugestões aconselham a não fugir de casa, só que uma se destaca

⁵⁴ Os dados estatísticos de 2024, coletados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), mostram que o Brasil registrou uma morte a cada 30 horas por homotransfobia. Disponível em <https://revistaforum.com.br/lgbt/2025/1/21/brasil-registrou-uma-morte-por-homotransfobia-cada-30-horas-em-2024-veja-os-dados-172758.html>. Acesso em: 18 abr. 2025.

pela validação de impor sua identidade à mãe, mesmo que essa seja uma situação difícil de ser enfrentada. A lesbofobia, não aparece de forma agressiva ou explícita, mas naturalizada sob o manto da proteção familiar, o que a torna ainda mais problemática. Essa lógica, embora silenciosa, reforça a ideia de que relações sáficas são menos legítimas ou mais perigosas que as heterossexuais.

Comentário 28

Não pense em seu gênero ,lésbica ou bi ou hetero .Fodasse! Viva ! Só viva ! Se aventure ! Se apaixone ! Não importa o gênero! Experimente coisas novas ,não se importe com seu gênero ,depois de um tempo você mesmo vai tirar essa dúvida

Esse comentário expressa um conselho com uma visão contemporânea da sexualidade como fluida e experiencial, alinhada com discursos pós-identitários que circulam com força nas redes sociais. À primeira vista, a fala parece libertadora, incentivando a autonomia afetiva e o direito à experimentação sem a imposição de rótulos. Para Butler (2018, p.148), “a “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla sobre a realidade social pela exigência de uma construção discursiva/perceptiva dos corpos. No entanto, é preciso uma leitura crítica e interseccional desse enunciado revelando suas ambivalências e implicações ideológicas.

Na fala *Experimente coisas novas ,não se importe com seu gênero*, sugere-se uma ruptura com categorias de gênero ou sexualidade, além de uma tentativa de libertação das ideias socialmente impostas. Esse incentivo à fluidez pode ser visto como emancipador, promovendo a exploração subjetiva livre de rótulos binários e heteronormativos. Contudo, é crucial problematizar essa aparente liberdade quando contextualizada na vivência de mulheres sáficas, historicamente marcadas por lutas de visibilidade, reconhecimento e pertencimento. Enquanto o discurso pós-identitário incentiva uma desconexão com marcas identitárias como lésbica, bissexual ou heterossexual, deve-se considerar que essas identidades são, para muitos, espaços de resistência e afirmação diante de sistemas de opressão. A esse respeito, Rich (2012, p. 40) argumenta:

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e

até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar.

Nesse sentido, a ideia de *simplesmente viver* sem reconhecer ou afirmar essas identidades pode invisibilizar vivências que já são marginalizadas. Como exemplo, mulheres sáficas negras ou pertencentes a classes sociais mais vulneráveis frequentemente enfrentam violências estruturais que limitam o alcance desse discurso de fluidez. Essa aparente neutralidade do *não se importe com seu gênero* pode funcionar como um novo modo de silenciamento, disfarçado de liberdade, que não considera as desigualdades sociais interseccionais que permeiam esses corpos. Conforme Lorde (2009) reforça, em sua obra “Não existe hierarquia de opressão”, opressões não podem ser combatidas isoladamente, já que raça, gênero, classe e sexualidade estão interligados:

Entre as mulheres lésbicas, eu sou negra; e entre as pessoas negras, eu sou lésbica. Qualquer ataque contra as pessoas negras é um problema para lésbicas e gays, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é um problema para pessoas negras, porque milhares de lésbicas e homens gays são negros. Não existe hierarquia de opressão.

Portanto, a negação de categorias identitárias como marcadores relevantes no processo subjetivo pode também deslegitimar narrativas que desafiam as imposições culturais. Reconhecer essas identidades não é apenas afirmar quem somos, mas também reivindicar espaços no campo social em que resistimos às normas que buscam nos apagar. Para finalizar a análise, aprofundo a reflexão sobre essa fala: *depois de um tempo você mesmo vai tirar essa dúvida*. Esta pode ser entendida como uma tentativa de estimular o processo de autodescoberta e afirmação pessoal. Essa ideia reflete um movimento de internalização e reflexão sobre a identidade, promovendo a autonomia do indivíduo diante das normas sociais que frequentemente impõem categorizações fixas e limitadoras.

Comentário 29

Deixar ela ir da tempo ao tempo e tenta ocupar a cabeça com outras coisas viva a vida ela é única e passa super rápido seja feliz... saia, cante suas músicas favoritas e deixa as coisas acontecerem naturalmente pense que hoje possa ser seu último dia de vida e vc não fez nada que gosta então aproveite a vida para viver

Comentário 30

Para de tentar conversar migles. Ela não quer, respeita a decisão dela. Quando ce parar de procurar, ela dá um jeitinho. O mal das pessoas tá aí, achar que o outro não vai se cansar. Se a atenção q vc quer tem q pedir algo não está certo dê tempo ao tempo que a pessoa certa pra vc vai chegar

Os comentários 29 e 30 introduzem outro eixo discursivo, sendo os conselhos simbólicos sobre a reorientação emocional a partir da dor afetiva. No comentário 29, há um apelo à vivência plena e à valorização da vida em sua fragilidade, como foi mencionado em algumas situações – *cantar suas músicas favoritas, sair e ser feliz* –, assim, remetendo a uma lógica do autocuidado como resistência, bastante presente nos discursos de bem-estar e empoderamento contemporâneo. Associando esse conteúdo às ideias de Foucault (2012, p.263), o autor explora como o autocuidado está ligado ao autoconhecimento e é tanto uma forma de liberdade quanto uma responsabilidade em relação a si mesmo e aos outros. Assim, cuidar de si é um ato de se apropriar das verdades que guiam nossas escolhas e práticas, promovendo uma vida mais consciente e equilibrada.

A ideia de viver cada dia como se fosse o último, refletida na fala *pense que hoje possa ser seu último dia de vida e vc não fez nada que gosta então aproveite a vida para viver*, apresenta uma urgência própria da cultura digital. No entanto, quando direcionada a mulheres sáficas que estão enfrentando o luto afetivo, essa abordagem pode parecer rasa ou insuficiente, especialmente se ignorar as violências estruturais que permeiam suas vivências e contribuem para a profundidade de suas dores. É fundamental reconhecer que essas experiências não podem ser reduzidas a respostas simplistas, já que carregam camadas de opressões e desafios que exigem um olhar mais sensível e cuidadoso.

O comentário 30, por sua vez, se estrutura como uma crítica à insistência afetiva diante da rejeição. A interpelação direta em *migles* (forma afetiva e informal de ‘amiga’) atua como marcador de intimidade e pertencimento sáfico. Conforme Louro (2018, p. 51), “não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito e nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dispositivos, das convenções e das tecnologias”. Em continuidade, a frase *ela não quer, respeita a decisão dela* traz um componente de empoderamento e dignidade, especialmente ao afirmar que *a atenção que você quer tem que vir espontaneamente*. Contudo, o comentário encerra com a crença de que *quando você parar de procurar, ela dá um jeitinho*, reproduzindo uma lógica relacional baseada em estratégias de ausência e expectativa, que podem alimentar

relações tóxicas e instáveis. Tal ambivalência revela como os conselhos simbólicos, mesmo quando bem-intencionados, carregam contradições que merecem ser analisadas criticamente. Em suma, ambos os comentários reiteram a circulação de saberes afetivos e conselhos populares. A estética do *dê tempo ao tempo* e do *seja feliz* constrói não apenas opiniões de pessoas que já passaram por situações semelhantes, mas uma rede de apoio simbólica, que pode ajudar jovens lésbicas em processos de rejeição e autoconhecimento. Então, com os comentários analisados, sigo para o próximo ponto, em que discuto as afetividades entre mulheres.

3.3 A representatividade mediante as narrativas de afeto entre mulheres

Ao longo da análise, identifico como a representatividade nas narrativas de relações entre mulheres é um elemento fundamental para a afirmação identitária e a construção de subjetividades que desafiam a cisheteronormatividade dominante. Ao se ocuparem espaços midiáticos e discursivos com histórias sáficas, rompe-se o silenciamento histórico imposto às vivências afetivo-sexuais entre mulheres, possibilitando o reconhecimento, a validação e o pertencimento de sujeitos que, por muito tempo, foram relegados à margem. Para Bruna Irineu (2021), em diferentes contextos históricos, as múltiplas expressões das lesbianidades têm persistido como formas de resistência diante do apagamento, da lesbofobia de Estado e da falta de proteção social, reafirmando a luta contínua por reconhecimento e existência. As narrativas analisadas não apenas ampliam o repertório das experiências humanas, como também funcionam como dispositivos de resistência cultural, política e emocional, capazes de questionar os regimes de poder que moldam as noções de amor, família e normalidade. Nessa perspectiva, Swain (2004, p. 63-64) afirma:

Ao nomear, identificar, catalogar as lesbianas enquanto desvio da natureza, caricatura do masculino ou certa patologia, as ciências e o senso comum criaram, ao mesmo tempo, o espaço de sua existência, de sua presença no mundo. Deram origem assim à possibilidade de identificação, do encontro, da união, da reivindicação; a quebra da solidão engendra a corrente da informação, do conhecimento, da ajuda mútua, da solidariedade. Assim, as saídas do armário (*out of the closet*) se tornam mais frequentes, mais explícitas: o número diminui o medo, e a crescente visibilidade tende a diminuir o preconceito.

Nesse sentido, mesmo diante do estigma e da tentativa de invisibilizar vivências lésbicas, é possível construir espaços de pertencimento e resistência. Ao transformar a exclusão e a patologização dessas existências, as mulheres lésbicas começaram a se

encontrar, a compartilhar histórias e a formar redes de apoio e solidariedade. Essa visibilidade crescente não apenas diminui o medo, mas também desafia preconceitos e transforma o modo como a sociedade enxerga essas identidades. Cada vez que uma história é contada ou um espaço é ocupado, novos caminhos de reconhecimento e empoderamento se abrem, mostrando que é possível usar as dificuldades como motor para a liberdade e a valorização de quem se é. Perante o exposto, selecionei alguns comentários que contam histórias que resistem ao sistema opressivo e normatizador, trazendo representatividade de experiências sáficas.

3.3.1 A intensidade emocional nos relacionamentos sáficos expressados nos discursos digitais

A ideia de um amor eterno, sustentado pela promessa do “para sempre” é uma construção cultural profundamente enraizada nas narrativas ocidentais sobre o afeto, o compromisso e a felicidade. Esse ideal, amplamente disseminado por discursos religiosos, literários, midiáticos e até jurídicos, associa o verdadeiro amor à durabilidade, sugerindo que a plenitude das relações afetivas só se realiza na estabilidade e na continuidade indefinida. Contudo, tal expectativa pode operar como um mecanismo de controle, gerando frustrações e sentimentos de inadequação quando os vínculos não seguem esse modelo idealizado.

Em sociedades marcadas por mudanças nas dinâmicas de afeto, gênero e sexualidade, a perspectiva do comprometimento passa a ser interrogada por sujeitos que vivem formas alternativas de amar, muitas vezes mais fluidas, temporárias ou não monogâmicas. Isso não significa negar a profundidade ou a intensidade dos vínculos, mas deslocar o foco da duração para a qualidade das relações. No caso de relacionamentos sáficos, por exemplo, o “para sempre” pode carregar tanto o desejo de permanência quanto a necessidade de resistir a um contexto que frequentemente nega a legitimidade desses afetos.

Assim, refletir sobre o amor eterno é também uma forma de problematizar as normas que organizam nossas expectativas afetivas. Em vez de tratar a efemeridade como fracasso, é possível reconhecer a potência de vínculos que, mesmo breves, são construídos com cuidado, presença e verdade. Desconstruir o “para sempre” como regra absoluta pode abrir caminhos para experiências amorosas mais autênticas, plurais e libertadoras.

E quando ficarmos velhinhas eu te direi: Eu não te disse que era pra sempre?

Comentário 32

Minha maior alegria é saber que tenho você para amar, inefável
♥.

Ambos os comentários expressam afeto de forma intensa, mas constroem sentidos diferentes: um se ancora na idealização do *pra sempre*, enquanto o outro valoriza a intensidade do presente. Essa linguagem poética cria um espaço simbólico para a celebração do amor, ainda que afastado das complexidades da convivência real. Nesse sentido, como apontam estudos sobre coerência textual, os leitores constroem mundos possíveis a partir de processos cognitivos, mesmo que esses mundos não reflitam fielmente a realidade, como definem Ingedore Koch e Luiz Carlos Travaglia (2001, p.31). Assim, declarações como *quando ficarmos velhinhas* funcionam como projeções afetivas imaginadas, que inserem o discurso amoroso em um universo idealizado e sensível, próximo ao das narrativas ficcionais.

A filósofa e escritora feminista Simone de Beauvoir (2018) propõe uma reflexão sobre a idealização da velhice na sociedade. Em sua perspectiva, em um modelo social ideal, o envelhecer não seria compreendido como um processo de decadência, mas como uma etapa natural da vida, marcada por dignidade, equilíbrio e possibilidades. Em suas palavras:

Na sociedade ideal que acabo de evocar, pode-se imaginar que a velhice, por assim dizer, não existiria. Como acontece em certos casos privilegiados, o indivíduo, secretamente enfraquecido pela idade, mas não aparentemente debilitado, seria um dia acometido de uma doença à qual não resistiria; morreria sem ter passado por uma degradação. A última idade seria realmente conforme à definição que dela dão certos ideólogos burgueses: um momento da existência diferente da juventude e da maturidade, mas com seu próprio equilíbrio e deixando aberto ao indivíduo um grande leque de possibilidades (Beauvoir, 2018, p. 606).

Contudo, embora esse envelhecimento seja desejável, dificilmente se concretiza na realidade social, uma vez que é frequentemente associado à exclusão, à perda de valor social e à negação da autonomia dos sujeitos idosos. Essa realidade se torna ainda mais complexa quando atravessada por marcadores como a orientação sexual e a identidade de gênero, como é o caso de pessoas LGBTQIAPN+ idosas, que enfrentam o silenciamento de suas trajetórias e afetos ao longo da vida. Nesse sentido, o tema da 29ª Parada do Orgulho LGBTQ+ de 2025 de São Paulo/SP, *Envelhecer LGBTQ+: Memória, Resistência e*

*Futuro*⁵⁵, traz à tona a urgência de reconhecer e valorizar essas vivências, resgatando histórias muitas vezes apagadas e reafirmando o direito de envelhecer com dignidade, visibilidade e afeto. Os pesquisadores Ana Paola de Souza Lima e Danie Marcelo de Jesus (2020) refletem sobre o envelhecimento dos corpos transgêneros e como se diferenciam de corpos cis no que diz respeito à visibilidade social, às experiências de afeto e aos marcadores do tempo. Explicitam os autores:

Essas participantes asseveram que sofrem um sistema duplo de invisibilidade – o do gênero e o da juventude – conforme se nota em outras pesquisas que envolvem a população LGBT e revelaram subverter não apenas as normativas de gênero e corporeidades, mas também a fronteira que demarca o início do envelhecimento (Lima; Jesus, 2020, p. 198).

É importante refletir sobre como essas narrativas são atravessadas não apenas pelo etarismo, mas também pelas questões de gênero, o que evidencia múltiplas camadas de opressão que afetam os sujeitos dissidentes da norma. Essas experiências, frequentemente silenciadas ou romantizadas, aparecem em suas práticas discursivas cotidianas. Assim, os modos de narrar o amor, o desejo e a afetividade tornam-se também formas de resistência e de reinscrição de subjetividades marginalizadas.

Após a análise do comentário 31, por mais que evidencie uma mensagem bela e afetuosa, considero que tende a reforçar ideias românticas que privilegiam o amor eterno e perfeito, o que pode criar expectativas desafiadoras no contexto de relações humanas complexas. Todavia, é importante reconhecer que essas expressões de afeto têm um valor significativo, trazendo conforto e reafirmando o compromisso emocional entre as pessoas envolvidas, mesmo que, em muitos casos, os envolvidos estejam distantes geograficamente. Sara Ahmed (2014, p. 7) argumenta que as emoções não existem de forma isolada nos sujeitos, mas são produzidas nas relações com os objetos aos quais se dirigem, sendo simultaneamente moldadas por esses contatos, assim atribuindo sentidos e significados. Nesse contexto, em que os dados foram gerados, a mediação digital pode não apenas conectar pessoas com diferentes especificidades e em distintas regiões, mas também modificar seus sentimentos em contato com outras conexões virtuais.

Outro ponto crucial nos relacionamentos lésbicos diz respeito à intensidade com que os afetos são, muitas vezes, construídos, de maneira rápida, profunda e, por vezes, avassaladora. Essa característica não deve ser interpretada como excesso ou falta de

⁵⁵ Disponível em: <https://spdagaroa.com.br/parada-do-orgulho-lgbt-de-sao-paulo-em-2025-tema-da-29a-edicao-celebra-as-pessoas-60-da-comunidade-e-reforca-a-luta-por-dignidade-e-acolhimento>. Acesso em: 10 jul. 2025.

controle emocional, mas como resultado de um histórico marcado pela ausência de representatividade, carência de afeto, vivências de rejeição, silenciamento e experiências prolongadas de invisibilidade. A escritora Anne-Marie Zanzal (2024) aborda o termo “*U-Haul Lesbian*”⁵⁶, que se refere ao estereótipo dos casais lésbicos irem morar juntas rapidamente após um curto período de relacionamento; não é uma regra universal para todos os relacionamentos sáficos, no entanto essa é uma forma que mulheres lésbicas encontraram para ter um ambiente seguro e solidário. Essa busca por vínculos rápidos e intensos, ainda que marcada por estigmas e estereótipos como o *U-Haul Lesbian*, pode ser compreendida como uma estratégia de sobrevivência emocional e construção de espaços seguros entre mulheres sáficas. De acordo com Bauman (2004, p. 79), homens e mulheres buscam intensamente a união como forma de escapar da solidão, seja aquela que já experimentam ou a que temem enfrentar futuramente. O autor ainda cita Fromm, afirmando que “a união é ilusória e, no final, a experiência tende a ser frustrante”.

A busca desesperada pela união revela o medo humano da solidão e o desejo por conexões significativas que transcendam o isolamento existencial. Essa necessidade, contudo, só alcança a potência transformadora quando deixa de ser apenas refúgio emocional e passa a ser uma ação libertadora, uma prática política que desafia estruturas opressoras e promove liberdade coletiva, como afirma bell hooks (2021a, p. 283):

No momento em que escolhemos amar, começamos a progredir contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, caminhamos rumo à liberdade, agimos de forma a nos libertarmos e aos outros. Essa ação é o testemunho do amor como ato de liberdade.

Dessa forma, a união que nasce do desespero pode ser ressignificada como um gesto ético e emancipador quando atravessada pela escolha reflexiva de amar, não por carência ou medo da solidão, mas como forma de resistência ao controle e à insegurança. Nessa direção, é válido afirmar que o amor, quando exercido conscientemente, torna-se uma prática de libertação. De modo geral, quando duas mulheres que compartilham dores semelhantes se encontram, é comum que surja entre elas uma intimidade precoce, fundamentada no reconhecimento mútuo de suas trajetórias afetivas e emocionais atravessadas por opressões similares. Mulheres, ao tomarem consciência do cuidado, da escuta e da construção de vínculos emocionais, ao se relacionarem entre si, tendem a criar

⁵⁶ A expressão *U-Haul* faz referência a uma empresa norte-americana especializada no aluguel de caminhões, reboques e serviços de armazenamento, geralmente utilizada em processos de mudança residencial.

conexões marcadas pela leveza e profundidade, livres de entraves impostos pela heteronormatividade compulsória (Rich, 2012). Essas relações, por partirem de uma lógica de acolhimento e reciprocidade, desestabilizam modelos normativos e abrem espaço para afetividades potentes.

Nesse contexto, o amor sáfico se configura como um espaço de reconhecimento sensível, no qual a empatia ultrapassa a esfera da emoção e se torna uma forma de existência relacional, ancorada em práticas discursivas que expressam desejo, acolhimento e entrega. No entanto, toda essa intensidade afetiva, embora potente e transformadora, também pode gerar dinâmicas problemáticas, como a dependência emocional. Em contextos nos quais o afeto é vivido como território de refúgio e sobrevivência, corre-se o risco de que a fusão entre as identidades e os sentimentos se torne excessiva, dificultando o equilíbrio entre autonomia e vínculo. Para hooks (2021a, p. 282), “uma ética amorosa enfatiza a importância do serviço ao próximo”, por isso refletir sobre os modos de amar no universo sáfico implica também discutir os limites da entrega e a importância do cuidado de si no exercício do afeto.

No caso lexical do comentário 32, o adjetivo usado *inefável* (aquilo que não se pode exprimir em palavras) carrega um valor poético e espiritualizado, sinalizando uma tentativa de transcender o cotidiano pelo discurso amoroso. Orlandi (2001, p. 43) complementa que o sentido não está nas palavras em si, mas nas relações discursivas que produzem efeitos afetivos, simbólicos e ideológicos. Para Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (2016, p. 380), a interação mediada por tecnologia dá origem a novos comportamentos discursivos, resultantes da articulação entre experiências sociais, processos cognitivos e os limites e possibilidades das ferramentas digitais. Como exemplo disso, a autora cita o aumento da multimodalidade.

Embora o ideal de um amor eterno possa gerar expectativas de continuidade, é na conexão com o outro que revelações sobre a própria identidade frequentemente vêm à tona. Assim, o amor não se resume à ideia de permanência, mas atua como um espelho e um catalisador para a autodescoberta, permitindo que aspectos subjetivos antes ocultos sejam revelados na visão do outro.

3.3.2 Autodescoberta no olhar do outro: o amor como revelação

O amor, enquanto experiência afetiva e relacional, transcende a mera idealização romântica e se configura como espaço privilegiado de construção subjetiva. Quando se fala em autodescoberta no olhar do outro, faz-se referência ao processo pelo qual os

sujeitos, ao se relacionarem afetivamente, entram em contato com dimensões de si que antes permaneciam latentes ou invisibilizadas. Nesse sentido, o amor não apenas conecta, mas também revela, funcionando como um espelho que reflete suas fragilidades, desejos, limites e potencialidades. Essa revelação não ocorre de forma unidirecional, mas no entrelaçamento das experiências compartilhadas, nas quais o reconhecimento do outro possibilita o reconhecimento de si.

Sob essa perspectiva, o amor ativa deslocamentos internos e convida à reinvenção pessoal. De acordo com hooks (2021a, p. 279), “escolher o amor é ir contra os valores predominantes da cultura. Muitas pessoas sentem-se incapazes de amar a si mesmas ou aos outros, porque não sabem o que é o amor”. Para sujeitos que têm sua identidade à margem da sociedade, como as mulheres sáficas, o amor pode representar ainda um espaço de legitimação e visibilidade, contrapondo-se aos discursos que historicamente marginalizam suas formas de existência e afeto. O olhar do outro, quando mediado por respeito, escuta e acolhimento, torna-se catalisador de processos de autoaceitação e fortalecimento identitário.

Assim, compreender o amor como revelação é reconhecer seu papel ético e político na construção das subjetividades. Ao invés de ser apenas um sentimento idealizado, o amor pode ser um campo fértil de descoberta, cura e transformação, onde o encontro com o outro se transforma, simultaneamente, em um reencontro consigo.

Comentário 33

*Apenas quando me perdi no seu olhar eu descobri quem sou.
Apenas sentindo o seu suave toque eu entendi o significado de
viver.*

O comentário acima apresenta uma visão profundamente poética e introspectiva do amor, descrevendo-o como a força que conduz à autodescoberta e dá sentido à vida. A estrutura paralela, com a repetição de *apenas quando..* e *apenas sentindo..*, reforça uma construção sintática de efeito poético, comum em textos líricos. Segundo Koch (2000, p. 38), é relacionado à coerência estilística, que se manifesta quando o enunciador emprega, em seu texto elementos linguísticos, (léxico, tipos de estruturas, frases, etc.) que pertencem ao mesmo estilo ou registro linguístico. Essa perspectiva, no entanto, pode ser questionada ao sugerir que o *eu* só é descoberto na relação com o outro, indicando uma dependência que pode apagar a autonomia subjetiva. A centralidade do outro na construção da identidade pode refletir uma romantização cultural, que tende a sobrecarregar as relações amorosas com um peso emocional que pode ser difícil de

sustentar. Beauvoir (1967, p. 436) destaca que o amor autêntico deve ser fundamentado em uma relação de igualdade e liberdade mútua, na qual ambos se reconheçam como indivíduos livres e completos, capazes de coexistir sem abrir mão de sua individualidade:

O amor autêntico deveria assentar no reconhecimento recíproco de duas liberdades; cada um dos amantes se sentiria então como si mesmo e como o outro: nenhum abdicaria sua transcendência, nenhum se mutilaria; ambos desvendariam juntos, no mundo, valores e fins. Para um e para outro, o amor seria uma revelação de si mesmo pelo dom de si e o enriquecimento do universo.

A concepção de amor apresentada por Beauvoir aponta para uma vivência afetiva que não se ancora na posse ou na anulação do outro, mas na coexistência de liberdades que se reconhecem mutuamente. Nesse tipo de vínculo, o amor torna-se não apenas revelação do eu, mas também abertura para o mundo compartilhado, um espaço de construção conjunta de sentidos, em que nenhum dos sujeitos precisa renunciar à própria integridade para amar. Esse entendimento desloca o amor do campo da idealização para o da ação concreta, onde se faz necessário cultivar práticas cotidianas que sustentem essa liberdade recíproca. Diante disso, passo agora para o próximo tema, reciprocidade e trocas afetivas, a fim de refletir sobre como esses afetos se materializam nos gestos simples, nos cuidados diários e na disposição contínua para o encontro com o outro.

3.3.3 Troca e reciprocidade: o amor como prática cotidiana

A reciprocidade em relacionamentos sáficos emerge como um dos pilares fundamentais para a construção de vínculos afetivos éticos, sensíveis e transformadores. Em um contexto social ainda atravessado por normas heteronormativas e discursos que invisibilizam o afeto entre mulheres, as relações sáficas frequentemente desafiam estruturas tradicionais de poder e cuidado, elaborando formas mais horizontais de convivência. Nesses vínculos, a troca afetiva vai além de uma relação de equivalência, pois envolve escuta, presença, cuidado mútuo e a construção de espaços seguros nos quais ambas possam existir plenamente, em sua subjetividade e liberdade.

Ao contrário das dinâmicas de dominação que permeiam muitos relacionamentos marcados por papéis de gênero rígidos, as relações sáficas tendem a valorizar uma ética do cuidado compartilhado e do afeto como prática cotidiana. A reciprocidade, portanto, não é apenas desejável, mas vital: ela constitui o alicerce para o reconhecimento mútuo, para o apoio emocional e para o florescimento de experiências amorosas que resistem à lógica da hierarquia e do controle. Refletir sobre as trocas afetivas nesses contextos é

também reconhecer a potência política do amor entre mulheres e sua capacidade de inaugurar outras formas de estar no mundo.

Comentário 34

Eu te amo muito, e quero receber e te entregar tudo isso ❤️.

Na análise do comentário 34, é perceptível que o discurso adota um tom direto, enfatizando a reciprocidade como essência do amor. O desejo de *receber e te entregar tudo* representa um amor ativo e interativo, alinhado com a visão de hooks (2021b, p. 159): “a prática de dar e receber mutuamente é um ritual diário quando conhecemos o amor verdadeiro”. No entanto, o uso do emoji e a simplicidade da declaração também refletem as interações da comunicação afetiva em tempos digitais, em que sentimentos profundos são frequentemente expressos de maneira mais compacta e simbólica. Esse fenômeno se articula com o que Paveau (2022, p. 188) descreve ao analisar as formas de escrita digital, que são atravessadas por restrições técnicas e por uma natureza composta dos elementos linguageiros. Tais características, como a deslinearização, a hibridação e a imprevisibilidade, revelam que os modos de dizer afeto nas redes não são simplificações do sentimento, mas manifestações adaptadas às condições técnico-discursivas próprias do ambiente digital.

Ao se tratar desses agrupamentos que interagem no meio virtual, a pesquisadora brasileira Raquel Recuero (2009, p.148) traz o conceito *cluster* se referindo à comunidade de pessoas interconectadas dentro de uma rede social digital, que compartilham interesses, valores, identidades ou vínculos afetivos semelhantes. Turkle (1999, p. 120) acrescenta que a Internet não substitui as relações presenciais, mas pode fortalecê-las. Desse modo, o uso de ferramentas digitais pode criar e potencializar laços já existentes entre pessoas que se encontram presencialmente. No entanto, é preciso reconhecer como esses discursos estão inseridos em narrativas culturais que romantizam o amor como um espaço de realização plena, ignorando as dificuldades, os conflitos e as negociações que fazem parte de qualquer relação autêntica.

Sendo assim, apesar de a reciprocidade desempenhar um papel essencial na construção de relações afetivas mais equitativas, é fundamental problematizar a maneira como certos discursos podem ser atravessados por idealizações que atribuem ao amor a promessa de completude ou redenção pessoal. Embora o cuidado mútuo e a troca cotidiana sejam aspectos necessários para uma convivência saudável, narrativas que

posicionam o amor como única via legítima de autorrealização e felicidade plena podem distorcer essa valorização.

Portanto, torna-se imprescindível uma reflexão sobre as representações e vivências do amor, sobretudo, quando ele passa a ser encarado como um instrumento de cura absoluta ou um refúgio para dores e conflitos individuais. Esse deslocamento abre caminho para uma análise mais aprofundada da idealização do amor como forma de salvação, tema que será explorado na próxima seção.

3.3.4 A idealização do amor como salvação

No imaginário, alimentado por produções midiáticas, literatura e discursos religiosos, sustenta-se a crença de que o amor, especialmente o amor romântico, teria o poder de curar feridas, preencher vazios e redimir o sujeito de suas angústias individuais. No entanto, ao ser alçado à condição de promessa de completude, o amor torna-se também um campo de projeções e frustrações, uma vez que desconsidera as complexidades inerentes às relações humanas, como o conflito, a diferença e a impermanência.

Em contextos de afetos nos relacionamentos lésbicos, essa idealização pode adquirir contornos ainda mais delicados, pois convive com a urgência por validação e pertencimento diante de uma sociedade que historicamente marginaliza essas formas de amar. Cheryl Clarke (1988, p. 99) pondera que, historicamente, a lesbianidade foi entendida como relação afetiva entre mulheres, mas representa mais que isso: um reconhecimento e despertar da paixão entre elas, marcados por lutas e resistências ao longo do tempo. Assim, refletir sobre esse amor valioso, digno de salvar vidas, é também desconstruir expectativas irreais e abrir espaço para experiências mais éticas, conscientes e possíveis de afeto.

Comentário 35

Sabe mesmo com toda essa turbulência sei que é contigo que quero poder viver de mãos dadas sempre ao seu lado, só assim serei feliz ♥.

Comentário 36

como pode ser tão amor da minha vidaaaaa? Eu amo demais, razao! Me salvou do caos, me puxou, me ergueu, me deu amor, carinho, cumplicidade. Sou tua! Para sempre! □ □ ♥ 😍 So Deus sabe como a gente queria uma foto no feed♥ te amo, te quero, te preciso ♥ inefável.

O amor é descrito como um espaço de estabilidade emocional em meio à *turbulência*, representando a outra pessoa como a fonte única de felicidade. Embora essa visão ofereça um senso de cumplicidade e parceria, ela também pode sugerir uma dependência emocional. A autora bell hooks (2021b, p. 104) afirma que o verdadeiro despertar para o amor acontece apenas quando nos liberamos da busca incessante por poder e controle sobre o outro. As expressões como *de mãos dadas, sempre e feliz* constroem uma ideia de afeto duradouro, de companhia que permanece. Esse vocabulário carrega o desejo de continuidade, mas também revela como certos ideais românticos ainda se apoiam em valores profundamente enraizados na cultura heteronormativa.

Paul B. Preciado (2014, p. 186) comenta que “a homossexualidade, antes de ser identidade ou prática, é estrutura: separação originária dos sexos que funda o teatro do amor heterossexual”. Nesse contexto, o enunciado pode ser lido como um gesto de reapropriação afetiva, ou seja, mulheres lésbicas nomeando e reivindicando o direito de amar com ternura e permanência, sem que isso precise reproduzir a lógica amorosa normativa imposta por uma sociedade que historicamente as invisibilizou.

Relacionamentos saudáveis, idealmente, deveriam permitir a coexistência de interdependência e individualidade, evitando a completa centralização do bem-estar emocional em uma única pessoa. Diante desse assunto, a pesquisadora Geni Núñez (2023) traz o debate sobre a descolonização dos afetos, ou seja, repensar o modo como são compreendidos os relacionamentos afetivos, ampliando para além da lógica monogâmica e de suas exigências de exclusividade e controle. Nesse sentido, o compromisso deixa de ser entendido como um contrato fixo e passa a envolver práticas de autonomia, apoio mútuo e cuidado coletivo, orientadas pela construção de relações mais éticas e solidárias.

No comentário 36, adota-se uma linguagem intensamente emocional para expressar o amor como uma força redentora, capaz de salvar do “caos”. Essa narrativa encontra respaldo na reflexão de hooks (2021b, p. 155) sobre o conceito romântico de amor salvador:

Falsas noções sobre o amor nos ensinam que ele é o lugar onde não sentiremos dor, onde estaremos constantemente em êxtase. Temos de expor a falsidade dessas crenças para ver e aceitar a realidade de que o sofrimento e a dor não acabam quando começamos a amar.

Visto isso, é essencial desmascarar essas ilusões para compreender que o amor não elimina a dor, mas convive com os desafios e complexidades da experiência humana. O uso de emojis e menções ao *feed* digital reforça a ideia de que as expressões de afeto,

na era contemporânea, muitas vezes são projetadas tanto para o outro quanto para um público virtual, contribuindo para a construção de uma narrativa de amor idealizado e performático. Para Recuero (2009, p.154), “os laços são decorrentes de um vínculo associado à interação mútua, gerador de um pertencimento relacional”.

A partir das análises, é possível explorar o potencial do amor como uma força de conexão e cuidado, sem perder de vista as nuances e contradições da experiência afetiva. Os comentários celebram aspectos importantes do amor, como apoio mútuo, cumplicidade e compromisso. No entanto, também levantam questões sobre idealizações, dependência emocional e a influência das representações digitais, sugerindo a necessidade de equilibrar as narrativas românticas com uma visão mais realista e crítica das relações amorosas. O estudo permite explorar como o amor é vivenciado e representado em diferentes contextos, revelando suas complexidades e potenciais contradições. Assim, sigo para o próximo tópico, com a análise das problematizações identitárias dentro do contexto familiar.

3.4 Luta contra preconceitos sociais e familiares

Assumir-se enquanto mulher sáfica em uma sociedade marcada por preconceitos estruturais e normas heterocisnormativas é um ato de coragem que, muitas vezes, desencadeia enfrentamentos dolorosos tanto no âmbito social quanto familiar. A luta contra os preconceitos sociais e familiares se impõe como um desafio cotidiano para mulheres que se identificam como lésbicas ou bissexuais, que enfrentam desde a negação da própria existência até a tentativa de silenciamento de suas afetividades. O preconceito estrutural, reproduzido em instituições, discursos e práticas sociais, legitima formas sutis e explícitas de homofobia, que vão desde a invisibilização até a violência psicológica e física. No núcleo familiar, frequentemente idealizado como espaço de acolhimento, essas identidades são confrontadas com expectativas normativas que restringem a liberdade de ser e amar. Nesse contexto, a vivência sáfica se torna também uma forma de resistência, uma afirmação de identidade que desestabiliza padrões excludentes e reivindica o direito à existência plena.

As identidades sáficas são construídas em meio à tensão com estruturas sociais que historicamente invisibilizam vivências não heterossexuais. De acordo com Judith Butler (2018, p. 162), a categoria sexual e a heterossexualidade são construções sociais, reguladas politicamente, e não essências naturais. Funcionam como fetiches instituídos que reforçam normas e hierarquias. A partir dessa perspectiva, compreende-se que o

apagamento de identidades sáficas se manifesta como resultado de uma lógica que privilegia expressões de gênero e desejos considerados “aceitáveis”, excluindo tudo aquilo que foge à heteronormatividade. A homofobia, nesse contexto, funciona como um mecanismo de controle social, disciplinando os corpos dissidentes e reafirmando a hierarquia de sexualidades.

Além disso, a família, tradicionalmente vista como pilar de estabilidade e proteção, muitas vezes se torna um dos principais espaços de reprodução da violência simbólica contra pessoas LGBTQIAPN+. Para Bourdieu (2008, p. 126), a família opera como um princípio organizador da realidade coletiva, determinando normas e valores que estruturam as relações sociais. Para muitas mulheres sáficas, o ambiente familiar representa o primeiro grande obstáculo para a afirmação de sua identidade, no qual o silêncio, a negação ou até a expulsão de casa são experiências comuns. A expectativa de um percurso heterossexual, ainda dominante em muitos lares, limita as possibilidades de reconhecimento e pertencimento dessas subjetividades.

Nesse cenário, é relevante trazer a reflexão sobre o conceito de interseccionalidade, proposto por Kimberlé Crenshaw (1991), essencial para compreender como diferentes marcadores sociais, como gênero, sexualidade, raça e classe, se entrelaçam para produzir experiências de opressão únicas. Mulheres sáficas negras, por exemplo, enfrentam uma sobreposição de estigmas que intensificam sua exclusão social. Essa abordagem amplia o entendimento das desigualdades enfrentadas por essas mulheres, ao revelar que sua luta não é apenas contra a lesbofobia, mas também contra o racismo e o sexismo que perpassam suas existências. Assim, pensar a luta contra os preconceitos sociais e familiares exige uma leitura complexa e situada das múltiplas camadas de opressão vividas por esses sujeitos. A pesquisadora Guacira Lopes Louro (2001, p. 544) reflete que:

A maior visibilidade de gays e lésbicas sugeria que o movimento já não perturbava o status quo como antes. No entanto, tensões e críticas internas já se faziam sentir. Para muitos (especialmente para os grupos negros, latinos e jovens), as campanhas políticas estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico; para algumas lésbicas, o movimento repetia o privilegiamento masculino evidente na sociedade mais ampla, o que fazia com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias face às dos homens gays; para bissexuais, sadomasoquistas e transsexuais essa política de identidade era excludente e mantinha sua condição marginalizada.

A autora expõe os desafios enfrentados dentro do movimento LGBTQAPN+, destacando as tensões internas que limitam sua capacidade de representar a diversidade de experiências. Além disso, ressalta a importância de um movimento verdadeiramente inclusivo, que reconheça as múltiplas formas de existir e amar sem reproduzir desigualdades estruturais. Diante desse obstáculo, as mulheres sáficas, ao se colocarem no mundo de forma autêntica, não apenas desafiam o preconceito, mas também inspiram outras a romperem o silêncio e a reivindicarem seus espaços de pertencimento. Nesse sentido, a luta contra os preconceitos sociais e familiares não é apenas uma questão individual, mas coletiva e transformadora, que tensiona normas e amplia horizontes de liberdade.

3.4.1 Negociações familiares e resistências cotidianas

As relações familiares, embora tradicionalmente associadas ao cuidado, proteção e afeto, são também espaços de normatização e controle que atuam diretamente na formação das subjetividades. Para pessoas cujas identidades de gênero e orientações afetivo-sexuais que não se alinham com os padrões heterocisnormativos, o ambiente familiar pode representar tanto um local de pertencimento quanto de exclusão. Nesse contexto, as articulações familiares surgem como práticas de mediação que buscam conciliar o desejo de manter vínculos afetivos com a urgência de afirmar uma identidade. Tais negociações envolvem estratégias diversas, como silenciar aspectos da vida afetiva, evitar confrontos diretos ou, ao contrário, reivindicar espaços de fala e escuta dentro do núcleo familiar.

Nesse sentido, os comentários perpassaram por esses discursos e evidenciaram a complexidade das dinâmicas familiares, especialmente no que diz respeito às tensões voltadas ao vínculo materno. A mãe, frequentemente idealizada com um amor incondicional, pode carregar expectativas que, por vezes, entram em conflito com a afirmação da identidade individual. Também, outro conflito que aparece é a ideia de ser legitimada dentro do núcleo familiar, mostrando a busca por reconhecimento e pertencimento como um elemento central na construção de sua identidade.

Nesse contexto, a necessidade de "dar orgulho" à família revela não apenas o desejo de validação, mas também as pressões sociais que vinculam o sucesso e a aceitação à conformidade com determinados padrões. Para pessoas cujas orientações afetivo-sexuais destoam das normas heterocisnormativas, esse processo pode envolver desafios adicionais, uma vez que a aceitação familiar nem sempre ocorre de forma automática.

Ao longo dos diálogos, percebe-se que as articulações estabelecidas não apenas refletem tentativas de conciliação, mas também demonstram como a experiência afetiva é constantemente atravessada por expectativas sociais e culturais. Enquanto algumas pessoas encontram formas de ressignificar laços familiares sem abrir mão de sua identidade, outras enfrentam desafios que exigem processos mais profundos de reconstrução de vínculos ou, em certos casos, até o afastamento necessário para preservar o próprio bem-estar emocional.

Dessa maneira, ao analisar os discursos que permeiam essas negociações, torna-se evidente a importância de refletir sobre o papel da família não apenas como espaço de afeto, mas também como estrutura que pode reforçar ou desafiar normatividades e hierarquias. Para Bourdieu (2008, p. 131), “a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais”. Essa perspectiva contribui para a compreensão das relações familiares como territórios de disputa e reinvenção, nos quais os sujeitos, a partir de suas vivências, ressignificam suas trajetórias afetivas e identitárias, moldando-as a determinados estilos de vida e expectativas sociais.

Comentário 37

Minha mãe sempre falava isso , eu mostrei a ela que independente da minha opção sexual eu posso ser o orgulho da família , hoje sou formada e a cima de tudo mostrei que o respeito é o mas importante dentro de uma família . É difícil é complicado mas hoje trabalho , e ainda continuo com eles pra verem eu crescendo mais e mais. Respeito cada Não da minha mãe ou Pai , mas tbm não deixo de fazer oq sinto vontade ... Cada família tem um jeito diferente mas eu costumo a dizer que meus pais tiveram o tempo deles e as escolhas deles. Então Chegou a minha vez ♥fica bem isso vai passar , questão de mostrar que vc pode ser oq vc quiser independente de tudo .

Comentário 38

Minha mãe sempre dizia que não aceitaria minha sexualidade, mas hoje mostrei que o respeito é o mais importante dentro de uma família.

Comentário 39

Minha mãe sempre falava isso, eu mostrei a ela que, independente da minha opção sexual, eu posso ser o orgulho da família.

Comentário 40

Eu mostrei a minha mãe que, independente da minha orientação sexual, eu posso ser o orgulho da família.

Comentário 41

Cada família tem um jeito diferente, mas eu costumo dizer que meus pais tiveram o tempo deles e as escolhas deles. Agora chegou a minha vez.

Os comentários analisados evidenciam vivências de mulheres sáficas que enfrentaram inicialmente a rejeição familiar, sobretudo, da figura materna, ao revelarem sua orientação sexual. Para Bourdieu (2008, p. 132), a família funciona como um campo de relações de poder, no qual as escolhas sobre fecundidade, educação, casamento e consumo são moldadas por disputas internas e pela dominação masculina. Nesse contexto, a centralidade da mãe como guardiã dos valores tradicionais da família patriarcal reforça a estrutura normativa que orienta a organização doméstica que é atravessada por forças históricas e sociais que influenciam decisões cotidianas. A ideia da mãe como reprodutora desses valores demonstra que a lógica patriarcal não apenas impõe papéis sociais, mas também sustenta hierarquias dentro da própria família.

Verbos como *mostrar, posso ser, respeito, trabalho* constroem um campo semântico da afirmação de si, um eu que performa sua dignidade e capacidade moral, mesmo sob resistência familiar. Contudo, o ato de revelar seus sentimentos à família é um marco significativo na trajetória de uma pessoa LGBTQIAPN+, representando um momento de vulnerabilidade, autenticidade e construção de identidade. Esse ato pode ser desafiador, mas também abre caminhos para compreensão, aceitação e fortalecimento dos laços familiares. Em todos os relatos, nota-se a tentativa de ressignificar essa rejeição por meio da convivência baseada no respeito e na persistência afetiva. Para a pesquisadora Sedgwick (2007, p. 26), as expressões "armário" e "saída do armário" tornaram-se representações centrais da comunidade, sintetizando os desafios entre ocultamento e visibilidade. Nos comentários, ao afirmarem que “mostraram” à figura materna que podem ser o “orgulho da família”, essas mulheres exerceram uma forma de resistência à norma heterossexual sem, necessariamente, romper com os vínculos familiares.

Outro aspecto recorrente nos relatos das participantes é o discurso da superação por mérito pessoal, seja através da formação acadêmica, seja da inserção no mercado de trabalho, seja da conduta ética. Essa lógica meritocrática, embora pareça positiva à primeira vista, mascara as estruturas sociais que produzem desigualdades e acaba responsabilizando o indivíduo por superar obstáculos sistêmicos. Nancy Fraser (2006, p. 237) chama a atenção para os limites desse tipo de abordagem, ao afirmar que “remédios

afirmativos [...] corrigem os efeitos desiguais de arranjos sociais sem abalar a estrutura subjacente que os engendra”. Em outras palavras, o mérito individual é frequentemente exaltado como solução, enquanto o racismo, o sexismo e a lesbofobia institucionalizados continuam intactos, mantendo as desigualdades sob novas roupagens. Ao associarem a aceitação familiar à conquista de um ideal de excelência, essas narrativas revelam tanto o poder transformador das trajetórias individuais quanto a permanência de exigências simbólicas que recaem sobre identidades que não cisheteronormativas. Segundo Fraser (2006, p. 237), os “remédios transformativos [...] corrigem efeitos desiguais precisamente por meio da remodelação da estrutura gerativa subjacente”. Nesse contexto, o orgulho da família só é permitido quando a performance de “respeitabilidade” é alcançada.

Além disso, observo uma oscilação terminológica entre *opção sexual* e *orientação sexual*, refletindo diferentes níveis de letramento político em torno das discussões sobre sexualidade. A noção de *opção* sugere uma escolha, o que pode reforçar discursos patologizantes ou moralizantes. O uso da expressão “orientação”, por outro lado, se aproxima de uma compreensão mais politizada e identitária da sexualidade, reconhecendo-a como uma dimensão da subjetividade. Nesse sentido, Hall (2006, p. 13) afirma que as identidades são definidas historicamente, e não biologicamente, reforçando que os processos de reconhecimento e pertencimento são atravessados por contextos sociais e culturais e estão em constantes mudanças de significados.

A reivindicação de uma nova temporalidade aparece de forma significativa em um dos comentários, quando a autora afirma que *chegou a minha vez*. Essa fala rompe com a linearidade da autoridade parental e propõe um tempo próprio de existência e de escolha. Isso remete ao conceito de sujeito e à repetição histórica de Orlandi (2001, p. 54), em que não se imitam discursos do passado, mas se desloca e se reposiciona sua trajetória. Além disso, o uso de *chegou a minha vez* performa uma identidade que reivindica autonomia e autoridade. De acordo com Maingueneau (2010, p. 28), texto e contexto se entrelaçam com lugares sociais; com isso, a noção de autoridade do autor é construída discursiva e historicamente, assume um *ethos* e carrega um estatuto social. Diante desse comentário, é importante lembrar Bourdieu (2008, p. 131), ao evidenciar também que a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ao questionar as normas estabelecidas no ambiente familiar e escolher agir de acordo com sua própria identidade, a pessoa rompe com as imposições normativas que limitam sua autonomia. Esse movimento representa um ato de liberdade, permitindo que

ela construa sua trajetória sem necessariamente se submeter às expectativas tradicionais impostas pelo grupo familiar.

Em síntese, os comentários revelam estratégias complexas de resistência e afirmação identitária. As mulheres sáficas aqui representadas negociam seus lugares na família sem abdicar de si mesmas, desafiando, na prática, os modelos tradicionais de gênero e sexualidade. A partir da afetividade, do mérito simbólico e da reinvenção dos vínculos, essas narrativas contribuem para a desconstrução da norma heterossexual e para a construção de novas formas de pertencimento e visibilidade.

Além das dinâmicas familiares, outro aspecto fundamental a ser analisado diz respeito à representação estética da mulher sáfica e aos estigmas que a acompanham. Ao longo da história, essa imagem tem sido construída por meio de discursos que, muitas vezes, recaem sobre idealizações, fetichizações ou invisibilizações, dificultando o reconhecimento pleno de suas vivências e identidades.

3.4.2 A estética lesbiana: visibilidade, normatividade e performatividade de gênero

A expressão visual e política das subjetividades de mulheres que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres tem se constituído como um campo fértil de disputas por visibilidade, reconhecimento e pertencimento. Em um cenário marcado pela normatividade heterocisgênera, os corpos sáficos desafiam padrões estabelecidos ao performar identidades e afetos que escapam às expectativas dominantes sobre feminilidade, sexualidade e gênero. A forma como mulheres lésbicas se vestem, se apresentam e se relacionam em espaços públicos e digitais revela não apenas escolhas estéticas, mas também práticas de resistência e construção de comunidade.

A estetização da identidade sáfica é atravessada por diversas tensões internas, refletindo padrões sociais que impõem expectativas e normatizações sobre a expressão de gênero e sexualidade. É comum que mulheres sáficas que não seguem os padrões estéticos tradicionalmente associados à feminilidade sejam equivocadamente comparadas a homens cishéteros, tendo suas atitudes interpretadas como heteronormativas ou até como reprodução de opressões. Por outro lado, aquelas que se enquadram nos padrões convencionais de feminilidade tendem a ser mais aceitas tanto no meio social quanto no ambiente virtual. No entanto, essa aceitação frequentemente vem acompanhada de processos de invisibilização de sua orientação afetivo-sexual ou de fetichização, desconsiderando suas vivências reais e reforçando estereótipos que limitam suas possibilidades de expressão e reconhecimento.

Dessa maneira, é relevante refletir que nem toda representação gera empoderamento, e nem toda visibilidade promove inclusão. Algumas representações podem reforçar estereótipos negativos ou limitar a diversidade de experiências dentro daquele grupo, o que pode dificultar a construção de uma identidade autônoma e empoderada. Da mesma forma, a visibilidade por si só não garante inclusão, pois ela pode ocorrer sem mudanças estruturais que assegurem direitos e oportunidades reais. Assim, discutir a estética sáfica é também interrogar os limites entre visibilidade e normatização, e refletir sobre como a performatividade de gênero pode ser, simultaneamente, libertadora e constringedora dentro de um contexto que ainda marginaliza o afeto entre mulheres.

Comentário 42

Eu sou sapatão... mas tenho cara de hetero, e isso me incomoda demais, pq não vou mudar meu jeito, só pq a sociedade idealiza as coisas

Esse comentário, ainda que breve, traz elementos fundamentais para refletir sobre a normatividade de gênero e de expressão corporal, as expectativas sociais em torno da visibilidade lésbica e os conflitos subjetivos que emergem na vivência de uma identidade não heterossexual em um corpo que não performa os estereótipos esperados. A frase *sou sapatão... mas tenho cara de hétero* sintetiza uma tensão recorrente nos estudos de gênero e sexualidade: a discrepância entre identidade e aparência, e a forma como é socialmente percebida e politicamente vivida.

Em primeiro lugar, é importante destacar que a fala denuncia uma forma de invisibilização sáfica, na medida que revela como a não conformidade com os estereótipos de aparência lésbica pode resultar na negação ou apagamento da identidade sexual da interlocutora. Esse fenômeno é abordado por Butler (2018, p. 173), ao discutir que “os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero”. A *cara de hétero*, mencionada pela comentarista, é uma construção social baseada em signos de feminilidade tradicional que, culturalmente, foram associados à heterossexualidade compulsória (Rich, 2012).

A expressão de incômodo no excerto, *isso me incomoda demais*, explicita o sofrimento subjetivo gerado por essa invisibilização. Esse incômodo não decorre da identidade sapatão em si, mas da frustração de não ser reconhecida como tal em uma sociedade que exige uma codificação visual da expressão sexual. Tal exigência se manifesta por meio de padrões estéticos e comportamentais que definem o que é “ser lésbica” de maneira visualmente legível. A autora Swain (2004, p. 90) traz algumas

indagações diante dessas reflexões: “definir uma identidade é criar ao mesmo tempo um campo de exclusão [...] de que direito uma imagem disporia ao torna-se mais verdadeira que a outra? De que representações, que caminhos de poder são assim traçados?” Essas questões levantadas pela autora evidenciam como a construção de uma identidade visualmente legível pode resultar em processos de exclusão e normatização dentro da própria comunidade. A imposição de determinados padrões estéticos e comportamentais não apenas delimita quem é reconhecido dentro desse espaço, mas também reforça hierarquias internas que determinam quais expressões são consideradas legítimas.

Ao afirmar *não vou mudar meu jeito, só porque a sociedade idealiza as coisas*, a autora do comentário faz um gesto de resistência, recusando-se a performar uma estética lésbica padronizada, apenas para garantir reconhecimento identitário. Essa recusa se alinha com a crítica queer contemporânea, que questiona os próprios limites da visibilidade como ferramenta política. Carla Akotirene (2019, p. 28) destaca que as identidades não são estáticas e passam a se transformar continuamente, dando origem a novos modos de existência. Esse movimento se articula com as identidades coletivas de resistência, que emergem como respostas às opressões vividas e são ressignificadas.

Seguindo com o comentário, na parte *só pq a sociedade idealiza*, percebo uma postura discursiva de insubordinação às normas sociais heteronormativas que são impostas. Esse gesto de recusa ressalta a desconstrução sistemática das normas de gênero e sexualidade e, em sua dimensão positiva, a proclamação de um pacto de equivalência entre todos os corpos-sujeitos, na linha do que Preciado (2014, p. 22) designa como sociedade contrassexual:

A nova sociedade adota o nome de sociedade contrassexual, pela menos, por duas razões. Uma, de maneira negativa: a sociedade contrassexual se dedica à desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero. Duas, de maneira positiva: a sociedade contrassexual proclama a equivalência (e não a igualdade) de todos os corpos-sujeitos falantes que se comprometem com os termos do contrato contrassexual dedicado à busca do prazer-saber.

Ao suspender o apelo à “idealização” social, o enunciador afirma não apenas sua autonomia corporal e discursiva, mas também sua filiação a um sujeito histórico em transformação. Longe de reivindicar igualdade formal, ele engaja-se na construção de um *ethos* contrassexual, capaz de desestabilizar hierarquias e expandir as possibilidades de existir e desejar no espaço digital.

Esse comentário, portanto, levanta questões essenciais para a análise das políticas de visibilidade e autenticidade dentro das comunidades LGBTQIAPN+. Ele revela os desafios de se afirmar lésbica em um corpo que não performa os sinais esperados e, ao mesmo tempo, aponta para a necessidade de se ampliar as formas possíveis de ser, viver e parecer sapatão, sem que isso precise estar condicionado a um modelo hegemônico.

Partindo das expressões de aparência lesbiana enquanto forma de afirmar identidades e desafiar normatividades, é possível observar como essas construções visuais também se desdobram nas representações de amores entre mulheres em espaços públicos. Se vestir, andar de mãos dadas ou trocar gestos de carinho tornam-se não apenas atos cotidianos, mas afirmações políticas que tensionam os limites do que é socialmente aceitável, revelando as disputas em torno da presença e da legitimidade do afeto sáfico no cenário urbano.

3.4.3 Amor e medo nas ruas: a demonstração de afeto e disputa por espaços públicos

O amor entre mulheres, quando vivido em espaços públicos, torna-se um potente ato de resistência e afirmação diante de uma sociedade que insiste em invisibilizar e normatizar os afetos. A vivência sáfica em ambientes coletivos é atravessada por sentimentos ambivalentes: de um lado, o desejo de expressar livremente o afeto; de outro, o receio da exposição, da hostilidade e da violência lesbofóbica. Nesse contexto, o espaço público deixa de ser apenas um lugar de circulação e torna-se um território de disputa simbólica, onde o direito ao afeto é constantemente regulado ou negado. Assim, refletir sobre o amor e o medo nas ruas é compreender como a liberdade de amar está diretamente relacionada ao pertencimento social, ao direito à cidadania e à urgência de visibilizar corpos e afetos dissidentes como legítimos e dignos de existência plena.

Comentário 43

Meu sonho de princesa é poder te beijar em público um dia .

Comentário 44

Eu só quero poder beijar minha namorada em público sem medo.

O período de 2018–2019 foi marcado por significativos retrocessos nos direitos LGBTQIAPN+⁵⁷, especialmente com a ascensão do governo Bolsonaro, que intensificou discursos conservadores e políticas que fragilizaram a proteção dessa população. A extinção do Departamento de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (DPLGBT) e o aumento dos índices de violência contra pessoas LGBTQIAPN+⁵⁸ geraram um cenário de medo e insegurança, refletido nas interações digitais. Os pesquisadores Euzeneia Carlos, Matheus Mazzilli Pereira e Cristiano Rodrigues (2025, p. 27) mencionam, em seu estudo, algumas evidências do desmonte das políticas, sendo a mudança da nomenclatura da pasta de direitos humanos para incluir o termo “família”, contemplando apenas casais heteronormativos, e também a nomeação da pastora Damares Alves, na articulação da bancada evangélica no Parlamento. Esse período só reforçou ainda mais o discurso da “ideologia de gênero” como uma ameaça aos valores tradicionais.

Esse contexto sociopolítico se conecta diretamente à reivindicação presente nos comentários 43 e 44, que evidenciam como a afetividade lésbica, especialmente em espaços públicos, continua sendo um território de disputas e resistências. O desejo de poder beijar a namorada em público sem medo, longe de ser uma demanda simples, carrega em si uma luta por visibilidade e reconhecimento, confrontando o silenciamento imposto pelo conservadorismo que permeou esse período. O aumento da violência e da retórica discriminatória reforçou a necessidade de reafirmação e resistência por parte das mulheres sáficas, tornando o ato de demonstrar afeto publicamente uma reivindicação política. Dessa forma, os discursos não apenas representam manifestações individuais de desejo e pertencimento, mas também se inserem em um momento histórico marcado por embates entre conservadorismo e movimentos de resistência.

A frase *meu sonho de princesa é poder te beijar em público um dia* mistura lirismo e crítica social. A expressão *sonho de princesa* ficou conhecida na Internet como um jargão divertido e irônico que viralizou nas redes sociais brasileiras, usada para descrever situações que deveriam ser perfeitas, como nos contos de fadas, mas que acabam sendo bem diferentes da vida real. No final do comentário, *...é poder te beijar em público um dia*, demonstra o desejo de expressar esse amor genuíno entre mulheres, sem ser violentada ou fetichizada, assim como casais héteros expressam seus afetos publicamente.

⁵⁷ Disponível em: <https://ponte.org/os-retrocessos-do-governo-bolsonaro-para-lgbt-em-2019>. Acesso em: 18 maio 2025.

⁵⁸ Disponível em: <https://adiadorim.org/reportagens/2022/10/retrocesso-e-sucateamento-a-politica-lgbti-do-governo-bolsonaro/> Acesso em: 18 maio 2025.

Butler (2018, p. 33-34) argumenta que o reconhecimento social do amor está profundamente ligado à inteligibilidade dos corpos no sistema heteronormativo. Essa provocação que a pesquisadora traz parte do princípio de que o amor não é apenas uma experiência íntima ou emocional, mas uma construção que depende de como os corpos são reconhecidos e compreendidos dentro de normas culturais. Dito de outro modo, o amor só é reconhecido socialmente quando os corpos estão dentro da norma heterossexual; casais que não se encaixam no modelo heteronormativo são deslegitimados.

No comentário 44, a autora é ainda mais direta: *Eu só quero poder beijar minha namorada em público sem medo*. O uso da palavra *medo* denuncia uma realidade marcada pela violência (psicológica, verbal ou física) que ainda afeta a comunidade LGBTQIAPN+ em espaços públicos. Louro (2001, p. 551) sugere “analisar as estratégias [...] para vencer o medo e a atração das identidades desviantes e para recuperar uma suposta estabilidade no interior da identidade-padrão”. O espaço público, em tese democrático, revela-se como um território restritivo, que não garante segurança a todas as expressões de afeto.

Ambas as falas apontam para uma desigualdade no direito ao amor público. Enquanto casais heterossexuais usufruem da liberdade de trocar carícias em locais públicos sem maiores represálias, casais sáficos ainda precisam avaliar constantemente o contexto, o local e o olhar do outro. Além disso, esses comentários ilustram o quanto a afetividade entre mulheres ainda precisa ser reivindicada como direito e não apenas como escolha privada. Ao demandar o direito de beijar suas parceiras em público, essas mulheres reivindicam a legitimação de suas existências e de seus vínculos amorosos, abrindo espaço para a construção de uma cidadania afetiva que ultrapassa os marcos legais e penetra os cotidianos urbanos, escolares e familiares.

Em síntese, os comentários 43 e 44 tornam visível a violência estrutural que ainda restringe a liberdade sáfica de existir, amar e demonstrar afeto em público. Ao mesmo tempo, revelam um gesto de resistência e esperança, o desejo de um futuro em que o amor entre mulheres possa ser vivido com plenitude e visibilidade, sem medo, sem censura e sem a necessidade de esconder-se. Esses amores que fogem da heterossexualidade representados em espaços públicos desafiam as normas heterocisnormativas e afirmam outras possibilidades de existência afetiva. No entanto, essa visibilidade também encontra resistência, especialmente quando transborda para o ambiente digital, no qual podem ser atravessados por discursos conservadores e teorias da conspiração.

3.4.4 Infiltração conservadora nas redes

Nas últimas décadas, as redes sociais se consolidaram como espaços centrais de expressão, mobilização política e visibilidade de identidades historicamente marginalizadas. Para pessoas LGBTQIAPN+, mulheres negras, indígenas e outras subjetividades, essas plataformas se tornaram ambientes de construção de afetos, pertencimento e reivindicação de direitos. No entanto, esse lugar de aparente liberdade comunicacional pode ser atravessado por uma infiltração conservadora que pode agir de forma estratégica para neutralizar discursos contra-hegemônicos. Essa infiltração não se dá apenas por meio de conteúdos explícitos, mas também por ações coordenadas de silenciamento, como denúncias em massa, restrições algorítmicas e a censura velada de determinadas pautas.

Comentário 45

Gente vamos ler sobre o plano dos partidos socialistas sobre a URSAL vamos nos tornar uma Venezuela. Acorda povo! #elenão #elenunca!

Ao longo dos comentários analisados, observo uma prevalência de narrativas afetivas, identitárias e políticas que visam à valorização e à visibilidade das experiências sáficas. No entanto, o comentário 45, que evoca teorias conspiratórias sobre a URSAL, propaga desinformação política e mobiliza um discurso de pânico moral. Essa inserção de conteúdo conservador, aparentemente deslocado, pode ser compreendida como parte de uma estratégia maior de infiltração e deslegitimação, que busca minar os espaços de escuta e acolhimento LGBTQIAPN+ nos ambientes digitais. Segundo Wendy Brown (2019, p. 39), esse tipo de discurso populista-conservador atua na produção de um inimigo político interno:

O ataque neoliberal ao social [...] é fundamental para gerar uma cultura antidemocrática desde baixo, ao mesmo tempo em que constrói e legitima formas antidemocráticas de poder estatal desde cima. A sinergia entre os dois é profunda: uma cidadania cada vez mais não democrática e antidemocrática está mais e mais disposta a autorizar um Estado crescentemente antidemocrático. À medida que o ataque ao social derrota a compreensão democrática de sociedade zelada por um povo caracterizado pela diversidade e habilitado a governar a si de forma igualitária e compartilhada, a política se torna um campo de posicionamento extremo e intransigente, e a liberdade se torna um direito de apropriação, ruptura e até mesmo destruição do social - seu inimigo declarado.

Esse oponente é frequentemente representado pelas esquerdas e por minorias sexuais e de gênero, associando-as a uma suposta ameaça aos “valores da família” e à soberania nacional. Os termos utilizados no comentário, tais como *URSAL*, *partidos socialistas* e *Venezuela* fazem parte de um vocabulário político hiperbólico, associado à retórica da extrema-direita e ao discurso anticomunista conspiratório. Essa invasão discursiva, que se vale da circulação de memes, *hashtags* e teorias conspiratórias (como a da URSAL), é também sintomática do modo como o ambiente das redes sociais se tornou um campo de disputa ideológica. Bruna Andrade Irineu, Brendhon Andrade Oliveira e Milena Carlos Lacerda (2020, p. 100) contextualizam essa ascensão dos discursos conspiratórios e conservadores no Brasil em cargos públicos que impactam nos direitos da comunidade LGBTQIAPN+:

Até os dias atuais, os direitos sexuais e reprodutivos têm enfrentado conservadorismos institucionalizados no Poder Público. Políticos conservadores estão organizados por meio da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional, e tem promovido, do púlpito à tribuna, pânico morais que promovem discursos ‘em defesa da família tradicional’ e contra a ‘ideologia de gênero’, alocando movimentos LGBTI e feministas como agentes do mal e da imoralidade.

O cenário descrito por Irineu, Oliveira e Lacerda revela a forma como discursos conservadores têm se articulado para barrar avanços na garantia dos direitos sexuais e reprodutivos, instrumentalizando valores religiosos e morais para justificar políticas excludentes. Esse tipo de retórica não apenas estigmatiza movimentos LGBTQIAPN+ e feministas como também interfere diretamente na construção de políticas públicas voltadas à equidade e à justiça social. Ao atribuir esse papel de “inimigos da família”, os discursos dominantes reforçam estereótipos e perpetuam violências, deslegitimando vozes de quem não segue o padrão cisheteronormativo, minando espaços de liberdade e cidadania. Para Butler (2018, p. 162), a violência se manifesta não apenas em ataques explícitos, mas também na negação do reconhecimento discursivo de identidades que não se encaixam nos padrões sociais, o que ela chama de “violências textuais”.

Quando um comentário como esse emerge no meio de relatos sobre afeto, orgulho lésbico e resistência familiar, ele funciona como mecanismo de silenciamento indireto, desviando o foco da escuta empática e da construção de vínculos políticos entre mulheres sáficas. No entanto, no final apresenta os seguintes marcadores: *#elenão #elenunca*; isso demonstra ao leitor o posicionamento político do enunciador, pois essas *hashtags* foram

utilizadas para manifestação do repúdio ao candidato Jair Messias Bolsonaro⁵⁹, nas eleições de 2018. A pesquisadora Marie-Anne Paveau (2022, p. 239) afirma que as *hashtags*, enquanto tecnopalavras, operam como elementos híbridos entre linguagem e tecnologia, funcionando não apenas como marcadores temáticos, mas também como dispositivos de orientação interpretativa:

A hashtag desempenha então, o papel de uma informação complementar, entre expressão da emoção e modalização enunciativa, uma vez que é difícil distinguir o que diz respeito à descrição psicológica [...] ou a de sua subjetividade enunciativa. As hashtags #sarcasmo #ironia ou #humor são por outro lado, claramente modalizadoras, pois oferecem uma instrução interpretativa explícita.

Visto isso, por mais que a retórica apresentada não utiliza explicitamente uma *#ironia*, compreende-se que há um tom irônico implícito, pois os discursos da conspiração, como citada a Ursal, o plano socialista e o medo de “virarmos” uma Venezuela, partem de uma estratégia de manipulação. Essas narrativas, amplamente desmentidas por veículos de checagem de fatos⁶⁰, são mobilizadas por setores da extrema-direita para produzir medo, reforçar polarizações e deslegitimar adversários políticos. Nas palavras de Koch (2000, p. 152):

Numa concepção enunciativa do sentido, torna-se necessário distinguir, em cada enunciado, aquilo que nele aparece de maneira aberta ou pública - isto é, os argumentos que o locutor apresenta (ou admite ter apresentado), para induzir o alocutário a determinadas conclusões, aquelas abertamente apresentadas como visadas pelo locutor e que são constitutivas do sentido, daquelas que não o são. Mas é preciso reconhecer a existência dessas outras, apresentadas de forma velada, ou seja, por manipulação.

A autora aponta uma dinâmica de sentido entre o que é dito abertamente e o que é insinuado ou manipulado discursivamente, como é exemplificado no comentário 45. A inserção dos sinalizadores discursivos *#elenão* e *#elenunca* revela um jogo de ironia e ressignificação crítica, pois sendo explícitas em sua fala as teorias conspiratórias, deixa seu posicionamento ao final de forma velada. Nesse contexto, a retórica da extrema-direita é apropriada de forma satírica, desmontando seus efeitos de verdade pela duplicidade entre forma e intenção. Conectando com Recuero (2009, p. 91), as redes sociais são espaços dinâmicos, nos quais comunidades se formam, se desfazem, entram

⁵⁹ #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> acessado em: 25 de junho de 2025.

⁶⁰ Ursal não existe e, portanto, não armou esquema para manipular urnas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2018/10/18/ursal-nao-existe-e-portanto-nao-armou-esquema-para-manipular-urnas.htm> acessado em: 25 de junho de 2025.

em conflito ou competem por atenção e reconhecimento. Isso afeta a circulação dos sentidos e a visibilidade de identidades. Assim, a análise do comentário 45 revela que a presença sáfica nas redes não é garantida, mas constantemente ameaçada por discursos hegemônicos que tentam reconfigurar ou apagar sua potência política. A esse respeito, cito novamente Swain (2001, p. 88-89):

Os sistemas de interpretação se constituem de fato as redes de construção do mundo, pois as coisas tornam-se TAIS coisas em quadros precisos de interpretação. Assim, é a instituição da sociedade, de suas relações, de suas significações em limites precisos de interpretação que determina o que é real e ilusório, o que é natural ou contra a natureza, o que é dotado de sentido ou se encontram em um lugar de não-significação.

Dessa forma, compreende-se que a visibilidade sáfica nas redes sociais está diretamente vinculada aos sistemas de interpretação que regulam o que pode ser legitimado ou silenciado discursivamente. Em contextos marcados por hegemonias heteronormativas e cisnormativas, a emergência de discursos sáficos é constantemente tensionada por formas sutis de apagamento, que operam não apenas por meio da negação explícita, mas também pela reconfiguração de sentidos. A depender dos quadros que sustentam a leitura social, determinadas expressões de afeto, orgulho ou resistência podem ser deslocadas para zonas de não significação, nas quais perdem seu valor político e afetivo. É nesse cenário que se evidencia a importância de a análise discursiva: compreender que o conflito não se limita ao conteúdo explícito das mensagens, mas atravessa os modos pelos quais as mulheres lésbicas são validadas, ou não, a existir publicamente em ambientes digitais.

Diante do exposto, torna-se evidente que a luta contra os preconceitos sociais e familiares enfrentada por pessoas com identidades sáficas ultrapassa a esfera individual, configurando-se como um enfrentamento político e social contra estruturas opressoras. O reconhecimento dessas vivências permite compreender as múltiplas camadas de exclusão e silenciamento que atravessam a experiência lésbica. Ao denunciar a homofobia estrutural, questionar as normas de gênero e desafiar os padrões heteronormativos reproduzidos nas relações familiares, essas mulheres não apenas reivindicam o direito de existir, mas também abrem caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Assim, afirmar-se enquanto sapatão é também afirmar um projeto de transformação social que valoriza a diversidade, a liberdade e a dignidade de todas as formas de amar e de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, busquei compreender como as identidades lésbicas são construídas, representadas e tensionadas nas redes sociais, especialmente no Instagram, com o recorte temporal de 2018 a 2019, diante dos comentários postados nos perfis: @sapataodramas, @lesbicalizando_ofc e @elasseamamof. A partir das análises discursivas e netnográficas realizadas, percebi que o ambiente digital constitui um espaço ambíguo: ao mesmo tempo em que promove visibilidade, pertencimento e fortalecimento de vínculos afetivos entre mulheres que amam mulheres, também reproduz silenciamentos e mecanismos de exclusão sustentados por uma lógica heteronormativa e algorítmica.

O período de 2018 a 2019 no Brasil foi marcado por intensas transformações políticas e sociais, especialmente pelo avanço de pautas conservadoras e moralistas, que reforçaram discursos contrários à diversidade sexual e de gênero. O contexto de polarização ideológica, cortes em políticas públicas e desmonte de iniciativas voltadas aos direitos humanos impactou diretamente as formas de visibilidade das mulheres lésbicas e da comunidade LGBTQIAPN+ em geral. Nesse cenário, as redes sociais se tornaram não apenas espaços de expressão, mas também territórios de resistência e sobrevivência simbólica, na qual afetos, solidariedade e discursos de enfrentamento emergiram como respostas às tentativas de apagamento e silenciamento institucional.

As interações observadas revelam que a presença lésbica nas redes é um ato político, uma forma de resistência que desafia o apagamento histórico e a lesbofobia estrutural e de Estado. Os discursos analisados, marcados por narrativas de autoaceitação, humor, afeto e enfrentamento, demonstram como as redes sociais funcionam como espaços de (re)existência, nos quais as mulheres que se relacionam com outras mulheres constroem sentidos de si e de comunidade, ainda que sob o risco constante da censura e da marginalização.

Do ponto de vista teórico, este estudo contribui para o debate sobre representatividade, performatividade de gênero e sexualidade nas mídias digitais, articulando-se com algumas perspectivas da Análise do Discurso com metodologias netnográficas e autoetnográficas, visto que trago também minha vivência enquanto mulher lésbica, feminista e pesquisadora. A investigação reforça a importância de compreender as plataformas digitais não apenas como espaços de expressão, mas como territórios discursivos atravessados por relações de poder, nos quais a visibilidade se constrói de forma tensa e desigual.

Diante do exposto, reconheço como limitação desta pesquisa a ausência de prints dos comentários e de descrições dos perfis que os publicaram, uma vez que, no processo de geração dos dados, não foi possível extrair informações visuais ou contextuais dos usuários. Essa limitação decorre das características técnicas da coleta, que retornou apenas o conteúdo textual dos comentários. Evidencio a necessidade de aprofundar as interseccionalidades que atravessam as vivências lésbicas, especialmente as dimensões de raça, classe, geração e regionalidade, que influenciam diretamente as formas de visibilidade, exclusão e resistência nas redes. Pesquisas futuras que ampliem esses aspectos poderão contribuir para uma compreensão mais abrangente e plural das identidades lésbicas no contexto digital contemporâneo.

Em síntese, refletir sobre a visibilidade lésbica nas redes é reconhecer a potência política dos afetos e das narrativas que se insurgem contra o silêncio. É compreender que cada publicação, comentário e gesto de acolhimento virtual carrega uma forma de resistência, um grito de existência que reafirma o direito de amar, existir e ser visível, dentro e fora das telas. Finalizo com a provocação de Audre Lorde (2019), que nos convida a refletir: “na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo”.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. 2nd ed. Edinburgh University Press Ltd: Edinburgh, 2014.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre: Famecos/PUCRS, v. 13, nº 20, p. 34-40, 2008.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8 n. 01, p. 229-236, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BIRHANE, Abeba. Colonização algorítmica da África. In: SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos**. São Paulo: LiteraRUA, 2021. p. 169-180.

BOLSONARO, Jair. Entrevista ao programa **Custe o Que Custar (CQC)**, exibido pela Rede Bandeirantes. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=No5ai4YAnvQ>. Acesso em: 20 maio 2025.

BOLSONARO, Jair. Entrevista concedida à jornalista Leda Nagle. **Canal Leda Nagle** [YouTube], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zFZ6j8aBkc>. Acesso em: 20 maio 2025.

BONETTI, Alinne de Lima. Etnografia, gênero e poder: antropologia feminista em ação. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 105-122, jul./dez. 2009. Universidade Estadual de Londrina: Londrina.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Espíritos de Estado. Gênese e estrutura do campo burocrático. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

boyd, danah; LEVY, Karen; MARWICK, Alice. The networked nature of algorithmic discrimination. **Open Technology Institute, New America**, 2014. Disponível em: <https://www.newamerica.org/oti/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Traduzido por Mario Antunes Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMERON, Deborah. **Verbal Hygiene**. New York: Routledge, 1995.

CARLOS, Euzeneia; PEREIRA, Matheus Mazzilli; RODRIGUES, Cristiano. Desmonte de políticas públicas no governo Bolsonaro: políticas para mulheres, de igualdade racial e para LGBTQIA+ em perspectiva comparada. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 124, 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTAÑEDA SALGADO, Martha Patricia. Etnografia feminista. *In*: LAGARDE, Marcela (org.). **Investigación feminista**: epistemología, metodología y representaciones sociales. México: UNAM, 2012.

CLARKE, Cheryl. El lesbianismo: un acto de resistencia. *In*: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (org.). **Esta puente, mi espalda**: voces de las tercermundistas en los Estados Unidos. San Francisco: ISM Press, 1988.

CLARKE, Cheryl. Intimacy no luxury. *In*: CLARKE, Cheryl. **The days of good looks**: the prose and poetry of Cheryl Clarke. New York: Da Capo Press, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias**: a interseccionalidade como teoria social crítica. Tradução de Bruna Barros e Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. 2nd ed. United States of America: Cambridge University Press, 2006.

CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual**: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. 1º ed. Bogotá: Brecha Lésbica y en la frontera, 2013.

CURIEL, Ochy. **El Lesbianismo Feminista: Una propuesta política transformadora**. Alainet: 2007. Disponível em: https://ia601000.us.archive.org/30/items/cuerpos_sexualidades_revolucionarias/El%20Lesbianismo%20Feminista_%20una%20propuesta%20pol%C3%ADtica%20transformadora.pdf Acesso em: 13 jan. 2025.

DENZIN, Norman Kent. Autoetnografia interpretativa. **Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 81–84, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01036>. Acesso em: 19 maio 2025.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FACIOLI, Lara Rodrigues; GOMES, Simone da Silva Ribeiro. O ativismo feminista online no Brasil: aportes para uma agenda em construção. **Civitas: Revista de Ciências Sociais**, v. 22, jan./dez. Porto Alegre: Escola de Humanidades, 2022, p. 1-11. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.40496>. Acesso em: 09 jan. 2025.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 2001.

FERNANDES, Marisa; SOLER, Luiza Dantas; LEITE, Maria Cecília Burgos Paiva. Saúde das mulheres lésbicas e atenção à saúde: nem integralidade, nem equidade diante das invisibilidades. **Diversidade Sexual e de Gênero**, v. 19, n. 2, p. 37-46, dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Política e Sexualidade: Ditos e escritos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. v. V. p. 258-280.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1988b.

FRANÇA, Fanny Spina. **Orgulho lésbico: a memória da revolta do Ferro's Bar e reflexões para lésbicas do presente**. Santa Catarina: IEG (Instituto de Estudos de Gênero), 2020. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/noticias/3030> Acesso em: 15 jan. 2025.

FRASER, Nancy. Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”. Tradução de Julio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, mai-ago, p. 333-356, 2011.

GOMES, Lela. Mulher gay não. Eu sou Lésbica! **Revista Claudia**, 2022. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/mulher-gay-nao-eu-sou-lesbica>. Acesso em: 26 jan. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p.7-42, 1995.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: embedded, embodied and everyday. 1st ed, London: Routledge, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003085348>. Acesso em: 20 jan. 2025.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Tradução de Cristián P. Hormazábal. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

hooks, bell. O amor como ato de liberdade. Tradução de Thiago Pinho. **Anãnsi**: Revista de Filosofia, Universidade do Estado da Bahia: Salvador, v. 2, n. 2, p. 277-283, 2021a.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Elefante, 2021b.

IRIGARAY, Luce. **Este sexo não é só um**: sexualidade e status social da mulher. Tradução de Cecília Prada. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017.

IRINEU, Bruna Andrade; OLIVEIRA, Brendhon Andrade; LACERDA, Milena Carlos. Um balanço crítico acerca da regressão dos direitos LGBTI no Brasil sob ascensão do Bolsonarismo. In: IRINEU, Bruna Andrade *et al.* (org.). **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero**: temas emergentes. Salvador: Editora Devires, 2020.

IRINEU, Bruna Andrade. Lesbofobia de Estado e política de extermínio. **Revista Cult**, 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/lesbofobia-de-estado-e-politica-de-extermínio/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

JEFFREYS, Sheila. **La herejía lesbiana**: una perspectiva feminista de la revolución sexual lesbiana. Traducción Heide Braun. Catedra, 1996.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

LEONEL, Vange. **Grrrls**: garotas iradas. São Paulo: Edições GLS, 2001.

LIEBGOTT, Camila Bonin. **Posso te contar histórias de mulheres como eu?** os ativismos on-line de jovens lésbicas e a construção de suas identizações. 2023. 257f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023.

LIMA, Ana Paola de Souza; JESUS, Danie Marcelo de. **Corpos em transformação:** narrativas de mulheres trans e travestis sobre os sentidos de envelhecer. *In:* IRINEU, Bruna Andrade *et al.* **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero:** temas emergentes. Salvador: Editora Devires, 2020.

LIRA, Flávia Blanco. **Lesbiandades:** o ruído das mídias constrói desinformação. 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Filosofia Comunicação Literatura e Artes – FAFICLA. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. **I am your sister:** collected writings of Audre Lorde. Tradução de Pé Moreira. Nova York: Oxford University Press, 2009.

LORDE, Audre. **A Burst of Light:** and Other Essays. Ithaca, NY: Firebrand Books, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541–553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LUGONES, María. Heterosexuality and the Colonial/Modern Gender System. **Hypatia**, v. 22, n. 1, p. 186-209, 2007.

MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no sul global. *In:* SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco (org). **Colonialismo de dados:** como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021. p. 53-68.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Ed. Parábola, 2010.

MARTINEZ, Fabiana Jordão. Militantes e radicais da quarta onda: o feminismo na era digital. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n370177. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n370177>. Acesso em: 09 jan. 2025.

MARTINHO, Míriam. Lésbicas em movimento: a trajetória da organização lésbica no Brasil. **Boletim Um Outro Olhar**, n. 9, 2004. Disponível em <https://www.umoutroolhar.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MEDEIROS, Bárbara Ynayê Cordeiro de. **O que dizem as mães do Instagram sobre a dupla maternidade homoafetiva?** 2023. 136f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2023.

MENEZES, Allan Dayvidson de Azevedo; MARTINHÃO, Viviane Suzano. Encontros marcados: sobre narrativas, políticas de aliança e saúde mental LGBTI+. **Revista Rebeh**, Redenção, v. 2, n. 1, p. 59–82, 2018.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade política. Tradução de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: literatura, língua e identidade**, Rio de Janeiro, nº 34, p. 287-324, 2008.

MOTTER, Ju. **Falar do ódio fora do ódio: testemunho de ativistas lésbicas sobre o discurso de ódio nas redes sociais**. 2018. 89 f. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MOTTER, Ju. Como as plataformas digitais têm (re)produzido as lesbianidades? Uma abordagem decolonial dos processos de plataformização das sexualidades. *In: Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia*. São Carlos: UFSCAR, 2021, p. 1690-1706.

NAGATA, Kabi. **Minha experiência lésbica com a solidão**. São Paulo: NewPop, 2019.

NOBLE, Safiya Umoja. **Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo**. Tradução de Felipe Damorim. São Paulo: Editora Rua do Sabão, 2021.

NÚÑES, Geni. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A linguagem dos Emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 379-399, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318134955176321>. Acesso em: 15 maio 2025.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Tradução de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas (org.). 2. ed. São Paulo: Pontes, 2022.

PEREZ, Olivia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 3, 2023. DOI: 10.1590/1806-9584-2023v31n383260

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **Revista D.E.L.T.A.**, 21:1, p. 1-26, 2007.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REINHARZ, Shulamit. **Feminist methods in social research**. New York: Oxford University Press, 1992.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**. Tradução de Carlos Guilherme do Valle. Rio Grande do Norte: Bagoas, p. 17-44, v. 4, n. 05, 2012.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIOS, Cassandra. **As traças**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SALGADO, Luciana Salazar. O sentido que o algoritmo faz – ou faz fazer. **Brasil 247.com**, 2021.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: subjetividade nos gêneros confessionais da Internet. 240f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SIGNORINI, Inês. Epistemologias da pesquisa no campo aplicado dos estudos da língua(gem). **Delta: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 30, n. 3, p. III-VI, nov. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445089514114781381>. Acesso em: 18 jan. 2025.

SILVA, Perla Haydee da. **De louca a incompetente**: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff. 139f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2019.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jun. 2007.

SOUZA, Simone Brandão. **Lésbicas, entendidas, mulheres viados, ladies**: as várias identidades sexuais e de gênero que reiteram e subvertem a heteronorma em uma unidade prisional feminina da Bahia. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SPADE, Dean. **Apoyo Mutuo**. Construir solidariedad en sociedades en crisis. Traducción: Pamela Capps-Toro. Madrid: Traficantes de Sueños, 2022.

SWAIN, Tania Navarro. **O que é lesbianismo?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

SWAIN, Tania Navarro. Para além do binário: os queers e o heterogêneo. **Revista Gênero**, Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 2, n. 1, p. 87-98, 2001.

TURKLE, Sherry. Fronteiras do real e do virtual. Entrevista concedida a Federico Casalegno. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 11, p. 117-123, dez. 1999.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. **The platform society: public values in a connected world**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. United States of America: Beacon Press Books, 1992.

WOLF, Sherry. **Sexualidade e socialismo: história, política e teoria da libertação LGBT**. Tradução do Coletivo LGBT Comunista. São Paulo: Autonomia, 2021.

ZANZAL, Anne-Marie. **Lesbian U-Hauling... is it a real thing?** Disponível em: <https://annemariezanzal.com/lesbian-u-hauling-is-it-a-real-thing/>. Acesso em: 13 jul. 2025.